

Isabelle Autissier

Subitamente, Sós



Um sonho que tem tudo
para se tornar um pesadelo



ISABELLE AUTISSIER

SUBITAMENTE, SÓS

Traduzido do francês por
Luísa Benvinda Álvares

Romance

Ficha Técnica

Título original: Soudain, seuls
Título da edição portuguesa: Subitamente, Sós
Autoria: Isabelle Autissier
Edição: Maria do Rosário Pedreira
Tradução do francês: Luísa Benvinda Álvares
Revisão: Madalena Escourido
Capa: arte e design de ©Rui Rosa para a LeYa, S.A.
ISBN: 9789896616137

CASA DAS LETRAS
uma chancela da empresa LeYa, S.A.
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

Copyright original:
© Éditions Stock, 2015
Copyright da edição portuguesa:
© LeYa, S.A., 2021
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
E-mail: info@casadasletras.leya.com
www.leya.com

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

índice

[Capa](#)

[Ficha Técnica](#)

[Lá longe](#)

[Aqui](#)

Lá longe

Partiram cedo. O dia prometia ser magnífico, como acontece por vezes nestas latitudes atormentadas, com o céu de um azul profundo, líquido, e a transparência própria do hemisfério sul, entre os paralelos 50 e 60. Sem fazer uma ruga sequer na superfície, *Jasão*, o barco deles, parece não exercer qualquer peso sobre o tapete de água escura. Os albatrozes, à falta de vento, pedalam suavemente à volta do casco.

Puxaram pela praia o bote de apoio, até bem acima, e contornaram a antiga estação baleeira. As chapas enferrujadas, douradas pelo sol, têm um ar alegre, misturando os ocres, os fulvos e os ruivos. Abandonada pelos homens, a estação foi reocupada pelos animais, esses mesmos que durante tanto tempo foram perseguidos, atacados, esventrados e postos a cozer em enormes caldeiras que agora estão em ruínas. Por trás de cada monte de tijolos, nas cabanas desmoronadas, no meio de um emaranhado de canos que já não levam nada a lado nenhum, refastelam-se grupos de pinguins circunspetos, famílias de otárias e elefantes-marinhos. Ficaram a contemplá-los durante um bom bocado e só quando a manhã já ia adiantada é que começaram a subir o vale.

«Umas boas três horas», dissera-lhes Hervé, um dos raros humanos a ter ali chegado. Na ilha, logo que uma pessoa se afasta da planície costeira, o verde desaparece. O mundo passa a ser mineral; rochas, falésias, picos coroados de glaciares. Caminham a bom ritmo e rindo às gargalhadas, como se fossem adolescentes a vadiar, perante a cor de uma pedra ou a limpidez de um riacho. Ao chegarem ao primeiro ressalto, antes de deixarem de ver o mar, fazem outra pausa. É tão simples, tão belo, quase indizível. A baía cercada de paredes rochosas enegrecidas, a água a cintilar como prata, remexida pela leve brisa que se levanta, a mancha alaranjada da velha estação e o barco, o seu magnífico barco, que parece dormir de asas recolhidas, como os albatrozes da manhã. Ao largo, rebrilham na luz alguns mastodontes imóveis, branco-azulados; com o tempo calmo, não há nada mais tranquilo do que um icebergue. O céu está riscado com enormes arranhões e, a grande altitude, há nuvens sem sombra que o sol orla a ouro.

Ficam fascinados durante muito tempo, a saborear esta visão. Tempo demais, sem dúvida. Louise repara que está a ficar cinzento a oeste e as suas antenas de alpinista levantam-se em alerta.

– Não achas que era melhor voltarmos? Estão a aparecer nuvens. – O tom dela é falsamente animado, mas a preocupação transparece.

– De modo nenhum! Tu ficas sempre aflita! Se estiver enevoadado, teremos menos calor.

Ludovic tenta não deixar transparecer impaciência na voz, mas ela irrita-o com tanta inquietação. Se lhe tivesse dado ouvidos, não estariam ali, sozinhos como reis numa ilha do fim do mundo. Nunca teriam comprado o barco nem embarcado naquela viagem fantástica. Sim, o céu está a encobrir-se ao longe, mas no pior dos casos vão ficar molhados. É o preço da aventura, ou até mesmo o seu objetivo, saírem do torpor dos escritórios parisienses que quase os engoliam numa moleza confortável e os deixavam no limiar da vida. Assim, quando chegassem aos sessenta anos, só teriam o desgosto de não terem vivido nada, de nunca terem lutado, de não se terem descoberto. Faz um esforço para encontrar um tom de voz conciliador.

– É agora ou nunca que vamos ver o célebre lago seco. Hervé disse-me que não há em nenhuma outra parte do mundo um labirinto destes de colunas de gelo presas à terra. Lembra-te das fotografias incríveis que ele mostrou. Além disso, não ando a carregar material de escalada para ficar por aqui. Vais ver que vamos adorar, e tu ainda mais do que eu.

Está a tocar-lhe no ponto fraco. Louise é que é a alpinista. Até foi por ela que ele escolheu este destino: uma ilha austral, mas com montanhas; um amontoado de picos, cada um mais virgem do que o outro, colocados no meio do oceano Atlântico, acima do paralelo 50 sul.

*

São já 14h00 e o céu está visivelmente a escurecer quando chegam ao último cume. Hervé não mentiu, é de cortar a respiração. Uma cratera com mais de um quilómetro de comprimento abre-se numa oval perfeita. Está completamente vazia e tem os lados atapetados com círculos concêntricos formados pelo recuo da água, como se fosse o crescente de uma unha gigante. Já não há lá qualquer vestígio de água. Através de um estranho fenómeno de sifão, o lago esvaziou-se por baixo de uma barreira rochosa. Presas na antiga bacia, restam apenas gigantescas colunas de gelo, algumas

com várias dezenas de metros de altura, testemunhas de um tempo em que formavam um todo, com o glaciário mais abaixo. Há quanto tempo estão ali, apertadas umas contra as outras como um exército esquecido? Debaixo do céu agora cinzento, os monólitos, salpicados de uma velha poeira, exalam uma melancolia pungente. Louise suplica mais uma vez que voltem para trás.

— Já sabemos onde é, podemos voltar. Não vale a pena ficarmos encharcados...

Mas Ludovic está já a descer pela cratera, gritando de prazer. Vagueiam uns momentos pelo meio das colunas de gelo ali encalhadas. De perto, parecem sinistras. Os brancos e os azuis, habitualmente brilhantes, estão sujos de terra. Um derretimento lento embacia-lhes a superfície e dá-lhes a aparência de um pergaminho carcomido pelos insetos. Apesar disso, os dois jovens sentem-se subjugados por aquela beleza sombria. Fazem deslizar as mãos pelos alvéolos gastos, acariciam a parede fria, sonhadores. O que está agora a derreter diante dos seus olhos existia muito antes deles, muito antes de o *Homo sapiens* vir perturbar a superfície do planeta. Põem-se a sussurrar como se estivessem numa catedral, como se as suas vozes pudessem quebrar um equilíbrio tão frágil.

A chuva que começa a cair interrompe-lhes a contemplação.

— Seja como for, este gelo está podre. Hervé divertiu-se a trepá-lo, mas, com franqueza, não vejo o interesse disso. Era melhor despacharmo-nos a voltar. Está a levantar-se vento e arriscamo-nos a uma linda brincadeira com o pequeno motor fora de borda do bote.

Agora Louise já não está a refilar, assumiu o comando. Ludovic conhece aquele tom de voz decidido. E também sabe que é frequente ela ter faro e boa capacidade de discernimento. Vão regressar.

Voltam a subir a cratera e descem a encosta até à abertura do vale. Já têm os blusões a estalar com o vento e os pés escorregam nas pedras húmidas. O tempo mudou muito rapidamente. Ao chegarem ao último desfiladeiro, reparam, sem trocarem uma palavra, que a baía já não se parece nada com a tranquila visão da ida. Uma fada má transformou-a numa superfície negra turvada por lâminas enraivecidas. Louise corre, Ludovic tropeça atrás dela, a praguejar. Chegam à praia sem fôlego. As ondas rebentam em balbúrdia. Na ondulação que se forma, vê-se o barco a oscilar violentamente no fim da corrente que o amarra.

– Bem, vamos ficar encharcados. Merecíamos um bom chocolate quente!
– fanfarrona Ludovic. – Põe-te aí na frente e rema contra as ondas, enquanto eu empurro! Logo que conseguirmos passar a rebentação, ligarei o motor.

Arrastam o bote, à espreita de uma acalmia. A água gelada bate-lhes nos joelhos.

– Vá! Depressa! Rema... rema, por amor de Deus!

Ludovic derrapa na areia molhada; Louise, na frente, manobra o remo a toda a velocidade. Uma primeira onda rebenta, enchendo o barquito, a segunda apanha-o de lado, levanta-o e vira-o ao contrário como se fosse uma pena. Os dois jovens veem-se atirados um contra o outro, num turbilhão branco.

– Merda!

Ludovic apanha com uma mão a amarra do bote, que já está a ser levada no refluxo. Louise massaja o ombro.

– Levei com o motor nas costas e magoei-me.

Escorrem água encostados um ao outro, assustados com aquela violência súbita.

– Vamos arrastar o bote para ali. Naquele canto da praia a rebentação não é tão forte.

Corajosamente, puxam a pequena embarcação para um local que lhes parece mais propício. Quando chegam lá, são forçados a concluir que a situação pouco melhor é. Por duas vezes repetem a manobra, por duas vezes são atirados para um turbilhão de espuma.

– Para! Nunca vamos conseguir e estou cheia de dores!

Louise deixou-se cair ao chão. Segura o braço fazendo caretas e correm-lhe lágrimas, invisíveis no meio da chuva que lhe chicoteia a cara. Ludovic dá um pontapé furioso que faz levantar um jorro de areia. A frustração e a cólera invadem-no. Que porcaria de lugar! Que porcaria de ilha, de vento, de mar! Meia hora, uma hora mais cedo, no máximo, e estariam nesse momento a secar-se diante do fogão e a rirem daquela aventura. Está furioso com a própria impotência e com os remorsos que se vão insinuando dolorosamente nele.

– OK, não vamos conseguir. Ouve, vamos abrigar-nos na estação e deixar que isto passe. O vento levantou-se subitamente, também não demorará a parar.

Com dificuldade, voltam a levar o bote para a parte de cima da praia, prendem-no a um poste cinzento sem idade e avançam por entre os escombros de tábuas e de chapas.

Em sessenta anos, o vento foi atuando sobre a antiga base baleeira. Alguns edifícios foram destruídos a partir do interior, como numa explosão. Algumas pedras, ao voarem, partiram os vidros das janelas, e o vento, introduzindo-se por ali adentro, encarregou-se do resto. E algumas construções estão perigosamente periclitantes, à espera do golpe de misericórdia. Ao lado de um grande tabique de madeira inclinado, para onde as baleias eram arrastadas e esquartejadas, um barracão chama a atenção de Louise e de Ludovic. Mas, no interior, um cheiro insuportável chega-lhes ao nariz. Quatro elefantes-marinhos, amontoados uns em cima dos outros, arrotam ruidosamente diante daquela desordem.

Desapontados, os dois jovens avançam pelas ruínas, em direção a um edifício de dois andares que lhes parece em melhor estado. Um bando de pinguins imperturbáveis cruza-se com eles e Ludovic sente-se tentado a caçá-los, em paga por aquela indiferença. O interior é lúgubre, sombrio e húmido. Tijoleira velha e gasta, mesas de chapa e caldeirões já sem brilho levam-nos a pensar que deverá ter sido uma cozinha comunitária. A divisão ao lado parece efetivamente um refeitório. Louise deixa-se cair num banco, a tiritar. Tem dores, mas acima de tudo tem medo. Conhece bem os ataques de fúria da montanha, sabe o que fazer perante eles: no pior dos casos, enterrar-se na neve dentro de um saco-cama de proteção e esperar. Aqui, sente-se perdida. Ludovic sobe as escadas de cimento. Lá em cima, descobre dois amplos dormitórios, com cubículos separados por meias divisórias, cada um deles com um colchão em mau estado, uma mesinha e um armário escancarado. Algumas fotografias desbotadas, uma bota esquecida e roupas esfarrapadas penduradas em pregos fazem pensar que foram abandonados à pressa por homens todos contentes por escaparem daquele inferno. Ao fundo, uma porta meio arrancada dos gonzos dá para uma pequena divisão com vigas de madeira e móveis melhores: o quarto de um contramestre, sem dúvida.

— Anda ver, lá em cima está-se melhor. Esperamos no quentinho.

«No quentinho» é um pouco exagerado. Deixam-se cair na cama, fazendo-a gemer. A chuva bate com força nos vidros desconjuntados da janela e entra pelo quarto, formando já uma poça num canto apodrecido do

soalho. A luz esverdeada faz sobressair as manchas de humidade na tinta das paredes, que deve ter sido branca. A única cadeira está partida e, estranhamente, Ludovic pergunta-se porque terá sido. Só uma velha secretária de gavetas, parecida com as dos professores primários do início do século, é que parece intacta.

– Bem, aqui está o nosso abrigo da montanha! Mostra lá o ombro. E temos de nos secar.

Esforça-se por falar num tom tranquilizador, para dar a impressão de que tudo aquilo é apenas uma pequena peripécia, mas as mãos tremem-lhe ligeiramente. Ajuda-a a despir-se para tentarem depois enxugar as roupas encharcadas. Nu, o corpo dela, magro e musculado, parece frágil. Sempre se recusou a deixar-se bronzear quando estavam nos mares quentes. Só os braços, a cara e a parte de baixo das pernas é que estão morenos, pondo em relevo a palidez do resto da pele. A franja escura pinga-lhe nos olhos verdes salpicados de castanho. Aqueles olhos tinham sido a primeira coisa a atraí-lo, cinco anos antes. Invade-o uma onda de ternura. Esfrega-a com a camisola, o mais depressa possível, para a aquecer, e torce as roupas molhadas. Ela tem um corte no ombro, sem dúvida feito pela hélice, e uma grande mancha que começa a ficar azul. Como uma boneca, nem reage, a tremer. Ele faz o mesmo a si próprio, mas depressa sente o frio das roupas encharcadas a colarem-se-lhe à pele. No verão, com bom tempo, as temperaturas não vão muito além dos 15 graus. Agora, o termómetro deve andar pelos 10 graus.

– Temos um isqueiro?

– Na mochila.

Claro que ela, a alpinista, nunca vai a lado nenhum sem o seu precioso isqueiro. Ludovic encontra também duas mantas de sobrevivência e apressa-se a embrulhá-la numa.

Ao remexer na cozinha, encontra uma espécie de grande tabuleiro de forno em alumínio e arranca algumas tábuas a umas prateleiras desconjuntadas. Amontoa tudo, corta uns gravetos com o canivete e acaba por conseguir acender uma fogueira. Apesar da porta aberta, o fumo invade rapidamente a divisão, mas é melhor do que nada.

Obriga-se a sair para avaliar a situação. O vento aumentou e as rajadas fazem o mar espumar. Uns bons 40 nós. Não é o apocalipse, mas assim é impossível voltarem para o barco. Por entre as cortinas de chuva, vê-o ao

longe, intrépido perante as ondas. O teto de nuvens desceu a ponto de esconder o alto das falésias por entre o ar cinzento e a luz vai declinando.

— Parece-me que vamos passar aqui a noite — anuncia ele ao voltar. — Ainda temos qualquer coisa para comer?

Louise recuperou alguma energia. Está a vigiar um fogo reconfortante, apesar de as velhas tábuas, ao arderem, soltarem um cheiro horrível a alcatrão. Penduram os blusões perto das chamas e encolhem-se a comer barras de cereais.

Nem um nem outro têm vontade de comentar a situação. Sabem perfeitamente que é um terreno perigoso, no qual correm o risco de entrar em confronto: ela, a prudente; ele, o impetuoso. Essa conversa virá mais tarde, quando este desagradável episódio já tiver passado. Hão de reconstituir a história, ela provar-lhe-á que foram inconscientes, ele ripostará que a situação era imprevisível, irão discutir e depois fazer as pazes. Já é quase um ritual, uma válvula de segurança para as diferenças entre os dois. Nenhum admitirá a derrota, mas ambos, convencidos de terem razão, aceitarão uma paz honrosa. Para já, têm de permanecer unidos e esperar. Com os olhos vermelhos do fumo, vão ficando secos no meio de um estrépito crescente. No andar inferior, o vento ressoa pelas divisões abandonadas. É uma modulação de baixo contínuo, com um tom mais agudo a cada rajada. Por momentos, instala-se um ligeiro sossego e eles sentem os músculos a relaxarem em uníssono. Depois o bramido recomeça, aparentemente ainda mais forte. Aqui e ali estalam chapas, como se fossem grandes tambores. Permanecem os dois em silêncio, absortos naquela lúgubre sinfonia. O cansaço da caminhada e, sobretudo, o efeito das emoções abatem-se sobre eles. Ludovic descobre então um cobertor que cheira a poeira velha, aconchegam-se os dois na cama e mergulham imediatamente no sono.

Ludovic acorda a meio da noite. O barulho está diferente. Deduz que o vento mudou e que agora vem de terra. A sua violência aumentou ainda mais. Ouve-se o rugido ao longe, a montante, a precipitar-se para o vale num rufo de tambores e depois a fustigar o edifício, que parece oscilar debaixo daquela força. Ludovic acha que a rotação do vento é um bom sinal, que o fim da tempestade está a aproximar-se. Na escuridão e na tépida humidade dos seus corpos entrelaçados, goza por um momento de uma sensação de tranquilidade. Estão ali os dois, sem nenhum outro ser humano

por milhares de quilómetros em redor, sozinhos naquele vendaval. Mas estão abrigados e podem rir-se da tempestade. Toma consciência de todas as partes do seu corpo como se cada uma delas fosse autónoma, armazenando os ingredientes daquela estranha situação: a cova do colchão esventrado debaixo das suas costas, a lenta respiração de Louise contra o seu peito, o sopro vindo de lado nenhum que lhe roça a cabeça. Sente-se tentado a acordá-la para fazerem amor, mas lembra-se de que lhe dói o ombro. Mais vale deixá-la dormir. Amanhã de manhã, talvez...

Pouco antes do amanhecer, o barulho para brutalmente. Ambos se apercebem disso ainda meio a dormir e logo de seguida voltam a adormecer, desta vez completamente relaxados.

Louise é arrancada da letargia por um raio de sol. Até à acalmia, teve pesadelos. Via os vidros do apartamento deles, no *15.º arrondissement*, a serem arrebatados por uma onda monstruosa, depois encontrava-se à deriva numa jangada pelas ruas invadidas por águas castanhas, no meio de apelos aflitos e de braços a acenarem desesperados às janelas.

– Ludovic, estás a dormir? Parece que já acabou! – Espreguiçam-se, doridos. Ela faz caretas ao levantar-se e toca demoradamente no ombro. – Não está partido, acho eu, mas durante uns tempos as manobras vão ser contigo!

– OK, princesa. Vamos lá, o hotel não era de luxo, mas o pequeno-almoço vai ser servido a bordo daqui a um quarto de hora, se a senhora fizer o favor.

Sorriem um para o outro, apanham o que lhes pertence e saem do quarto, onde persiste o cheiro a fumo frio.

Lá fora, o Sol brilha tão intensamente como na véspera.

– Que raio de terra, não é?

Ao chegarem à soleira da porta, têm ambos a mesma sensação. Uma força violenta aperta-lhes a barriga, sobe-lhes à garganta um sabor ácido que parece queimá-los, um tremor incontroável agita-os. A enseada está vazia.

– O barco... Não é possível... não está ali...

Gaguejam, murmuram, piscam os olhos como para corrigirem a imagem que têm diante de si. É só um sonho mau. Bastará rebobinarem o filme da noite e voltarem a dar às coisas o seu curso normal. Voltariam então a sair, e veriam outra vez o *Jasão*, imóvel, tranquilizador, e desceriam para o areal a

trocar brincadeiras. Mas a realidade persiste cruelmente. O barco desapareceu. Ficam muito tempo a escrutinar a baía, à procura de destroços ou ao menos de um bocado de mastro a surgir junto de uma falésia. Nada. Ou antes a vida como de costume, alguns alcatrazes a vasculharem a praia com bicadas apressadas, a chiadeira da ressaca. Está tudo normal. O *Jasão*, aquele que era o seu barco, a sua casa, o seu veículo para a liberdade, foi simplesmente apagado da paisagem, como se se tratasse de uma rasura, de um erro. É inaceitável, não pode ser. Atordoados, não são capazes de trocar uma palavra sequer. Em cada um deles vai crescendo o horror das consequências daquele desaparecimento: já não têm casa, nem alimentos ou roupas, já não têm maneira de sair da ilha nem de comunicar com alguém. Para lá da revolta, submerge-os a incongruência daquela situação. Ludovic nunca imaginou de modo algum, nem por um só segundo, que os elementos fundamentais da vida – teto, alimentos – pudessem um dia faltar-lhe. Ao ver na televisão a miséria em África ou na Ásia, combatia obscuros remorsos convencendo-se de que aquelas pessoas não deviam ter as mesmas necessidades, de que estavam habituadas a viver com pouco. Às vezes mandava um cheque à Unicef, mas sem se sentir verdadeiramente culpado.

Louise, durante as expedições de montanha, tivera muitas vezes a oportunidade de dormir ao relento, com um olho meio aberto, encharcada pela chuva. Até já lhe acontecera, por causa de uma gestão mal calculada, ter de dividir por quatro, durante três dias, rações que normalmente seriam individuais. Tinha experimentado aquela fragilidade inerente ao ser humano quando lançado em plena natureza, longe das suas referências e dos seus apoios. Mas tal situação nunca passara de um parêntesis, não estava nada de vital em jogo. Apesar das olheiras e de algumas câibras no estômago, acabavam por voltar ao vale e saboreavam até dizer chega um duche ou um bife, com a emoção retrospectiva da aventura. Essas situações acabavam por se transformar apenas em boas recordações que os colegas de montanhismo evocavam a rir, mas pelo menos tinham-na preparado minimamente para enfrentar o imprevisto. Por instinto ou à força de treino, ela sabia separar o indispensável do supérfluo, o perigoso do impressionante. Para se tornar uma boa alpinista, aprendera a reavaliar um objetivo em função das condições, a desistir ou a perseverar tendo em consideração o estado do grupo, a meteorologia e as condições naturais. Era ela, portanto, a mais preparada para os tirar da apatia:

– O bote, oxalá ainda lá esteja! Temos de ir ver. O *Jasão* estava a meio caminho entre o promontório e os rochedos em frente. Talvez tenha afundado no mesmo sítio.

– Mas havia de se ver o mastro!

Ludovic tenta, à sua maneira, lutar contra a evidência. Ele, que habitualmente é tão otimista e pronto a agir, sente-se agora vazio. Nada serve para nada.

– Pode ter ficado sem o mastro. São só sete ou oito metros de água, podíamos ainda recuperar algumas coisas, alimentos, ferramentas. Há um telefone por satélite no saco de emergência, que é estanque. Pelo menos temos de tentar. Anda lá, mexe-te!

– Não, tenho a certeza de que foi a âncora que não ficou presa. Esta noite estive a ouvir. O vento virou para noroeste e aumentou de força ao descer das montanhas. Eram verdadeiros *williwaws*¹, como aqueles de que se fala nos livros.

– Quero lá saber dos livros! – berra ela, com lágrimas nos olhos. – Que queres fazer? Voltar para o hotel?

Dirige-se furiosamente para a praia e ele segue-a. Têm as mesmas ideias aos encontrões dentro da cabeça. A ilha é deserta. Na verdade, é uma reserva natural na qual não deveriam ter desembarcado. Mas, de comum acordo, permitiram-se contornar as regras.

«Seja como for, nunca passa ninguém por ali. Uma fuga na natureza real. Uns dias a fazer escalada, ninguém vai saber...»

Pois não, ninguém sabe. Os amigos, em terra, pensam que eles vão a caminho da África do Sul. Nunca hão de procurá-los ali. Vão achar que desapareceram no meio do mar. Ludovic tem a súbita visão dos pais junto do telefone de casa, em Antony. Se não encontrarem o barco, aquela ilha será uma prisão, um cárcere sem outro guarda que não os milhares de quilómetros de oceano.

O bote continua ali, coberto de areia e de algas pela tempestade, o que lhes causa um ligeiro conforto.

Durante uma hora, remam à volta da posição de amarração do barco. A água clara, mesmo sob a brisa que sopra, quase não tem ondulação. É de um verde tão translúcido que se distinguem as pedras dispersas no fundo e algumas massas sombrias que se parecem com as peças de um mecanismo

perdido ou arrancado à estação baleeira. Se houvesse destroços de um naufrágio, não lhes escapariam.

Desanimados, regressam à praia.

– Demos pouco comprimento à amarra da âncora – resmunga Louise.

– Demos três vezes a profundidade, como de costume.

– Mas afinal parece que nada disto é como de costume!

– Além disso, a âncora é *Soltant*, a melhor marca que há, e fica presa em qualquer lado. Foi aliás bem cara.

– Então muito obrigada ao dono da fábrica. É o senhor Soltant quem nos vem salvar? Se tivéssemos dado duas vezes mais corrente, não estaríamos aqui. E eu ontem disse-te que tínhamos de voltar mais cedo. Mas não, sua excelência queria divertir-se e teimava que ia correr tudo bem, que só íamos ficar um bocadinho molhados...

A voz de Louise é branca, embebida de uma raiva fria. Massaja nervosamente o ombro, de olhos fixos na areia e de costas voltadas para Ludovic. Se olhar para ele, sabe o que vai ver: o seu grande corpo de lutador impotente, os braços a oscilarem, os olhos azuis de uma criança decepcionada por ter agora um brinquedo partido, o homem feito para a alegria e a despreocupação que ela tanto ama. Ela iria desfazer-se em lágrimas e este não é o momento para isso.

Ele não quer responder às suas provocações; desde que deram meia-volta, no dia anterior, que sente na boca o amargo do remorso. Mas os comentários dela magoaram-no. Ele é que terá de arranjar soluções, para ser perdoado. Tem de haver soluções.

– Podíamos dar a volta à baía no bote a motor, talvez o *Jasão* se tenha afundado junto a uma falésia.

– Estás a sonhar! E o que faríamos então? Não vejo como é que o poderíamos resgatar.

– Talvez possamos ao menos mergulhar e recuperar...

Ludovic não acaba a frase. Louise está a chorar em silêncio. Puxa-a contra o peito. Como é que chegaram àquela situação absurda? É demasiado injusto que um simples passeio mais demorado receba tal castigo. Ele tem trinta e quatro anos e poucas vezes pensou na morte. O desaparecimento de dois amigos, um de acidente de moto, o outro de um cancro do pâncreas fulminante, tinha-o abalado, mas conseguira tirar da experiência a validação daquela viagem de barco à vela. Vamos viver!

Aproveitemos a vida, antes de sermos apanhados! Apanhados é como eles estão agora, naquela paisagem sublime, naquele dia ameno de verão austral. Um sol hipócrita faz brilhar gotas de humidade como se fossem miríades de diamantes. Ao fundo, a planície líquida liberta um ligeiro vapor. Otárias e elefantes-marinheiros refastelam-se, bocejando de prazer. Ludovic olha à sua volta e pensa que nada, nem o voo de um pássaro, nem uma onda, nem uma ervinha, nada mudará se eles desaparecerem por ali. Em breve, o vento varrerá as marcas dos seus passos.

¹ Com origem na neve e nas montanhas costeiras geladas, são rajadas de vento súbitas que descem de uma costa montanhosa para o mar. Termo usado por marinheiros por constituir um perigo particular para barcos ancorados. [*N. da R.*]

Ludovic parece ser simplesmente um produto daquilo a que se convencionou chamar geração Y: filho único de um casal de executivos, moradia nos arredores da cidade. Não lhe faltou nada, esqui nos Alpes, vela nas Baleares, jogos de vídeo para ocupar a sua cabecinha loira quando os pais chegavam tarde a casa. É loiro e o cabelo cortado ao milímetro e besuntado com gel todas as manhãs ainda acentua mais o seu metro e noventa. Os olhos azuis e a covinha no queixo punham as raparigas das escolas por onde passou de cabeça à roda. Não se privou desses sucessos fáceis. O seu diletantismo fez suspirar os professores: «Não desenvolve todas as suas capacidades» era o refrão constante nos boletins de notas. Um ano melhor, outro pior, lá acabou o curso de Gestão, onde era mais assíduo à cerveja e aos charros do que aos anfiteatros. Com a ajuda dos conhecimentos do pai, trabalha como gestor de clientes na Foyd & Partners, uma agência de eventos que não podia ser mais francesa, apesar de esse nome supostamente na moda não o indicar. Mas, debaixo dessa personagem um tanto superficial, Ludovic tem em si uma aptidão fundamental para a felicidade que o torna atraente. Com ele, toda a gente se sente bem, a vida torna-se simples, divertida, apaixonante. Não só vê sempre o copo meio cheio, como também – sem se esforçar particularmente por isso – a sua vivacidade e alegria de viver são contagiantes. Essa aptidão não é nem uma fachada nem uma pose, mas antes o resultado de uma vida até aí protegida e feliz. Não se lembra de algum dia ter acordado triste ou mesmo melancólico. Pouco a pouco, foi tomando consciência dessa sua faculdade, sem no entanto tirar dela qualquer glória particular. Pôr à disposição dos outros esse excesso de alegria está simplesmente na sua natureza, é a sua maneira de contribuir para o movimento do mundo. Dizem dele que tem uma nobreza genuína.

Louise, por seu lado, tem à primeira vista um ar clássico, quase antiquado. De silhueta fina, com um rosto alongado e o sorriso fugidio, muitas vezes constrangido, dos que só querem não desagradar. Filha de comerciantes de Grenoble que continuam a contar os tostões apesar de

viverem bem, também nunca teve falta de nada, a não ser de verdadeira atenção. Os dois irmãos mais velhos eram o orgulho da família. Ela, «a pequena», esgueirava-se pelos interstícios. As suas ideias, os seus sonhos, o seu percurso escolar ou pessoal nunca alimentaram as conversas em família. O seu físico reflete a pouca atenção que lhe concedem. Ela própria se acha insignificante. Um metro e cinquenta e cinco, cabelo escuro, ossuda, durante muito tempo sentiu-se desesperada com os seios que não cresciam. Caminhou pela infância e pela adolescência sem chamar a atenção, mas com boa vontade, como que a pedir que a desculpassem. Dizia-se que não havia nada a contar sobre ela... Julgamento terrível. Fez o ensino secundário com boas notas, estudou Direito em Lyon, concorreu para a função pública e conseguiu um lugar na repartição de finanças do 15.^o *arrondissement*, em Paris. Todo esse tempo ela sofreu com aquela espécie de transparência do seu ser. Quando era pequena, refugiava-se na leitura, devorava os livros de Júlio Verne, de Zola e tudo o que lhe viesse ter às mãos na biblioteca. A partir daí, passava horas a imaginar para si uma vida excitante e aventuras de cortar o fôlego, nas profundezas da selva ou coberta de seda na alta sociedade. Desenvolvia todo um imaginário feito de histórias improváveis em que tinha sempre o papel principal. Dia após dia, refazia as situações, aperfeiçoando os cenários e as réplicas heroicas que ela própria representava depois. Tornava-se então exploradora, combatente pela liberdade, criadora de música ou desportista excecional. Imaginava-se nas caves da Resistência, no alto-mar, no meio do deserto. Essa vida dupla acalmava-a, tranquilizava-a sobre a sua capacidade de um dia se fazer notar. Deitava-se na cama, fechava os olhos e abandonava-se a essa narrativa interior. Se fosse preciso interrompê-la à hora de ir para as aulas, retomava-lhe o fio ao voltar para casa à tarde, com deleite. Na adolescência, encontrara finalmente outra coisa que não um refúgio imaginário: a escalada e o alpinismo. Descobertas por acaso num campo de férias, essas atividades correspondiam exatamente àquilo que lhe faltava: a exaltação de um corpo de que não gostava muito, a tenacidade e a coragem que lhe povoavam os sonhos, um lugar num coletivo em que cada membro da equipa contava. Leve, ágil, saía-se bem. Ocorreu-lhe a ideia de se tornar guia de montanha profissional, mas não teve coragem para assumir a rutina familiar:

– Isso não é trabalho para uma mulher. Como vais fazer quando tiveres filhos?

Estava decidido, continuaria a ser um *hobby*. Adulta e independente, com um emprego em Paris, contentava-se então com correr para a gare de Lyon todos os fins de semana, com as sapatilhas de alpinismo ou os *piolets*² e os *crampons*³ no saco.

*

TGV, carruagem 16, lugares 46 e 47. Ludovic vai juntar-se aos amigos nos desportos de inverno, mas, depois de remexer no *iPhone* durante três quartos de hora, começa a ficar entediado. Ela está absorta num guia topográfico de escalada. Deve ter a mesma idade que ele.

– Faz desportos de montanha?

No início, ela responde por monossílabos àquele chato que a arranca de uma leitura tão interessante, mas acaba por se deixar levar pelo sorriso encorajador dele.

Louise já tentou muitas vezes conversar com os colegas sobre a sua paixão, mas eles depressa se cansaram daquelas histórias de trilhos e de notações e do seu jargão técnico. Então, ela tinha-se refugiado novamente na fantasia. O mundo do alpinismo, que agora povoa todos os recantos do seu imaginário, torna-se uma torre de marfim. Ela vive para os sábados e domingos e atravessa o resto da semana com uma indiferença educada. Contempla frequentemente o poster da Aiguille du Dru⁴ com que decorou o escritório. É o seu segredo, um mundo que os outros não conseguem entender, um mundo só dela.

Com aquele tipo atraente, durante o parêntesis fora do tempo que é a viagem de comboio, cede e deixa-se levar. Conquistada pelos acenos de cabeça do desconhecido, desforra-se um pouco e torna-se lírica. Fala-lhe da aurora azul e rosa ao sair do refúgio, da textura de cada rocha reconhecível ao toque dos dedos, das noites passadas encostada à escarpa dentro do *portaledge*, a tenda suspensa, balançada pelo vento como uma pena, quando as luzes do vale já desapareceram por baixo das nuvens e nos sentimos mais perto do céu do que da terra, próximos da eternidade. Tenta explicar-lhe a beleza de um percurso, o mais simples, o mais a direito possível, que deslumbra qualquer um com a sua pureza. Descreve o estalar da crosta gelada a cada passo, o assobio da corda atirada para o desconhecido. Ele

ouve-a, divertido por descobrir tanta chama naquela rapariga com um ar tão normal. Além disso, ela tem uns lindos olhos verdes com pontinhos dourados que brilham quando se entusiasma. Separam-se à saída do comboio, em Chamonix. Ele faz-lhe um convite por educação, mas também com um tudo-nada de interesse:

– Vem até cá com os teus amigos, uma destas noites. Nós estamos no Dérapage depois do esqui.

Dois dias depois, Phil, Benoît e Sam, os companheiros de escalada de Louise, espantam-se por ser ela a propor-lhes irem beber um copo ao desceram das Aiguilles Rouges. Geralmente, têm de a arrastar para qualquer animação. Os dois grupos depressa confraternizam. Ludovic fica surpreendido com a consideração que os amigos de Louise lhe têm:

– De nós todos, é ela a melhor. Está no nível 7. Não há outra como ela a descobrir fendas na montanha.

– Nunca se impressiona quando há uma tempestade a rugir na escarpa. Nunca se cansa.

– É incrível a energia que há naquele corpo de ratinho.

Ele observa-a discretamente, do outro lado da mesa. Depois de voltar da escalada, Louise tem um ar tranquilo, um lindo sorriso, enquanto as suas mãos de unhas partidas contam por gestos, aos que estão à sua frente, a história de uma saliência na rocha à qual quase não conseguira agarrar-se. No fim de contas, é uma rapariga muito pouco normal!

De regresso a Paris, continua intrigado e telefona-lhe, a propor-lhe que ela seja sua mentora, se alguma vez houver oportunidade de fazerem com os amigos dela um percurso não muito difícil. Ele teria muito gosto nisso. Claro que já está a atraí-la, a ela que nunca teve a oportunidade de seduzir um colosso tão bonito. A sua experiência amorosa limita-se a brincadeiras de adolescentes e, mais tarde, a algumas noites em que não teve coragem para dizer que não. Afinal, temos de ser como os outros. Nunca teve verdadeiro prazer nas coisas do amor e convenceu-se de que isso não tinha importância nenhuma. Viver sozinha é uma maneira como qualquer outra de evitar os fracassos previsíveis. Mas agora sente-se ao mesmo tempo lisonjeada e já secretamente seduzida. Por isso, empenha-se em arranjar percursos mistos que possam ser adequados, por um lado, a um principiante e, por outro, aos seus três amigos, que se limitam a trocar sorrisos cúmplices.

Está feito! Ei-la finalmente apaixonada por alguém, a nossa senhora das paredes!

Seis meses mais tarde, vão viver juntos. A relação deles, que começou como uma paixoneta de férias, fá-los rapidamente exultar de corpo e alma. Ele fá-la rir, ela deixa-o impressionado. Tem a energia à flor da pele. Parece calma, reservada, tímida até, mas transforma-se quando sobe uma parede ou quando fazem amor. Então, grita sem reservas ao toque dos dedos dele. É água parada, mas sempre pronta para desaguar em cascata.

Passada a divina surpresa de ver um rapaz tão bonito interessar-se por ela, Louise ama-o pelos novos horizontes que ele lhe abre. Ludovic é a alegria, a despreocupação que ela não teve quando era «a pequena». Às vezes, acha que ele tem reações retardadas de adolescente, mas, no fundo, dá-lhe razão. Encaixa a cabeça no côncavo do ombro dele e entusiasma-o com palavras e com projetos. Ele ilumina a sua existência.

Evidentemente, é Ludovic o primeiro a falar em partirem. Fosse por falta de sorte ou por não estar focado o suficiente, a verdade é que lhe aconteceram dois fracassos profissionais um a seguir ao outro: um congresso em que os participantes comeram mal e... contrato anulado! Depois, um orador pessimamente escolhido que aborreceu de morte a fileira de executivos numa sessão motivacional. Comunicaram-lho sem pruridos. Ele concluiu então que aquele trabalho era uma chatice. Com um cinismo jovial, organizara sessões de *paintball* ou fins de semana na Córsega, fingindo comungar da ideia de que é assim que se consertam os danos das fusões de empresas feitas à pressa. Esforçou-se honestamente para que os aperitivos estivessem prontos à hora, para que houvesse lindas imagens como cenário de fundo e música animada ao fim da tarde. Mas não pode passar a vida toda nisto! A primavera chuvosa obriga-o a usar mais o metro do que a *scooter* e, um dia, sente uma verdadeira raiva a crescer dentro de si. Raiva contra aquela massa amorfa na carruagem, cada um a sacolejar de fones nos ouvidos e com o olhar vazio. Raiva contra a humidade a cheirar ligeiramente a mofo que se liberta dos corpos e que goteja pelos vidros. Raiva contra a indiferença, a tristeza, a rotina. Observa os sobretudos castanhos ou cinzentos, os cantos da boca a repuxarem para baixo, as mãos maquinalmente agarradas às barras de aço inoxidável. Tem a terrível sensação de que um observador exterior não o diferenciaria no meio daquela massa. Claro que ele poderá continuar assim. Um dia terá uma casa

no Golfo de Morbihan, férias nas Antilhas, noites de bebedeira, sem dúvida um cargo como gestor de projetos, um ou dois filhos. Mas nem este último pensamento lhe suaviza o coração. De vez em quando, na montanha ou no mar, tem a impressão de estar a passar ao lado da verdadeira vida. Relembra momentos fugazes em que experimentou uma concentração total, ao sentir a ponta dos dedos a tremer numa saliência demasiado pequena ou vibrando da cabeça aos pés ao surfar por cima de uma onda. Não é uma «superação de si mesmo», e a expressão fá-lo sorrir, mas a percepção de que, no espaço de um instante, habita totalmente o próprio corpo. Aos trinta e três anos, olhando para trás na sua vida, só esses instantes lhe ficaram gravados na memória, juntamente com, claro, alguns êxtases amorosos. Agora tem de se mexer, e depressa, mexer-se ou morrer.

Ludovic demora seis meses a convencer Louise. Para ela, está tudo bem. Durante o dia, imerge conscienciosamente nos meandros jurídicos da repartição de finanças, à noite ele dá-lhe a volta à cabeça. Ela deixou-se converter com todo o gosto aos restaurantes, ao cinema, às noites românticas e até às festas amalucadas. Ao fim de semana, ele tornou-se um escalador bastante decente e ela descobre com prazer a vela, no barco dos pais de Ludovic. Porque não esperar tranquilamente que a barriga dela se arredonde um dia, sem pressa?

Mas Louise sente que tem de ceder. Ludovic tornou-se taciturno e mal-humorado, provocando constantemente aquela discussão. Então, ele serve-se de um estratagema que a exaspera, começando a contar aos amigos que vão partir em breve. Desde aí, não há uma única noite em que um deles não comece, em tom de troça:

– E é para quando, a tal grande partida?

É por medo de o perder que ela se deixa convencer. Afinal, que arriscam eles? Fazem uma bela e longa viagem para aproveitarem, e depois regressam. É agora ou nunca, enquanto ainda estão em forma e não têm filhos. Não se pode ser eternamente sério, é preciso viver com intensidade pelo menos uma vez. Este último argumento mexe com ela, pois retoma os seus sonhos heroicos de criança. Quando está a escalar uma parede, é disso que ela mais gosta, da intensidade que a faz render-se às sensações presentes. Ludovic já lhe trouxe o seu calor humano, a sua alegria. Se ele não tivesse vindo ter com ela, Louise ter-se-ia refugiado e encarquilhado na própria solidão. Sabe que, perto de um caminho perigoso, é normal ter-se

medo, recusar o obstáculo durante alguns minutos. Já lhe aconteceu questionar-se sobre o que estava ali a fazer, com o capacete na cabeça e o *piolet* na mão. Mas basta concentrarmo-nos na técnica e lá estamos nós, a exultar na ponta da corda. Dorme cada vez pior, e, uma noite, as coisas surgem-lhe de uma forma muito simples: se não aceitar, se perder a coragem e preferir a rotina, vai arrepender-se toda a vida. Então, acorda-o para lhe dizer imediatamente que aceita e evitar assim qualquer retraimento.

Segue-se a lenta negociação. Ela consegue que só peçam um ano de dispensa no trabalho. Depois ver-se-á. Das dezenas de projetos que ele lhe propõe, desistem da travessia dos Andes a cavalo, da viagem de bicicleta pela Nova Zelândia e da subida aos cumes do Paquistão.

O melhor é um barco e uma volta pelo Atlântico. A rota mais lógica é irem às Antilhas para ganharem prática, depois descerem até à Patagónia, que promete ser um paraíso do alpinismo, e a seguir atravessarem para a África do Sul. Na Cidade do Cabo, logo decidirão o que se segue. Terão oportunidade de meter o barco num cargueiro e assim voltar sensatamente ao trabalho, mas também estarão às portas do oceano Índico e talvez de uma volta ao mundo. Eles chocam, por vezes violentamente, por causa da execução do plano. Ele ri-se dela por querer navegar no inverno para se habituar ao mau tempo. Ela chama-o irresponsável por ele achar que o localizador de emergência é uma despesa inútil. O casal vacila. Têm um sonho comum, que os entusiasma agora como uma estrela inacessível, e cada um deles não consegue evitar moldá-lo à sua maneira. Durante um ano, frequentam os salões náuticos e as «semanas dos mares austrais» organizadas pelos operadores turísticos. Conhecem pessoas novas, incluindo o famoso Hervé, veterano das viagens à Patagónia, que os ajuda a encontrar o barco ideal. À primeira vista, acharam pesadão e barrigudo o veleiro de ar tristonho nas traseiras de um estaleiro na região de Vendaia, mas o nome, *Jasão*, seduziu-os. Viver aventuras dignas da mitologia, conquistar o seu próprio toção de ouro, era exatamente esse o objetivo dos dois! Aquele nome é o destino a piscar-lhes o olho. Com Hervé, passam serões a esmiuçar mapas, os melhores ancoradouros, as armadilhas dos *williwaws*. Falam do vento, do frio, do mar agitado, dos icebergues. Junto dos conhecidos de Louise, recolhem mais guias sobre rotas de escalada ao redor de Ushuaia do que aquelas que terão tempo de fazer.

Uma manhã, com um delicioso aperto no coração, deixam Cherbourg nas nuvens e partem na deles. Têm razão. A sua junção funciona às mil maravilhas, ele às vezes em demasia, ela por vezes demasiado pouco, mas apoiando-se mutuamente. A vida deles torna-se cheia como um ovo. No decorrer das semanas, demoram-se por um ancoradouro, rejubilam no topo de um pico, lutam lado a lado ao fazerem uma manobra. Cada nova manhã é uma aventura, cada dia é diferente, cada noite deixa-os saciados com as descobertas e com a liberdade. Esta viagem não são só umas ótimas férias grandes, eles encontram nela uma fonte de exultação que se torna exaltação. Canárias, Antilhas, Brasil, Argentina; quanto mais avançam, mais o mundo lhes parece um magnífico campo de jogos, complexo, estranho, comovente e jubiloso. Adoram os azulejos desgastados das ruelas de Lisboa, a chuva deixa-os saciados durante a subida dos 3700 metros do Teide, nas Canárias, empanturram-se de douradas ao atravessarem o Atlântico. Nas Antilhas, trocam as marinas desencantadas de Guadalupe e da Martinica pelo encanto de Montserrat ou por uma semana de aventura selvagem, sozinhos, nas praias infinitas de Barbuda. Cantam, dançam, ofegam pele contra pele com o povo de Olinda, no Brasil, e choram ao enterrar o Carnaval depois de quatro dias de delírio, de suor e de cachaça. Riem-se por lhes terem roubado os telemóveis em Buenos Aires e juram que nunca mais hão de comprar nenhum. Ao longo da costa argentina, o ar torna-se mais cortante, o céu mais luminoso e o vento implacável e contínuo. Vão buscar os impermeáveis para o mau tempo, com a sensação voluptuosa de estarem a chegar às dificuldades. Efetivamente, duas tempestades seguidas deixam-lhes as costas a arder de cansaço ao leme e a cara branca de sal. Têm medo suficiente, a ponto de entrarem na embocadura do canal de Beagle e amararem no feio pontão de Ushuaia ser sinónimo de pura felicidade. Aí, abeiram-se de rostos tisonados que já viram em revistas e que os acolhem como a marinheiros. E ficam ambos orgulhosos disso. Durante dois meses, consolam-se com excursões pelo emaranhado de florestas antigas, fazem belos percursos pelo maciço de Darwin, entregam-se ao mate e ao *pisco sour*, a abominável bebida alcoólica local. Fazem amor na ponte numa noite cor de malva durante a qual só o rugido dos glaciares os incomoda.

Há tantos dias bons e tão poucos maus. A indecência da sua felicidade face ao resto do mundo não os perturba.

Milhas após milhas, tornam-se mais ousados, ganham experiência e confiança no seu *Jasão*, já não hesitam nas rizaduras² ou a marear o *spinnaker*⁶. Louise poderia talvez ter-se dado conta disso, mas eles estão agora exatamente naquele ponto em que, na escalada, se sabe que é perigoso; quando já sabem o bastante para tentar tudo, mas ainda não o suficiente para se livrarem dos perigos. Ao deixarem a Patagónia com destino à África do Sul, ambos sabem já que a viagem não acabará por ali. O oceano Índico estende-lhes os braços e, mais tarde, talvez o imenso Pacífico.

De passagem, a ilha interdita pisca-lhes o olho. Mais uma escapadela... Louise protesta ligeiramente, mas os dois mergulham no proibido com o entusiasmo de miúdos.

— Só uns dias, duas semanas no máximo. Estamos no início da estação, é o melhor momento para vermos as crias dos pinguins!

Sim, não podiam estar mais certos, até àquela noite de janeiro.

² Machado de gelo para ancoragem, é um acessório polivalente do alpinismo e um dos equipamentos-base da modalidade. [N. da R.]

³ Par de peças com picos metálicos que são acopladas ao calçado e usadas em montanhismo ou escalada no gelo. [N. da R.]

⁴ Montanha formada por dois cumes (que ao longe parecem um só) e situada no Maciço do Monte Branco, nos alpes franceses. [N. da R.]

⁵ Termo náutico que expressa o ato de recolher e meter as velas nos rizes (espécie de atacadores que se passam por uns ilhós para diminuir a superfície do pano exposto ao vento). [N. da R.]

⁶ Tipo de vela de grandes dimensões que se iça à frente do mastro, quando a embarcação navega na direção do vento. [N. da R.]

Estão sentados costas com costas, a olhar para a baía, como se, por milagre, lhes pudesse ter escapado alguma coisa. O único bem que possuem, a mochila, parece minúsculo, ali pousado entre os dois. Conhecem-lhe perfeitamente o conteúdo: dois *piolets*, dois pares de *crampons*, 20 metros de corda, três entaladores e, pelo sim, pelo não, dois cobertores de sobrevivência, o cantil, o isqueiro, uma caixa de fósforos, dois blusões polares, a máquina fotográfica, três barras de cereais e duas maçãs que sobraram do jantar da véspera. É tudo o que os liga ao mundo de antes.

Ludovic acaba por tentar:

– Tenho fome. Tu não?

– Ainda há maçãs e barras de cereais. – Louise fala no tom arrogante dos dias maus. Apetece-lhe mandá-lo passear. Comer! Ele não faz senão pôr o dedo no lado trágico da situação. É mesmo dele, irresponsável como de costume. Arrastou-os para a penúria e agora quer fazer um piquenique. Mas a sua experiência da montanha fá-la controlar-se. Não é altura para se pegarem.

– Queres?

– Não, não tenho fome. – A voz dela é tão glacial que Ludovic não se atreve a tirar da mochila as magras provisões. – Anda lá, come e aproveita, que deve ser a última vez. – Louise ainda está a tentar controlar-se, mas desta vez é inútil. – Vá, come e depois logo se vê; como de costume, primeiro agimos e depois pensamos!

Ludovic insurge-se.

– Já cá faltava o sermão! Não vamos ficar a olhar para as maçãs! De qualquer modo, vamos ter de arranjar alguma coisa para comer, e não vão ser duas maçãs a fazer a diferença.

– Eu sei, mas estou farta. É sempre a mesma coisa e foi esse tipo de comportamento que nos pôs nesta situação – vocifera ela.

– Essa agora, eu não te obriguei a vir! Planeámos tudo em conjunto.

E já está, o medo deles transformou-se em cólera. Discutem como se não se passasse grande coisa, como se estivessem confortavelmente instalados no sofá. Louise é tomada pela angústia. Não estão só abandonados no fim do mundo, estão condenados um ao outro, um com o outro, um contra o outro. Que casal resistiria a um encarceramento assim?

As reflexões de Ludovic não estão muito distantes das dela. Não se atreve a tirar a comida da mochila, sente-se como um miúdo culpado e essa sensação irrita-o mais do que tudo. Em vez de lhe atirar censuras, ela podia ser positiva, fazer um esforço. Resolve arriscar:

- A base, podíamos ir ver se há lá alguma coisa...?
- Muito me admiraria, está abandonada desde os anos cinquenta!
- Mas podemos sempre tentar.
- OK, vamos lá tentar – concorda ela.

Apesar de tudo, precisam de longos minutos para juntarem a ação às palavras. Tanto um como o outro se sentem desamparados, tomados pela impotência, por um lento desespero. Estão entorpecidos, com o pensamento numa espécie de pântano em que tudo parece desfocado, incerto, inútil. Forçam-se a sair da contemplação hipnótica da baía vazia, a tentar alguma coisa; mas agir significa aceitarem uma realidade detestável. Quebrar o abatimento é um esforço, quase uma dor.

Ludovic tira-os da letargia. A voz dele soa cansada.

– Vamos.

Durante duas horas, vagueiam pela estação, uma verdadeira aldeia.

Por entre as traves caídas, as chapas a bater e o soalho apodrecido, percorrem as fábricas de fusão de gordura, a carpintaria, os laboratórios.

*

A ilha de Stromness aparece nos mapas desde que Monsieur de La Truyère, vindo de Lorient a caminho do cabo Horn, em meados do século XVIII, andou à deriva por causa de uma terrível sucessão de depressões até avistar cumes nevados a emergirem do nevoeiro, como uma monstruosa cúpula de *chantilly*. Depois disso, a ilha não teve cinquenta anos de sossego até os caçadores de focas chegarem furtivamente e perseguirem otárias e elefantes-marinheiros, que os seus espíritos gananciosos transformaram imediatamente em barris de gordura. Durante algumas décadas, os grandes navios contentaram-se em fundear nas baías mais seguras. Libertavam as

lanchas que lá iam vadiar, pondo as suas vidas em risco, e regressavam cheias até ao cimo da amurada. Entretanto, o navio tivera tempo para instalar caldeiras na própria ponte e assim, de dia e de noite, de um lado os homens patinhavam na gordura derretida, enquanto do outro se esfolavam os animais. Quando todos os barris estavam cheios e o suave pelo de otária entupia o porão, rumavam de volta à Europa, deixando muitas vezes pobres cruces de marinheiros desafortunados a desfazerem-se sob a força da chuva e do vento.

No século XIX, passou-se de um meio artesanal, quando se caçava com lança e arpão, à forma industrial do massacre. Alguém se lembrou então de que era mais cómodo, e sobretudo mais rentável, construir na própria ilha as fábricas de tratamento das carcaças e os estaleiros de manutenção dos navios e dos homens. Em barcos a abarrotar, tinham trazido com que construir essas fábricas no fim do mundo e abrigar os pobres desgraçados que não tinham nada a invejar aos mineiros de carvão das Midlands.

Mais tarde, com as otárias e os elefantes-marinhos a tornarem-se mais raros e com a ajuda do desenvolvimento da técnica, o interesse voltou-se para as baleias que ainda se divertiam ao fundo das baías. A partir de 1880, aquelas edificações permanentes transformaram-se em verdadeiras aldeias, mas sem mulheres nem crianças. No inverno, ficavam apenas algumas equipas a tratar da manutenção do espaço, e, no verão, as baías fervilhavam com centenas de pescadores, operários esfoladores, fogueiros, tanoeiros e, no seu rasto, ferreiros, carpinteiros, eletricitas, mecânicos, velejadores, controladores, cozinheiros e até alguns padres, médicos e arranca-dentes. Os navios forneciam tudo, do mínimo parafuso aos essenciais alimentos, e voltavam a partir carregados de «ouro branco»: gordura destinada à iluminação, lubrificante para a indústria, peles e pelos, âmbar e carne, ossos...

Os stakhanovistas do hemisfério sul, nos anos 1950, orgulhavam-se daquelas centenas de baleias mortas.

A quantidade de material acumulado no coração daquela ilha selvagem era impressionante: milhares de toneladas de madeira, de sucata, de máquinas, de peças soltas, tudo vindo em barcos. Todas as distâncias foram anuladas: a esta fábrica, bem concebida e organizada para o massacre dos mamíferos marinhos, respondiam outras fábricas do outro lado do mar, destas máquinas dependiam outras máquinas, como num movimento

perpétuo. Otárias, elefantes-marinhos e baleias sucumbiam às centenas de milhar. O paraíso animal transformava-se num matadouro. A ação da morte foi tão eficaz que venceu a vida. Os animais desapareceram, a caça afrouxou. Concomitantemente, o desenvolvimento da indústria petrolífera, dos óleos sintéticos e dos plásticos mandou a caça à baleia e à foca para o museu, passando esta a fazer companhia aos espartilhos de baleia que as mulheres já não usavam.

Entre as duas guerras, as estações começaram a fechar. As primeiras medidas de proteção das espécies acompanharam a retirada de capitais desta indústria exangue. O outono de 1954 viu partir os últimos seres humanos. Os homens fugiram, deixando atrás de si povoações fantasma, testemunhas da sua avidez e ganância, vastas lixeiras a céu aberto onde apenas o vento se encarregava de apagar aqueles patéticos vestígios.

*

A exploração da base acalma Louise e Ludovic. Não estão assim tão sozinhos, houve homens que viveram ali e quem sabe o que terão deixado para trás. Vagueiam entre as oficinas e os depósitos, impressionados.

Alguns lugares, mais íntimos, falam da fragilidade dos corpos e das almas de toda aquela gente que só ali estava para trabalhar: a cadeira do dentista, os ex-votos grosseiramente esculpidos na pequena capela, a fotografia de um rosto feminino quase apagado pela humidade, no qual o pionés enferrujado desenha uma lágrima castanha. Aqui houve gritos, ordens, discussões, mas também risos, momentos festivos. Acaba por se libertar de tudo aquilo uma irritante sensação de desperdício que conduz a uma certa raiva. Vidas miseráveis e montanhas de lixo para se poder olear as máquinas, para se poder chamar a Paris a «Cidade-Luz»?

*

Neste momento, Ludovic e Louise não estão com vontade de se questionar sobre modelos civilizacionais. As suas pupilas só se concentram naquilo que pode ter a forma de velhas conservas ou de embalagem de comida. Depois de duas horas de pesquisa, acreditam num milagre. Junto da costa, foi construído um verdadeiro estaleiro naval. Ainda ali está um barco baleeiro de pelo menos 20 metros, caído da estrutura de suporte, bem como alguns barcos a remos e uma coleção de hélices corroídas pela ferrugem. Há

um edifício que devia ser o escritório, contíguo a um amplo hangar que faria as delícias de qualquer sucateiro: centenas de caixas cheias de peças novas e motores inteiros cuidadosamente embalados convivem com estantes metálicas separadas por tamanhos e com armários de parafusos. Num recanto com prateleiras, duas caixas com inscrições ainda bem visíveis põem-nos em transe: «Survival Kit».

Ambos conhecem inúmeras histórias de botes a navegarem junto à costa, para caçarem elefantes-marinhos e otárias nas praias, e dos naufrágios que daí resultavam. Ter-se-iam os armadores comovido com o perigo? Algum funcionário compassivo tornara obrigatório aquele equipamento irrisório? Em cada caixa há dez pacotes selados e embrulhados em papel de alcatrão. Dentro desses pacotes, debaixo de três proteções de papel, pão escuro e massudo. O sabor é horrível, entre farinha velha e azeite rançoso. Louise quase vomita, mas o estômago pede-lhe o que a boca recusa. Engolem meia ração entre os dois, pegam nas caixas e regressam ao refúgio da noite anterior.

Recomeçou a chover, mas sem vento. O marulhar da água produz uma música melancólica que os deixa completamente devastados. Ludovic obriga-se a ir procurar tábuas, reacendem a fogueira e ficam um longo instante absortos no movimento das chamas, o seu único conforto. Sentem-se vazios, sem vontade, sem soluções. O dia, nas altas latitudes, desce com uma infinita lentidão. Ludovic reúne toda a sua energia para quebrar o silêncio.

– Deve haver equipas de cientistas a passarem por aqui. É uma reserva natural, têm de vir cá fazer não sei que estudos, contar albatrozes ou pinguins. E de certeza que é agora, no bom tempo.

– Sem dúvida, mas onde é a base deles? Aqui não, claramente. São cento e cinquenta quilómetros de comprimento, trinta de largura, é uma ilha com glaciares intransponíveis entre cada baía. Podem vir e ir-se embora sem nos encontrarem.

– Podemos chamar-lhes a atenção, pôr um SOS no cimo do monte, fazer um mastro com uma bandeira.

– Muito bem, mas é bom que eles se despachem; com o que temos para comer, não vamos aguentar muito tempo.

– Então caçamos focas e pinguins. Na situação em que estamos, mais multa, menos multa... Um guisadinho de pinguim com alguma gordura

deve ser bom para comer. Não seremos os primeiros.

Louise olha durante muito tempo para Ludovic, mergulha os olhos nos dele, como que procurando por trás da barreira das pupilas a origem daquele espantoso otimismo.

— Amo-te.

Ele segura-a pela nuca e beijam-se lentamente, muito lentamente, como fizeram no primeiro beijo. Este drama faz deles pessoas diferentes. Sentem-no, descobrem-no. Há bocado, as coisas azedaram, mas foi uma mudança de humor sem importância, resultante do pânico que os assaltou. Enquanto estiverem juntos, o amor vai tomar conta deles, vai protegê-los. É nisso que consiste a sua força: um homem e uma mulher, juntos contra os milhares de quilómetros de deserto líquido, contra a solidão, contra a morte. Deixam-se invadir pela necessidade desesperada do outro, aninham-se na cama frágil e fazem amor docemente, mais animados pela ternura de pais a embalarem um filho do que pelo frenesim de amantes.

*

Às quatro da manhã já é dia claro. Louise sente-se tentada a voltar a adormecer, encostada ao seu gigante. Fechar os olhos e, por magia, quando voltar a abri-los, terem voltado atrás vinte e quatro horas e tudo acabar bem. Mas não. Sente a cabeça enredada, a pensar nas pequenas causas que levam a grandes consequências: mais alguns metros de corrente, uma rajada de vento que passa lá adiante e não noutro sítio...

Ludovic mexe-se, incomodado pela luz. Também ele está a refletir. É preciso encarar as coisas. Eles são jovens, inteligentes, saudáveis. Muitos homens sobreviveram em condições bem piores. Foram à procura de aventura e aí está ela, a verdadeira, a que nos revela a nós mesmos. Têm de responder presente. Por um instante, imagina-se a fazer, um dia, uma conferência perante uma multidão que o aplaudirá com uma «standing ovation»...

Não, este não é o momento de sonhar. Ludovic afasta então o cobertor.

*

E assim começa para eles a vida de Robinson Crusoé. Levantam-se de madrugada e não param um instante, cheios de energia. As discussões parecem ter ficado para trás das costas. A provação, acham eles, vai uni-los.

A base é uma oficina fantástica. Se precisarem de um martelo, de uma pinça, de um bocado de madeira ou de chapa, basta irem «à loja». Constroem um fogão de sala abrindo, num bidão de duzentos litros, um espaço para o lume e buracos para extração. Por cima, conseguem encaixar um tubo que servirá de chaminé, que irá para o exterior através de um vidro partido. Faz corrente de ar, mas o fumo já não lhes põe os olhos vermelhos, nem lhes pica na garganta. Este bom resultado enche-os de otimismo. Consertam a porta, arranjam um colchão melhor, encontram tigelas, uma mesa e cadeiras. Mais tarde, hão de aperceber-se de que nessa decisão de agirem há uma espécie de negação. Nesta altura, ainda não conseguem verdadeiramente acreditar que estão ali abandonados. Inconscientemente, vivem com a ideia de que há de chegar alguém, de que é uma questão de dias, de semanas, no máximo. Brincam aos jantarinhos, como se fossem crianças à espera de que chegue a hora do jantar. Estas atividades permitem-lhes, apesar de tudo, manter o moral; tranquilizam-nos, afastam o medo.

Nos dias seguintes, aventuram-se para fora da baía, escolhem uma colina bem orientada para o mar e dispõem pedras de modo a formar um gigantesco SOS, com uma flecha a indicar o seu refúgio. É um trabalho extenuante. Têm de escolher as pedras mais brancas e mais planas, que às vezes precisam de ser desenterradas com uma barra de ferro, e depois transportá-las até as colocarem no sítio. Trabalham virados para o chão, voltando instintivamente as costas ao mar, conscientes de que o horizonte raso, animado apenas por ondas e por icebergues errantes, é um desmentido formal à sua esperança de socorro. Lá do alto, perscrutam, por descargo de consciência, a baía seguinte, para o caso de o seu querido *Jasão* ali aparecer, deitado de lado. Mas não há nada além de outras falésias, águas salpicadas de pedaços de gelo e um entrelaçado de riachos, semelhante a uma rede de prata que se perde na praia. Repararam com prazer numa extraordinária abundância de pinguins. A costa está toda negra, é um tapete de penas, o mar cospe e engole rios de animais, as colinas parecem animadas por movimentos brownianos, aparentemente aleatórios. Deve haver ali umas dezenas de milhar de aves.

— Ora bem, a despensa está cheia! — brinca Ludovic.

Os pinguins foram a sua salvação. Apesar de uma exploração minuciosa, não encontraram mais nada para comer na base. Ficaram rapidamente atormentados e divididos, entre a fome e a angústia de acabarem com as

reservas de comida. A solução passou a chamar-se pinguim, animal desajeitado e tranquilo. Precisaram de algum tempo para aperfeiçoarem a técnica. No início, perseguiam-nos, mas as aves acabavam sempre por encontrar o caminho para o mar, onde desapareciam. A sua técnica consiste agora em cortar-lhes todas as hipóteses de retirada e em empurrar lentamente um grupo, sem o assustar, em direção a um recanto dos edifícios, para depois lhe bater com pesadas barras de ferro. As aves caem sem um grito. De vez em quando, uma delas tenta bicar-lhes as pernas, mas leva logo um pontapé raivoso. Ludovic e Louise procuram sobretudo o pinguim-rei, que mede quase um metro de altura e é mais avantajado em termos de carne do que o pinguim-gentoo, o pinguim-macaroni ou o pinguim-de-barbicha. Nem Louise nem Ludovic sentem remorsos; às vezes, ao matarem tão facilmente, até se sentem invadidos por uma voluptuosidade mórbida. Tinham-se extasiado perante as graciosas cabeças negras sublinhadas por uma mancha cor de laranja resplandecente. Tinham-se enternecido ao verem os pais a alimentar os filhotes, tinham-se até rido do seu andar baloiçante e sério. Mas isso fora noutra vida, quando só estavam ali de passagem. Agora, pertencem àquele ecossistema e, como todos os predadores, recolhem o que lhes é devido.

Depenar as aves é uma aventura. É impossível mergulhá-las em água a ferver, como contava a avó de Louise. Ao fazerem força para as depenar, rasgam a pele e os restos das penas colam-se-lhes ao palato quando comem. Por fim, aprendem a esfolá-las, lamentando de passagem perderem a gordura boa que se agarra à pele. Apesar do tamanho, nem o pinguim-rei constitui uma boa refeição. Depois de esfolado, só os dois ligamentos junto às asas, de cada lado do osso do peito, é que se parecem com peitos de frango, mas com um forte cheiro a peixe. Cozem-nos numa mistura de água doce e água do mar, para dar sabor, e fingem divertir-se a dar nomes sonantes à comida: «Peito de frango fatiado sem molho»; «Caldo de ossos com restos de carne».

Ludovic leu que a couve local era muitíssimo eficaz contra o escorbuto, mas tem um sabor tão forte que lhes queima a boca como pimenta. Teria de ser cozida em várias águas, o que demora e gasta muita lenha. Além do mais, cresce muito pouca em redor da base. Experimentam depois as compridas algas que cobrem os rochedos e apanham lapas. Não é muito nutritivo e acaba tudo por ficar sempre com o maldito sabor a peixe. À

razão de quatro pinguins por dia e por pessoa, acalmam a fome, mas os animais não são muito numerosos naquela baía.

Por isso, decidem fazer uma expedição de recolha de alimentos à enseada que tinham descoberto antes. Num belo dia, põem o bote na água e, remando para pouparem combustível, passam três horas a contornar o promontório a oeste. Um cheiro a dejeções e a peixe podre chega até eles quando estão ao largo. Na praia, o alarido é ensurdecedor. Os animais regressam da caça, têm o papo inchado com uma papa de peixe pronta a ser regurgitada para alimentarem as crias. Só reconhecem as suas crias pelo canto específico de cada animal. Portanto, os que chegam andam de um lado para o outro a guinchar, distribuindo bicadas para afastarem os jovens maçadores, até encontrarem os que lhes pertencem. Então, o progenitor que ficou com as crias cede o lugar e uma ou duas bolas castanhas correm a aninhar-se contra o recém-chegado, com o bico muito aberto. Aqui e ali, algumas pombas-antárticas, muito brancas, bicam os dejetos; e os mandriões de aspeto rapace voam a baixa altitude, com ar doentio e prontos a apoderarem-se de uma cria perdida.

Louise avançou devagarinho pelo meio da colónia e o mar de penas fechou-se atrás dela. Naquela pequena sociedade humanoide, cada um ocupa-se do que lhe diz respeito, toma conta dos filhos, descompõe-nos com uma bicada, pica as pedrinhas do vizinho para fazer um ninho para si, discute, faz a corte. Alguns parecem estar simplesmente a passear, com os olhos negros eternamente espantados ou pensativos. Reina no ar um vago calor de corpos amontoados. Louise tem lágrimas nos olhos, sem saber ao certo porquê. Será simplesmente por ver aquela vida frágil a perpetuar-se assim, nos confins gelados do mundo? Ou, a um nível mais profundo, será a nostalgia da multidão, de uma massa de seres semelhantes a ela com quem partilhar ou de quem se defender? Por um instante, tem inveja dos pinguins e sente-se profundamente sozinha.

Um concerto de pios dissipa-lhe a meditação. Ludovic lançou-se ao assalto da colónia com a avidez de uma fome mal saciada. Às pauladas, agride algumas aves e os vizinhos afastam-se, a protestar. Bate, bate, com gestos de um frenesim quase sórdido. Louise observa aquele homem sujo, a matar à força de braços, e, por um segundo, o ódio invade-lhe o espírito. Mal levantando a cabeça, ele chama-a:

– Anda, não fiques aí parada! Mete-os no bote e não deixes os outros irem para a água!

Saindo do torpor, ela põe-se em ação. Meia hora mais tarde, uma centena de animais enche o barquinho, uma montanha sedosa preta e branca cujas penas húmidas ainda brilham ao sol.

– Para! Já vai ser difícil voltarmos com esta carga. E depois ainda temos de descarregar tudo.

– Não podemos estar sempre a vir aqui – resmunga Ludovic, voltando ao trabalho.

Finalmente, ele avalia o monte que cobre por completo o barco.

– OK, vamos embora, agora já sabemos o caminho para a despensa.

O regresso revela-se francamente mais perigoso do que a ida. Estão sentados naquele monte de carne morta que lhes escorrega debaixo das nádegas. Louise tem a impressão de ouvir as carnes a esmagarem-se e os ossos a partirem-se. Têm de usar toda a energia para remar. O marulhar transversal faz oscilar o barco sobrecarregado e cobre-os de salpicos. Ao fim de uma hora, têm de deslocar a carga para vazar água, alguns animais acabam por escorregar borda fora e, pela primeira vez desde o naufrágio, eles começam a discutir.

Louise, que voltou a ter dores no ombro ao remar, cerra os dentes, mas, outra hora mais tarde, ambos se apercebem de que o vento está a levantar-se com força e só com muito esforço é que conseguirão chegar à costa.

– Liga o motor, não vamos conseguir! – pede ela.

– Nem pensar! Não podemos gastar gasolina! Imagina que vemos passar um barco e temos de ir ter com ele.

Irritam-se durante mais uns dez minutos, mas Ludovic acaba por bater iradamente com o remo no monte de aves mortas.

– Merda!

O barulho do motor, esse barulho da civilização, acalma-os. Se fechassem os olhos, poderiam julgar que estavam a regressar vindos de um passeio a terra, prestes a chegarem junto do seu querido *Jasão*, para se enfiarem debaixo de um edredão aconchegante ou para fazerem uma boa refeição.

Chegados a terra, ainda têm de transportar toda a carga para o rés do chão do edifício que estão a ocupar, para a abrigar da chuva que começou a cair. Molhados e exaustos, mal têm forças para acender o lume, esfolar os

quatro pinguins diários e esperar perto de uma hora para que a água ferva e as aves cozam. Habitualmente, Louise insiste em que se lavem, ou antes, que passem água morna pelo corpo com a ajuda de um trapo velho. Nessa noite, metem-se na cama com as roupas e as mãos ainda impregnadas de sangue e com penas coladas. Um sono de chumbo impede-os de ouvir a barafunda que se desenrola no andar de baixo.

Mas de manhã, quando descem para começarem a esfolar os animais, o barulho dos seus passos põe em fuga hordas de ratazanas que tinham passado a noite a empanturrar-se. É uma carnificina. Os pinguins estão espalhados na lama em todas as direções, há vísceras no chão, pedaços de pele, cabeças com os olhos roídos. Aquele amontoado de aves que recolheram com tanta dificuldade parece ter explodido a partir do interior, derramando um aglomerado viscoso. Quando eles se aproximam, uma última ratazana surge exatamente do meio da massa sanguinolenta, com os dentes brancos a brilharem no meio do pelo reluzente de muco e de sangue. Desatam a berrar em coro.

Tanta coisa para isto! Um dia extenuante, um massacre, para depois alimentar aqueles animais nojentos! Através da janela suja, o sol acaricia três animais que foram poupados. Deitados no chão, encostados uns aos outros, de pálpebras fechadas, parecem estar a dormir. Louise sente vontade de pegar neles, de os embalar. Desata a chorar.

— Louise, não é altura para choraminguices. — Ludovic precipita-se para a ratazana, que desaparece, e a seguir, voltando-se para o monte de pinguins, enfia nele as mãos, à procura de animais ainda intactos. Está furioso e vai atirando ao chão todos os animais estragados em que agarra. — Vá, anda, não fiques aí parada!

Ela junta-se a ele, a fungar, e o dia é passado a fazer a triagem, a esfolar e a prender depois os corpos num varão de difícil acesso. Só conseguem salvar uns quarenta. A seguir é preciso juntar e deitar fora as carcaças e limpar tudo o melhor possível, para não atrair outra vez os roedores. É um trabalho fastidioso: têm de ir buscar água ao rio a cem metros dali e esfregar com uma vassoura a que falta metade das cerdas. Trabalham sem dizer palavra, cada um deles a acusar mentalmente o outro daquele desastre. Pelo fim da tarde, Louise vai procurar lapas para variar a ementa. Precisa de se afastar daquele trabalho repugnante. A maré está baixa, a areia escura brilha. O vento levanta as ondas numa coroa de vapor e embranquece a

baía. Ela tem frio, sente-se infeliz e abandonada. Até àquele dia, manteve à distância as recordações da sua vida de antes, concentrada na esperança de sobreviver, convencida de que, em conjunto, seriam capazes de o conseguir. Subitamente, já não tem a certeza. Revê o quarto andar da repartição de finanças, a secretária cinzenta, os tabuleiros de arquivar documentos em plástico, o computador, a débil planta verde, o poster das montanhas dos Drus, o cheiro a café no corredor, as vozes agudas das colegas por trás das portas de vidro que, a esta hora, têm inveja dela por estar a gozar a vida ao sol. Dentro dela cresce um ímpeto que lhe aperta o peito, um paraíso irremediavelmente perdido. Resiste à vontade de relembrar o apartamento onde moravam, o ninho confortável que abandonaram tão estupidamente. Porque cedeu a Ludovic? É culpa dela, devia ter sido mais firme. Teve medo de o perder e agora estão em risco de se perderem ambos. Ele continua a ser pouco prudente. Se tivessem trazido menos animais, teriam regressado tranquilamente a remar e teriam tido tempo de os guardar em segurança. Rumina todos estes pensamentos arrancando algas e finalmente sorri, ao encontrar dois peixinhos abandonados pela maré numa concavidade da rocha. Parece-lhe então que eles são como aqueles pobres peixes, que estão presos numa armadilha e em breve vão ser devorados por um alcatraz ou por um mandrião. Haverá outro futuro para ela e para Ludovic?

Quando regressa, Ludovic já acendeu o fogo e está a serrar madeira com a mesma fúria contida, fazendo voar a serradura. Também ele esteve a refletir. Têm de acelerar, de ser mais agressivos com aquele meio que não lhes facilita a vida. Ele percebe que Louise está indecisa, amedrontada. Ambos se sentem dececionados, mas é assim que se aprende. Vai ser preciso voltar à colónia, aprender a fazer a viagem a remos. E porque não caçarem otárias e elefantes-marinhos? Ele vai transformar-se num homem novo, mais duro, mais selvagem, e vai lutar, lutar, lutar. Repete esta palavra como se fosse um mantra, serrando com cada vez mais violência.

Nessa noite, paira entre eles uma tempestade, que rebenta quando Louise quer lavar o blusão e as calças sujas.

– Ainda não estás farta de ir buscar água? E vamos desperdiçar lenha de aquecimento! – irrita-se Ludovic.

– Há imensa madeira, e eu é que fui buscar a água. Não tenciono viver a cheirar mal, já me basta estar cheia de fome.

Ele explode: ela não faz nenhum esforço para se adaptar. As pessoas que sobreviveram naquele lugar de certeza que não eram assim tão arrogantes. Retoma em pormenor a história dos pinguins, para lhe provar que teria corrido de outra maneira com um pouco mais de energia. O lume, que é a única luz que têm, dá-lhe uma cor mais avermelhada, ainda mais furiosa. Como de costume, quando está irritado, fala tanto com as mãos como com palavras e a sua sombra a gesticular é projetada na tinta velha da parede como se fosse um diabinho mau. Ela olha para as mãos dele, a agitarem-se, e repara como mudaram em tão poucos dias. Estão cheias de arranhões e de feridas, inchadas, e os tendões e as veias estão tão salientes que quase as deixam deformadas. Nos pulsos apareceram manchas vermelhas, provocadas pelo roçar permanente do blusão molhado e salgado.

A ilha já lhes deixa marcas na carne e ainda é só o início. Que vai acontecer se ficarem doentes? A má alimentação irá enfraquecê-los? O inverno vai chegar... A ouvi-lo só com metade da atenção, ela contempla o vapor que sai das roupas a secar, uma espécie de névoa ligeira que se dissipa ao chegar ao nível da janela, sob o efeito de uma corrente de ar. Mas ele articula uma frase excessiva:

– Afinal, quando é que vais confiar em mim?

É como se uma pedrinha, ao soltar-se, provocasse o desabamento de toda uma barragem. Ela não queria irritar-se, voltar às velhas histórias, repisar as mesmas queixas, mas as palavras reprimidas durante demasiado tempo saem-lhe da boca, frases duras, maldosamente irónicas, como ela nunca antes disse. Confiar nele? Quem é que os levou àquela viagem inútil? Quem os fez abandonar uma vida tranquila só para provar sabe-se lá o quê? Quem decidiu vir a esta ilha só por bravata? Quem teimou em dar aquele passeio estúpido, quando o mau tempo já se fazia anunciar? Até onde é que ela deve confiar nele? Até acabar ali, naquele pardieiro sórdido, cheia de fome, enregelada? O seu medo todo, os remorsos, o desespero, a fome, o frio, a ausência de futuro alimentam-lhe a fúria. Acabou-se a brincadeira, acabou-se o casal moderno e dinâmico, já só restam dois seres e a morte, que cresce lentamente diante deles. A voz dela treme, guincha, eleva-se às alturas. Quanto mais fala, mais se apercebe de que está incapaz de se controlar. A razão diz-lhe que se contenha, que preserve a indispensável harmonia entre eles. Aquela irritação é uma primeira derrota, a primeira fissura no pacto de otimismo que firmaram desde o naufrágio.

Ludovic retesou-se, atônito perante o maremoto que ele próprio provocou. Normalmente gosta de discutir, pois sabe que ela acaba por condescender. Ele até fez disso uma estratégia, um jogo, exagerando sempre para obter um pouco dessa energia. Mas aquela voz cortante já não é de um jogo. Louise grita como louca, gagueja de cólera. O rosto dela, que se tornou anguloso por causa das privações, e o cabelo colado com a sujidade tornam-lhe o corpo mais magro, mais frágil, mas, paradoxalmente, intensificam aquele discurso implacável. Ela atira-lhe à cara a sua inconsistência, a sua mediocridade, a sua estupidez. Será que era isso que ela pensava desde o início da relação dos dois? E que faz ela com ele, se ele é assim tão imbecil? Não serão antes esta ilha e esta história toda aquilo que os faz enlouquecer? Ludovic olha para o chão, embrutecido, a sentir-se a perder o pé. A confiança dos dois no destino esboroa-se e esta constatação ultrapassa as suas forças.

A voz de Louise acaba por se transformar num soluço e ficam ali ambos, sentados um diante do outro, esgotados. Envolve-os um silêncio irreal. Nessa noite, não há vento para atormentar a base e o grande edifício, só há silêncio, como se eles não se encontrassem mais ali, como se a ilha já os tivesse devorado.

A vida em comum continua, uma vez que não há escolha. Eles não têm nem energia nem vontade de prosseguir com a altercação. O que os domina é antes o remorso de terem passado os limites. Na véspera, depois de permanecerem longos momentos prostrados diante do fogo, deitaram-se, apertados um contra o outro por causa da exiguidade da cama. Por fim, sem uma palavra, abraçaram-se, ou antes, prenderam-se um ao outro como para resistir aos medos que aquela cena despertara. Ao acordarem, ambos concordaram tacitamente em fazer um esforço. Ainda não está nada resolvido, as palavras que foram ditas e ouvidas nunca serão apagadas. Mas é preciso mostrar boa cara, pois a perspectiva da solidão é ainda pior do que a sua desavença. A relação deles transformou-se numa espécie de prato de porcelana, um objeto que exige precauções e cuidados excessivos. Começam a pontuar cada um dos seus atos ou decisões com um «tudo bem?», «concordas?», que exageram a boa vontade recíproca, até se tornarem ridículos.

O bom tempo fez-se sentir durante uma semana inteira. A preocupação deles não desaparece, mas abranda. O ambiente circundante parece menos hostil. Todas as manhãs, acordam com um sol sereno. A base retoma as cores arruivadas que tanto os seduziu no primeiro dia. A intensa claridade sublinha os rendilhados ferrugentos, que se destacam no azul absoluto do céu. As madeiras velhas já não parecem cinzentas, mas prateadas. A luz faz ressaltar o incrível emaranhado de ruínas, os edifícios dilacerados, os enormes tanques que parecem ter sido agarrados por uma mão de gigante e deslocados sobre si mesmos. Todas estas coisas estão empilhadas umas por cima das outras, em ângulos incongruentes. O brusco aparecimento de uma chapa, de uma prancha, parece desafiar o tempo. Nas concavidades abrigadas desta confusão, musgos verde-fluorescentes, líquenes de um amarelo vivo ou o malva-pálido de um tufo de acaenas rompem a monotonia bicolor de um universo ocre e cinzento. Na baía, o oceano, cor de esmeralda junto à praia, fica negro nas zonas mais profundas e reflete, num espelho perfeito, as falésias castanhas e os cumes semeados de neve. A

ilha resplandece e, apesar da angústia, Ludovic e Louise apreciam aquela beleza efêmera. O silêncio reina sobre tudo, apenas pontuado pelo chamamento de um pinguim, pela chilreada de uma andorinha-do-mar no ninho ou pelo arrote de um elefante-do-mar, os barulhos tranquilizantes daquele lugar austral.

A meio do dia, está quase calor e eles trabalham em *T-shirt*. Aquela vida inteiramente dedicada à busca de comida dá-lhes a impressão de terem regressado à Idade da Pedra. Ao fim de cinco dias, as aves que trouxeram da primeira expedição cobriram-se de bolor e começaram a cheirar mal. Teimosos, voltaram lá, mais ponderadamente desta vez, e caçaram uns cinquenta animais, aos quais retalharam os músculos em bocados. Colocada ao ar livre, ao abrigo do sol e dos predadores de penas ou de pelo, numa gaiola construída com umas grades, a carne começa a secar e a escurecer. Eles ficam orgulhosos daquele plano e já se veem na posse de uma grande reserva de comida. Mas o seu grande sucesso foi conseguirem caçar uma otária. Até agora, tinham evitado esses animais agressivos por estarem em época de reprodução. Hervé tinha-os prevenido.

– As ótárias são uns verdadeiros *pitbulls*! Atiram-se a uma pessoa e em terra correm mais depressa do que nós! Se um de vocês for mordido, é caso para evacuação sanitária! Provoca uma infeção terrível.

Tinha feito bem em alertá-los. À primeira vista, dá vontade de acariciar aquele bonito animal de sedoso pelo castanho e bege, com grandes bigodes, orelhas minúsculas e lindos olhos negros. Mas eles apercebem-se depressa de que os grupos passam o tempo a brigar: as fêmeas a proteger as crias e os machos agressivos, a confundirem os seres humanos com rivais. Por isso, mantiveram-se os dois à distância. No tempo da caça às baleias, as otárias tinham sido quase exterminadas por causa do pelo, que proporcionava casacos elegantes e quentes. A partir do momento em que foram protegidas, reocuparam o território, ajudadas pelo barulho que fazem e pelo cheiro. Mas uma otária, mesmo jovem, significa uma garantia de várias dezenas de quilos de carne e de gordura, que Ludovic tenciona usar em lamparinas a óleo.

Certa manhã, lá se apoderam da forja para afiarem umas antigas facas lardeadeiras, utilizadas para despedaçar as baleias, e partem em campanha. Têm na cabeças ilustrações de livros de aventuras, em que o caçador brande firmemente a lança e regressa orgulhoso, com as presas penduradas num

pau. Mas é preciso um grande caminho para transformar uma auditora fiscal e um responsável de comunicação em caçadores de peles. Em primeiro lugar, têm medo. Com os pinguins, nada receiam e matar uma ave é coisa insignificante. Agora, pela primeira vez na vida, vão defrontar um ser vivo de grande porte, um mamífero próximo deles. O animal irá defender-se e o resultado do combate é incerto. A eventualidade de uma luta corpo-a-corpo angustia-os e repugna-os. A coragem física não se aprende, experimenta-se. O próprio Ludovic envolveu-se pouco em lutas na escola. Conferenciam demoradamente sobre a estratégia, adiando também o momento de passar à ação. Tentam manobras de aproximação, mas fogem com o coração a bater descompassado logo que a otária se ergue, a rugir. Finalmente, reparam numa femeazinha num recanto. Quando os vê, precipita-se para eles, com o seu gemido nasal característico. Não é altura de fazer considerações. Ludovic assenta-lhe uma grande pancada no peito e Louise bate-lhe na parte de trás da cabeça. Jorram dois géiseres vermelhos e o animal, desconcertado, solta um rangido. Antes que se recomponha, dão-lhe ambos mais pancadas. O medo guia-lhes as armas, em gestos violentos e desordenados. A otária tenta debilmente debater-se, o pelo fica embebido em sangue e ela cai subitamente. Ludovic e Louise esperam até terem a certeza de que está morta para a agarrarem, tremendo de alívio e de orgulho. Esfolá-la, a seguir, também não é coisa fácil. A pele desfaz-se toda sob a ação da faca, mas conseguem recolher fatias de gordura e pedaços de carne muito vermelha que os fazem salivar. Acabam cobertos de muco e de sangue dos pés à cabeça.

Esta súbita abundância de alimento tranquiliza-os. É certo que a carne de otária tem um sabor horrível e aquele regime quase unicamente carnívoro provoca-lhes dolorosos desarranjos intestinais, mas assim o medo da fome também se afasta. Nessa tarde, quando o Sol se cobre de nuvens em forma de plumas compridas, a anunciarem mudança de tempo, instalam-se lado a lado ao cimo da praia, encostados a uma velha chapa. Um sol tépido salpica de luz os icebergues ao longe, a baía está calma, o entardecer de verão suaviza as ruínas e faz rebrilhar as partículas de mica na areia, como se fossem lantejoulas. Aquela serenidade aparente dá-lhes coragem para fazerem o ponto da situação e passarem definitivamente, acham eles, uma esponja na zanga que tiveram. Desde que se consciencializaram do desaparecimento do *Jasão*, passaram os dias a resolver o problema do

alojamento e da alimentação. Certas vezes, um ou o outro, acordado pelo vento ou pelo desconforto da cama, afundou-se em reflexões angustiadas. Não as partilhar era uma maneira de as afastar. Agir no dia a dia e esvaziar o cérebro de perspectivas de futuro, foi essa a estratégia adotada. Agora a sobrevivência parece provável. Lentamente, aceitam a evidência: a estadia na ilha corre o risco de se eternizar. Ludovic reage com o tipo de piadas que lhe é habitual:

– Com esta carne toda, vamos ter de puxar pela cabeça para arranjaros receitas diferentes! Já estou farto de asa de pinguim cozida!

A ideia de uma salada de tomate insinua-se na mente de Louise.

– Achas que isto ainda vai durar muito? Vamos passar aqui o inverno? – Ela aninha-se na sua posição preferida, com os braços à volta das pernas dobradas, como para enfrentar o frio que há de chegar.

– Alguém terá de passar por aqui... Um barco com investigadores...

– Para, estamos no fim de janeiro. Se tivessem de vir fazer as contagens, viriam na estação quente. Já cá estariam.

– Pode ser que estejam a dar a volta e que a acabem aqui, ou na baía James, onde fica a colónia de pinguins. E então vamos vê-los a passar.

Instintivamente, voltam o olhar para o mar. O horizonte está claro, com apenas uma ligeira névoa, mas desesperadamente deserto.

– Podemos muito bem não dar conta. Poderão passar de noite e não ver a nossa mensagem no alto da colina – insiste ela.

– Não, aqui ninguém navega de noite. Se quiseres, podemos deixar também uma mensagem na baía James.

Este raciocínio não convence Louise. Deixa demasiado espaço ao aleatório, aos caprichos do destino.

– Podíamos tentar ir à procura deles. A estação de pesquisa que lhes servirá de base deve ficar a leste – sugere ela. – A oeste, sabemos que é impossível, só há falésias ou glaciares inacessíveis.

– Estás doida, entre cada baía há um glaciar «inacessível», como tu dizes, e a ilha tem perto de cento e cinquenta quilómetros de comprimento. Nunca iremos conseguir. Aqui, pelo menos, temos um teto e sabemos onde encontrar comida. Temos de ficar aqui, não há outra hipótese.

Do recanto da costa onde estão, não conseguem ver os cumes. Quando se aproximaram da ilha, no *Jasão*, tinham admirado a calota glaciar imaculada, semeada de picos e de agulhas. Dali corriam rios branco-

azulados, glaciares que dividiam a ilha como quartos de uma laranja. Nessa época, Louise estremeceu de prazer diante da perspectiva de novas subidas, agora mede a dificuldade de se aventurar a subi-los com pouco equipamento e ainda menos comida.

– Então, isso quer dizer que nos arriscamos a passar aqui o inverno.

Louise articula finalmente a frase. Um longo inverno de frio, de escuridão e de tempestades espera-os. Como que a ilustrar as suas palavras, o dia está a terminar. O horizonte, que se tingira de fúcsia, torna-se malva, depois cinzento e parece imobilizar-se. Como é possível, na era da Internet, quando toda a gente é localizada, seguida, registada, estar-se assim tão isolado, tão só? Como é que uma parcela do planeta pode escapar tão completamente a isso? Tinham refletido, antes de partirem, se deveriam levar um sinal de localização, através do qual os familiares e amigos pudessem acompanhá-los, por meio de um computador e de um código de acesso. Mas Ludovic enfurecera-se, argumentando que aquilo que procuravam juntos era precisamente viver em total liberdade, longe de todos os *big brothers*, mesmo os da família. Além disso, desse modo a escapadela àquela ilha proibida já não seria possível. Eles é que tinham querido que assim fosse. Liberdade, segurança e responsabilidade são os três vértices de um triângulo impossível. Deixaram-se arrastar pelo primeiro, convencidos de que os outros dois viriam a seguir, de que a técnica os protegeria, sempre e em todo o lado. Mas os factos são teimosos e a realidade, a terrível, a indiferente realidade, tem a última palavra. Nas aventuras com que tinham sonhado, a qualquer momento um telefonema por satélite, um cartão bancário bem recheado, um sistema de salvamento já comprovado permitiriam interromper a brincadeira antes que ela fosse longe demais. O que os arrasa, mais do que a solidão, é a distância a que está o mundo civilizado. Quanto mais tempo aqui? Seis meses, oito meses? E se não vier ninguém no próximo ano? Vão passar o resto da vida na porcaria e no frio, a matar animais e a esfolá-los como selvagens? Até que chegue a morte? A prisão austral fecha-se à volta deles.

– Eu vou lá, a essa estação de pesquisa – declara Louise. – Os dias ainda têm quinze horas, chego lá depressa. Temos os *crampons* e os *piolets*, e eu levo carne seca de otária e de pinguim. Tu ficas aqui. Assim, duplicamos as hipóteses. Tenho a certeza de que lá há material de transmissão, um rádio, um telefone por satélite.

– É muito perigoso! – exclama ele. A perspectiva de ficar sozinho é-lhe insuportável. – Além disso – continua –, somos os dois precisos para caçar e para manobrar o bote. E imagina que caís e te magoas. Ouve, na pior das hipóteses, passamos aqui o inverno e, se não vier ninguém, vamos procurar a estação de pesquisa na primavera, os dois juntos.

Cada um argumenta para seu lado, mas no fundo Louise está aterrada com a ideia de ir sozinha. Mesmo na montanha, nunca tentou nada sem a segurança de uma equipa.

A noite cai, os últimos vestígios de claridade dão um tom pálido aos velhos edifícios, que se tornam ameaçadores. Instala-se um vento frio vindo de oeste, uma chapa geme. Recolhem os dois ao seu tugúrio.

Paradoxalmente, tomarem a decisão de passar ali o inverno liberta-os. Já não se sentem sujeitos à espera. Na cabeça deles, o futuro toma a forma de um projeto, de um eixo à volta do qual se podem reconstruir, organizar tudo para o inverno e encontrar uma maneira de saírem dali.

São tomados por um enorme entusiasmo ao melhorarem o alojamento. Este já não pode ser mais um tugúrio, um casebre, terá de ser uma casa a sério. Passam a chamar-lhe «número 40», o mesmo da porta do prédio que habitavam em Paris, na rua de Alleray. No rés do chão, a «cozinha» voltou a funcionar como tal e é aí que eles preparam agora as suas presas. Estenderam arames para neles pendurarem os seus preciosos alimentos, ao abrigo dos roedores. No andar de cima, o amplo dormitório desocupado passa a ter o nome de «oficina». Uma mesa construída com uma porta colocada por cima de tijolos serve-lhes para todos os trabalhos necessários. Também lá estão a reserva de lenha e os instrumentos de caça: facas, pedras de amolar, barras de ferro que usam como cacetes, sacos velhos de juta para apanharem marisco e algas. O seu santuário, a antiga mansarda do contramestre, é simplesmente «o quarto». Andam muitas vezes pelo meio das ruínas, a recolher uma confusão de sucata e de tábuas. Ficam admirados com tudo o que, uns meses antes, lhes pareceria bom para deitar ao lixo e que agora veem como um tesouro. No recanto que deve ter sido um laboratório para controlar a qualidade dos óleos, encontram inúmeras garrafas, frascos e boiões com fundo grosso, tijelas de cobre manchadas de verde e cinzento. Fazendo derreter laboriosamente a gordura de otária, usam mechas de tecido como pavios e fabricam lamparinas a óleo.

Quando se abre a porta do quarto, o chão está coberto com farrapos para isolarem o soalho; à esquerda, duas vértebras de baleia diante da lareira servem de banco; e, à noite, a janela pode ser tapada com uma espécie de cortina. Em frente, um conjunto de prateleiras alberga a comida desse dia, o material de alpinismo, ferramentas, pregos, parafusos. Debaixo das prateleiras estão arrumadas a velha secretária transformada em mesa e duas cadeiras. No canto à direita, a cama está protegida das correntes de ar por

uma espécie de dossel em tecido comido pelas traças que lhes dá, quando estão deitados, uma sensação de segurança. Por todo o lado cheira a fumo, a gordura rançosa e a humidade. Eles já nem o notam. Tornou-se o cheiro deles, o cheiro da sua vida.

Depois da caça à otária, pensaram que a questão da alimentação estaria resolvida. Longe disso. Enquanto o tempo esteve bom e seco, a carne secou bastante, mas começa a apodrecer à mínima humidade. Tiveram de deitar fora uma boa parte, depois de quase se terem envenenado. Durante dois dias, arrastaram-se a vomitar. Tentam conservá-la com fumo, tanto fora como dentro da cozinha, quando está mau tempo. À custa de muita lenha e de imensas horas a manter o fogo aceso, conseguiram obter alguns resultados. Estas dificuldades levam a intermináveis debates sobre como fariam antigamente as pessoas, todos os pioneiros, os aventureiros que lhes povoavam as leituras. Serão eles os dois particularmente desajeitados? Que tipo de conhecimento terão perdido, desde que deixou de haver penúria alimentar? Tiveram o azar de ir ter a uma ilha menos rica em recursos naturais? Nas suas recordações, os Robinson Crusoé de todo o género não passam o tempo à procura de comida. Ao lembrarem-se das descrições dos caçadores de focas, a apanharem centenas de ovos de albatroz ou de pinguim, acabam por concluir que a vida selvagem é agora menos abundante por causa da devastação abusiva levada a cabo pelos seus predecessores. Vem-lhes à lembrança que em França a caça e a pesca também foram reduzidas a quase nada e com elas já não conseguiriam alimentar toda a população, e que os seus habitantes seriam igualmente incapazes de conservar as colheitas no sal ou na areia, como os seus longínquos antepassados.

A outra conclusão a que chegam é de que os antigos deviam comer pouco e mal, enquanto para eles a comida sempre foi uma evidência. Agora, a fome não os larga durante todo o dia e até os acorda de noite. As câibras na barriga e as súbitas salivações geram neles uma tensão e uma frustração permanentes, o que às vezes lhes faz vir as lágrimas aos olhos. Não há maneira de se habituarem a isso; a fome persegue-os, pouco ou muito, conforme os dias, insidiosa e incontornável. Um prato de batatas cozidas, só com uma noz de manteiga e uma pitada de sal! Uma salsicha com ervas no churrasco! Massa com fiambre! Evocar em pensamento estas maravilhas aumenta-lhes ainda mais a fome. Depois apercebem-se com horror de que

até a recordação do sabor desses pratos tão habituais os abandonou. O mundo gustativo deles reduziu-se ao peixe mais ou menos rançoso, às aves com sabor a peixe e a otária com sabor a peixe. O resto é conversa.

Estão a emagrecer. Ludovic, cujos músculos diminuem a olhos vistos, parece ainda mais alto. Louise, que não tem grande coisa a perder, parece, pelo contrário, comprimir-se e encolher, como se os seus membros, agora a ampararem-na menos bem, a obrigassem a encarquilhar-se. Tem muitas vezes vertigens, mas não se atreve a falar disso.

Os dias estão mais pequenos. O tempo fica desagradável, com o céu quase sempre cinzento, inchado com papos sombrios que se desfazem em chuvas diluvianas. Sonham com dias calmos, mas todas as manhãs, ainda da cama, ouvem a brisa a soprar na esquina da casa e o bater de uma chuva pesada. É cada vez mais perigoso ir a remar, no frágil bote, até à baía James, pois têm de contornar um cabo, expondo-se ao rebentar violento da ondulação. Depois de exterminarem todos os pinguins que havia diante da casa, decidem ir até à baía James por terra. Seguindo a costa, vão ter às grandes falésias onde ressumam musgos. Passar por elas, estranhamente, vai aumentar-lhes o caminho. Sobem pelo vale por onde tinham seguido no primeiro dia, e depois viram à direita, segurando-se com os pés e com as mãos no cascalho, descem então para o riozinho, voltam a subir e passam um desfiladeiro plenamente exposto ao vento. Por fim, enfrentam cento e cinquenta metros de descida perigosa pelo flanco da falésia, até chegarem junto dos pinguins. No regresso, carregados com os animais mortos, derrapam nos rochedos molhados e rasgam os blusões nas saliências da parede. Contando com uma hora a caçar, fazem uma viagem de ida e volta com duração de sete horas e chegam exaustos ao «número 40» com, no máximo, uns trinta animais.

Uma das suas conquistas mais notáveis foi a recuperação de velhos cadernos, no laboratório. Páginas inteiras cobertas com uma letra muito certa, colunas de números, registos dos massacres, controlo de qualidade de matadouros e de toneladas de gordura que, um dia, devem ter sido convertidas em bom dinheiro. As páginas estão abauladas, pintalgadas com manchas castanhas e de ferrugem. O bolor desenhou nelas formas azuladas, rosadas, esverdeadas. Este tesouro lembra-lhes de algum modo o antes, as folhas brancas e estaladiças que se tiravam das resmas, que se esbanjavam com três gatafunhos e que eram enfaticamente deitados para o caixote do

lixo. Ludovic recorda as pilhas de prospectos por distribuir, deitados fora às caixas inteiras. Louise suspira ao lembrar-se das agendas sofisticadas em que gostava de escrever diariamente, papel liso, papel texturado, papel *vergé*, papel marmoreado, a cada um dos quais parecia que os seus pensamentos se ajustavam. O papel passa assim ao estatuto de joia da tecnologia. Ludovic e Louise aparam um pau fino para fazer um estilete e fabricam uma espécie de tinta misturando fuligem e gordura. Resulta em algo grosseiro, mas permite-lhes fazerem algumas anotações. Nas costas das folhas, organizam um diário e discutem a tentar saber em que dia estarão. Tornou-se um ritual apontarem todas as noites aquilo que fizeram; em poucas palavras, para poupar papel:

*

6 de fevereiro: acabada a mesa da oficina.

12 de fevereiro: apanhados 32 pinguins; início do fumeiro na cozinha.

21 de fevereiro: 10 pinguins podres para o lixo, apanhado 1 saco de algas e 3 mãos-cheias de lapas.

23 de fevereiro: lâmina da faca boa partida, caçada 1 otária fêmea.

*

Estes modestos apontamentos escritos causam-lhes um bem-estar incrível. Fornecem-lhes de novo uma história, aproximam-nos de uma vida normal e civilizada. É certo que têm tendência para anotar mais os sucessos do que os fracassos, mais os projetos do que as dúvidas. Inconscientemente, permitem-se imaginar que um dia alguém há de ler essas linhas e por isso gostariam de causar uma boa impressão. Às vezes, apetece a um deles ligar o seu nome a determinado feito, mas ambos juraram nunca o fazer, por solidariedade...

Seja como for, ambos sonham com escrever um diário pessoal, um que pudesse também servir-lhes para libertarem a tensão.

À noite, apertados junto do bidão avermelhado, contam um ao outro passagens de leituras de que se lembram: as expedições de Shackleton, de Nordenskjöld e de outros grandes exploradores polares. Em certos momentos, isso dá-lhes força e uma infinita confiança no homem mergulhado no infortúnio; noutros, pelo contrário, ficam desesperados por serem tão desajeitados e tão fracos, em comparação com esses heróis. Tentam também distrair-se recuperando romances, episódios históricos,

informações geográficas. Louise achava-se muito entendida em literatura, mas já não consegue lembrar-se devidamente de *Alice no País das Maravilhas*, ou sequer contar a história de *Madame Bovary* ou de *O Vermelho e o Negro*. Ludovic baralha-se todo com a lista dos reis de França ou a tentar desenhar o mapa de África. Todas essas coisas que aprenderam lhes parecem agora tão distantes, quase inúteis. Fazem parte da cultura deles, daquilo que presumivelmente lhes fornece os códigos da vida em sociedade, mas aqui servem para alguma coisa? Ajudam-nos a encontrar comida ou a protegerem-se de doenças? No entanto, alimentar estas reminiscências é uma maneira de não se deixarem abater pelo desânimo, de continuarem a considerar-se integrados nessa comunidade humana que lhes faz tanta falta. Manterem-se «normais» é uma obrigação, uma provisão para resistirem. Não o dizem, mas o que lhes vem mais à memória daquele mundo de antes são os elementos da infância, as cantilenas que se surpreendem a trautear, as lembranças visuais de um passeio com um avô, o cheiro do creme de chocolate. Nenhum deles se atreve a confessar estas recordações, mas são elas que os amparam.

Na vida quotidiana, decidem estabelecer regras, princípios, ritmos, convencidos de que assim conseguirão manter à distância qualquer negligência. De manhã, obrigam-se a saltar da cama ao nascer do Sol, a fazer alongamentos sob a orientação de Louise e a discutir a lista de tarefas. Se não estiver tudo feito ao fim do dia, é proibido jantar. Frequentemente, a falta de jeito obriga-os a acabar já de noite, à luz fuliginosa das lamparinas a óleo. Estabelecem escalas para ir buscar água e para vigiar o fogo, tanto de dia como de noite, para poupar o isqueiro. Até fixam castigos para aquele que não cumprir as suas obrigações, e com isto Louise lembra-se do ritual familiar do mês de dezembro. Pegavam num tabuleiro de madeira com vinte e quatro buracos em três colunas, uma por cada filho. Todas as noites, os pais, tendo em consideração as boas ou as más ações daquele dia, faziam subir ou descer umas estrelas presas com pregos. Antes de deixar os presentes, o Pai Natal iria verificar se cada miúdo tinha conseguido elevar a sua estrela até ao cimo do quadro e se merecia recompensa. Bem entendido, conseguiam sempre, aceitando fazer todas as tarefas quando se aproximava o fim do prazo, trabalhando até a dobrar se fosse preciso. Ludovic acha tudo aquilo pueril, mas, para ela ficar contente, aceita fazer o mesmo. À noite, depois da higiene obrigatória, repartem minuciosamente a comida em

tigelas rachadas. Combinaram que Ludovic, mais alto, tem direito a mais uma colherada. Uma parte do serão passa-se em disputas oratórias sobre os respetivos méritos desse dia, que se traduzem num prego ferrugento que fazem avançar numa tábua podre. No domingo, é dia de fazer as contas; e o que perder leva com a obrigação de ir buscar água mais uma vez. Louise insiste em que o domingo seja dia de folga. Nesse dia, são proibidas as atividades produtivas, como caça, pesca, conserto de ferramentas; uma espécie de «dia do Senhor» austral, estranho para aqueles dois descrentes. Ficam na cama, fazem amor distraidamente, com muito cuidado para evitar uma gravidez, e concedem a si mesmos uma porção da ração de sobrevivência. Nesse dia, se saírem é apenas para passear, para subir o vale como na altura do seu primeiro e despreocupado passeio. Se chover, Louise dedica-se a tentar curtir as peles de pinguim, raspando-as minuciosamente para as tornar mais suaves. Ludovic faz desajeitadas esculturas de animais em madeira.

Pouco a pouco, estes rituais quase roçam a superstição. Fugir às obrigações seria desiludirem-se a si próprios, romper um contrato tácito e, quem sabe, desafiar uma qualquer justiça imanente. Forçar-se, obrigar-se, controlar-se, distribuir boas ou más notas faz parte da sua aprendizagem neste novo mundo. O destino, que pesa as almas e as ações, só será clemente para com os que o merecerem. Estes deveres ajudam-nos também a estruturar o tempo, mantêm-nos numa tensão do presente, enchem-lhes o espírito, evitam que se concentrem no futuro. O exame de consciência, o orgulho do trabalho cumprido, os esforços, justificam a sua humanidade, distinguem-nos dos animais, simples predadores, afastam-nos daquela vida das cavernas que às vezes parece ser a deles. Imitar a sociedade é ainda pertencer-lhe. Entre o aqui e o 15.^o *arrondissement*, só deve haver questões de forma, não de fundo.

Está um tempo tristonho, chuveira. Os blusões, que deveriam ter servido apenas para pequenos passeios, estão já todos rasgados e por isso deixam passar a humidade e o frio. Conseguiram arranjar tábuas para a fogueira numa barraca junto ao mar. A madeira está cheia de pregos velhos e eles têm de ter cuidado para não se magoarem. Trabalham de cabeça baixa, sem dizer palavra. A cada dia que passa, o cansaço físico e moral pesa-lhes mais. Por um momento, Louise endireita-se para massajar os rins e vê o mar à sua frente. Ao largo da baía, bem visível apesar da morrinha, um enorme navio avança paralelamente à costa. Louise julga por um instante que se trata de uma alucinação; depois tem a impressão de que uma barragem cede dentro do seu peito, um calor que a invade e a faz tremer, um calor bom e suave.

– Lu... Ludo! Ali!

Sente-se petrificada, sem ter sequer força para estender os braços, mas não é necessário, pois ele desata numa risadinha nervosa.

– Hurra! Depressa, para o bote!

– Não, espera, temos de acender uma fogueira para nos verem. Vou buscar combustível.

Ficam subitamente febris, desvairados, com uma sensação de urgência a latejar-lhes nas têmporas. Não têm tempo para elaborar uma estratégia. Quando fizeram uma mensagem com pedras, nas colinas, tinha-lhes parecido óbvio que algum barco passaria ali por perto, a veria e viria fundear na baía. Aquele barco está longe, sem dúvida demasiado distante para distinguir outra coisa que não terra dissimulada pelas brumas. É um navio grande, com mais de cem metros, um daqueles Cruise Ships que levam turistas à Patagónia ou à Antártida. Por entre o tempo encoberto, brilha com mil luzes, que sublinham, na sua silhueta sombria e maciça, as pontes, as coxias, as cabines. Um mundo agradável, organizado, fácil e gentil. Ali, mesmo diante do nariz deles!

Durante a viagem, tinham-se cruzado muitas vezes com essas catedrais flutuantes, troçando dos labregos da terceira idade a bebericarem chá por

trás das janelas panorâmicas, enquanto eles viviam a sério. Mas, neste momento, dariam tudo para estarem ali. A angústia tomou conta deles. E se o barco não os vir? Louise corre para casa, vai buscar o isqueiro. Ludovic precipita-se para a praia e para o bote. Quando ela volta, percebe que não pensaram os dois da mesma maneira.

– Para, Ludo, temos de acender uma fogueira!

Vai ter com ele, de coração acelerado. Onde está o navio? Já ultrapassou o meio da baía e continua tranquilamente o seu caminho. Oh não! Fica aí! Espera! Aos berros para o navio, mete-se no bote para desligar o reservatório da gasolina, com a qual tenciona acender a fogueira. Mas Ludovic puxa-a brutalmente para trás.

– Estás doida ou quê? Temos de ir apanhá-los!

– Nunca vamos conseguir, idiota! Eles andam depressa demais e não nos vão ver! Temos de acender uma fogueira...

Não acaba a frase, pois ele empurra-a vigorosamente. Num segundo perdem a capacidade de falar e de pensar. Lutam os dois, possuídos por uma raiva brutal, os rostos contorcidos de fúria e de urgência. Ele é mais forte, mas ela está fora de si, morde, arranha, volta ao ataque. Com os corpos colados um ao outro, a sua respiração ofegante lembraria paroxismos amorosos, se os olhos não brilhassem devido àquela súbita fúria. É a própria vida que está em causa. Ludovic leva finalmente a melhor; empurra-a para cima da areia e ela deixa-se cair, com o nariz a sangrar. Ele aproveita essa pausa para empurrar o barquinho para a água com um grunhido de vitória. Com a pressa, tenta por três vezes ligar o motor, mas esqueceu-se de abrir a gasolina. Tem as mãos a tremer, sente o coração a martelar-lhe no peito e a provocar-lhe dor. O tempo parece eternizar-se. Finalmente, o bote soltuça e parte a toda a velocidade.

Louise, atordoada, rasteja a gemer.

– Não! Não! Volta! Preciso da gasolina...

Dá murros no chão, fazendo levantar jatos de areia, invadida por um desespero insuportável. A violência que rebentou entre eles fá-la tremer. Se tivesse uma faca, tinha-lha espetado nas costas, nele, o homem que subitamente detesta no mais fundo de si mesma. Sente a vergonha a crescer dentro de si, sem conseguir distinguir se é por ter perdido na luta ou por ter deixado as suas pulsões e o seu cérebro emocional² tomarem o controlo. O barulho do bote desperta-a; põe-se de pé de um salto e, apertando o isqueiro

quase até lhe doerem as articulações, corre para o monte de madeira que estavam a desprender pouco antes. Já sem se preocupar com os pregos ou com as farpas que lhe ferem as mãos, junta os pedaços que lhe parecem mais pequenos e mais secos e tenta pegar-lhes fogo. Em vão, só consegue queimar as pontas dos dedos. Não quer olhar para o mar. Tem de continuar a concentrar-se. Não terá o Cruise Ship abrandado, para os passageiros contemplarem a paisagem? Ainda terá tempo de, pelo menos, fazer fumo? Desvairada, inspeciona os arredores. Numa tábuia, foram pendurados jornais velhos, sem dúvida para criar uma qualquer zona de separação. Ela arranca-os e acende-os, a tremer... Meu Deus, faz com que... Não reza desde os dezoito anos, quando disse à mãe que já não tinha fé e que ia deixar de ir à missa. Milagre! A chama tremelica e propaga-se aos pedacinhos de madeira. Louise suspira de felicidade. Com precaução de índio sioux, vai juntando mais pedacinhos. Em alguns minutos, um foguezinho cresce a partir do núcleo vermelho. Em breve vai poder juntar as tábuas podres, que libertarão um belo fumo. Volta a levantar-se.

Na baía, já não há nada. Nem navio, nem bote, só o nevoeiro e as silhuetas esbranquiçadas dos icebergues.

Louise deixa-se cair numa terra demasiado fria para exalar o mínimo cheiro e começa a berrar. O desespero, o ódio que tem àquela besta do Ludovic que acaba de estragar tudo, o efeito da luta, tudo jorra nela numa torrente convulsiva. Parece-lhe estar a enlouquecer. Para culminar daquela confusão, a solidão abate-se sobre ela como um fardo que lhe quebra os ossos. Vai morrer. Aliás, isso seria melhor do que uma longa agonia. Quem a chorará na verdade, se Ludovic desaparecer? Os pais, que se tinham oposto claramente àquela viagem, que a achavam «idiota, ainda por cima tendo um bom emprego»?

Vai ficar a ser para sempre apenas «a pequena», sem importância nenhuma? Os seus gritos elevam-se na baía deserta, aumentam, enrouquecem, transformam-se em soluços, recomeçam de forma ainda mais dolorosa. Dois pinguins assustados fogem a bater as asas.

A toda a velocidade, Ludovic chegou à entrada da baía. Aí, tropeça numa agitação violenta da água que faz o bote andar de lado e o obriga a reduzir a velocidade. Desajeitadamente, põe-se de pé, tira o blusão e agita-o bem alto no ar. O navio afasta-se. Não há problema, há de haver um marinheiro a fumar no exterior, ou um turista mais curioso do que os outros. Recordar-se

da história de um tipo que caíra à água no Mediterrâneo e que fora salvo pelo cozinheiro, quando este estava a deitar fora as cascas e miraculosamente o vira. O bote balança para todos os lados e desequilibra-o. Tem de chegar lá, não há outra hipótese. Acelera outra vez, atirando para fora com uma mão a água que vai entrando. Ao fim de meia hora, o Cruise Ship é apenas um lampejo a dançar ao longe, no meio da bruma. É inadmissível, é intolerável, mas é verdade. Ludovic sente-se como um prisioneiro bem-comportado a quem inexplicavelmente tivesse sido aplicada uma pena suplementar. A raiva, a frustração, a angústia formam uma bola que o sufoca. Há semanas que lutam, que enfrentam com coragem aquela vida miserável. Ele até continuou a fazer piadas para animar Louise, aceitou inclusive participar nos milhentos rituais ridículos que ela instaurou. E tudo isso para quê? Para aquela porcaria de navio vir gozar com eles! Não haverá justiça nenhuma?

Bruscamente, o desejo das coisas normais e simples submerge-o, o mundo no Cruise Ship, o duche, a música filtrada por cima da mesa bem posta e, mais longe, ali adiante, para além do horizonte, as pessoas a regressarem a casa, a barafustarem nos engarrafamentos, a beberem um copo entre amigos. Quer o sofá e o computador. Quer o barulho das chaves a serem tiradas do bolso, o odor a cebola a refogar e até o cheiro do metro nos dias de chuva. Quer...

Uma rajada faz a sua esperança desaparecer no horizonte, está encharcado e a tremer. Tem a cabeça a andar à roda. Vê-se a si próprio barbudo, magro, esfarrapado, naquele chouriço de borracha a dançar nas ondas, humilhado com a própria fraqueza. Quando finalmente decide dar meia-volta, já é muito tarde. Mesmo a baixa velocidade, por várias vezes o barco quase se virou. Tem de seguir obliquamente à costa para estabilizar. Vista do alto-mar, a paisagem é lúgubre, uma sobreposição de negro e de branco sujo. As ondas mostram os dentes a uma terra sombria e desolada, semeada de placas de neve. Ludovic desliga o motor e deixa-se andar à deriva. Para quê voltar àquela terra hostil? Não será melhor acabar já com tudo? Vai chegar a noite, o frio irá agarrá-lo com as suas garras indiferentes e ele deixar-se-á perder a sensibilidade pouco a pouco e adormecer. Parar de lutar, abreviar este pesadelo que não leva a nada. Dormir, dormir sem fome, sem a angústia permanente do dia seguinte. Subitamente, sente-se muito cansado por ter lutado durante tantas semanas. A esperança reanimada pelo

Cruise Ship atinge-o como um *boomerang* e deixa-o devastado. Sente-se exausto, incapaz de fazer um gesto, entregue aos elementos. Deita-se todo enrolado no fundo do bote maltratado pelas ondas e põe-se a devanear. Só lhe apeteçam coisas doces e quentinhas, algo ou alguém apaziguador para o ajudar a adormecer, a aniquilar-se.

Vejamos, qual foi a primeira rapariga que beijou? Amélie? Sim, não era muito bonita, mas os outros rapazes diziam que ela queria. Tinha um queixo saliente e um nariz grande, como ele. Ludovic lembra-se de pensar, ao aproximar-se do rosto dela, como é que os seus dois apêndices nasais poderiam ajustar-se. Tinha achado insípido o gosto da saliva. Procura outra recordação mais agradável. Louise. Tivera de a cativar e isso enchera-o de orgulho. Nas primeiras vezes, sentia-a crispar-se quando ele a penetrava, pronta para fugir. Então, ele multiplicara os preliminares, as carícias, interrompera-se de súbito para deixar que o desejo crescesse nela, até que um dia ela começou a gemer como um gatinho. Depois a voz dela ganhara amplitude, crescendo dos gemidos ao canto e atingindo os tons agudos. Nessa noite, ele tivera a impressão de ter compreendido tudo sobre a feminilidade. Gostava de a puxar para si, de ver os seios dela a caírem como dois triângulos. A sua Louise, a sua pequena, pequenina Louise. Pôs-se a cantarolar:

– Pequena, pequena, pequenina...

O bote anda à deriva como um peixe morto. Um petrel gigante, intrigado, voa por momentos às voltas por cima dele. Mas aquela coisa grande não se parece com nada que se coma.

– Pequena, pequena...

Tem frio. Porque é que Louise não vem aquecê-lo? É má, e ele fez tanto por ela! Ludovic só lhe pede um bocadinho de calor. Louise tem mau fundo, é seca e dura, só se interessa pelas malditas montanhas. Se ele não tivesse aparecido, ela ia ficar sempre uma solteirona, no meio da poeira da papelada dos impostos e com os cretinos dos amigos do alpinismo. Tem tanto frio! Precisava mesmo que viesse alguém aquecê-lo. Se não for Louise, vem a mãe. A mãe é tão bonita! Ele adora que ela o leve à escola, para os colegas a verem. Mas a mãe agora também já não é tão simpática, está muito ocupada. Tem o trabalho...

– Não faças barulho, Ludo, venho agora de uma reunião e estou exausta... Porta-te bem, tem cuidado, não me ponhas essas mãos sujas no

vestido... Porta-te bem, a Irina vai tomar conta de ti esta noite, que o pai e a mãe vão sair... Porta-te bem...

Ele porta-se sempre bem. Encolhe-se todo. Os salpicos chovem por cima do corpo inerte e acumulam-se no fundo, numa poça que oscila a cada movimento das ondas.

Um fragor insinua-se no seu espírito, impedindo-o de dormir, quebrando o fio do seu sonho amargo. Um ruído de catarata cadenciado, incongruente, obriga-o a abrir os olhos. É a hora do lusco-fusco, o interminável crepúsculo daquela região austral. Os raios oblíquos gotejam das nuvens e agarram-se a tudo. Tingem de ouro as fileiras de musgo verde, destacando todas as saliências da falésia e os compridos carreiros brancos dos dejetos dos pássaros. Mais abaixo, um turbilhão quase fluorescente de ondas rebenta, esguicha em feixes muito altos e volta a descer, lambendo a parede e arrastando atrás de si compridos filamentos de água, como uma espécie de medusas. Ludovic gostaria de fechar os olhos, de afastar de si esta visão incómoda, mas não consegue, já não consegue. Aquela falésia, a alguns metros dali, contra a qual o vento o empurra, é a morte. A morte, ali, já. Imagina o próprio corpo esmagado nos rochedos, com as pedras salientes a rasgarem-lhe a pele e as ondas a asfixiarem-no. Não! Agora não, não aqui! O pequeno esquife entra na zona cheia de espuma da rebentação. Está cansado, muito cansado, mas tem de abrir os olhos. Arrasta-se até ao motor fora-de-borda, fica exausto a puxar a correia de arranque. O barulho do mar tornou-se ensurdecador e provoca-lhe um medo tal que uma força desesperada o reanima. O motor começa a trabalhar e arranca-o no último instante ao desastre anunciado. Na crescente escuridão, deixa-se navegar ao longo da costa, com as ondas atrás de si.

Navega durante uma boa meia hora, tomado por sensações estranhas. Sente-se mole, como se estivesse a sair de uma longa doença, e a sua cabeça continua a andar à roda. Já nem se lembra exatamente do que aconteceu, só vê as luzes de trás do grande navio, como se fossem as últimas brasas de uma fogueira a apagar-se. Com o chegar da noite, dá por si a achar divertida aquela história. Está a passear sozinho naquela costa desconhecida. Está livre. Se não estivesse a tremer como se padecesse de paludismo, bem poderia continuar assim, como os miúdos quando adiam a hora de voltar para casa e ficam na rua a assustar-se uns aos outros.

A falésia abre-se num fino recorte. As noites de fim do verão naquela zona nunca ficam totalmente escuras. Uma rede esbranquiçada estende-se ainda pelo horizonte e permite-lhe ver o tapete de veludo preto das águas lisas e protegidas. Avança em direção a elas e, alguns minutos mais tarde, a hélice bate contra os seixos de uma praia minúscula. Salta para terra, senta-se na areia fria e tenta responder aos próprios pensamentos. Aí está! Já se lembra! Viram aquele grande navio e ele perseguiu-o em vão. E Louise, porque é que não está com ele? A sua mente apagou a memória da luta entre ambos. Encharcado, treme da cabeça aos pés. Tem de ir ter com ela, por muito que lhe custe; Louise deve estar morta de medo de ficar sozinha, a menos que seja a ele que a solidão aterroriza.

Ao fundo de uma colina estreita, um riacho precipita-se pelo meio de um penhasco quase liso. Ludovic puxa o bote por cima dos seixos e tenta levá-lo mais para cima, agarrando-se às asperezas escorregadias. A água glacial corre-lhe pelas mãos e paralisa-lhas. Tem a sensação de estar num filme em câmara lenta; iça-se, escorrega, recomeça. De cornija para saliência, acaba por chegar a uma plataforma. O mau tempo está a afastar-se. Só ficam algumas nuvens esfarrapadas que deixam ver uma lua quase cheia, de um branco cerúleo. O que faz explodir de brancura as zonas nevadas e exagera as sombras. Cada colina, cada pico de pedra, a menor pedrinha, tudo se torna maior e mais angustiante. Os lugares-comuns do cinema perseguem-no: *Nosferatu: o vampiro*, *O Monte dos Vendavais*. Um grande plano da Lua disfarçada pelas nuvens significa que os problemas do herói vão começar. O argumento diz que ele tem de caminhar, caminhar sempre, naquele deserto de cascalho. Algures, alguém irá gritar: «Corta!»

As luzes vão voltar a acender-se, alguém irá trazer-lhe um chá a ferver, uma manta, dizer-lhe que ele esteve bem e que vão aproveitar aquele *take*. Mas afinal não é bem assim, nada acontece e ele continua a caminhar. Já só tem um pensamento: Louise.

Às cegas, vai seguindo a costa. Uma hora? Duas? Três? Só sabe que tem frio e por vezes vontade de se deitar todo encolhido, só por um bocadinho, para se aquecer. Mas não pode ser, por causa de Louise. Ela não vai ficar satisfeita se ele chegar tarde para jantar. Bruscamente, a plataforma é interrompida por um tapete negro como tinta: a baía, a baía deles. Do outro lado, vê brilhar à luz da lua as ruínas da estação. Imagina os milhares de

noites que aqueles escombros passaram assim, naquele frio noturno, ignorados, abandonados, avançando para a destruição.

Uma hora? Duas? Três? É preciso descer às apalpadelas, patinhar nas poças da planície aluvial.

Aí está o «número 40», a escada, a porta, a cama.

Louise desata a berrar diante daquele vagabundo com olhos de louco que se deixa cair para cima dela.

⁷ O mesmo que sistema límbico, grupo específico de estruturas anatómicas responsável pela sociabilidade, sentimentos e emoções. [*N. da R.*]

No dia seguinte, não se levantam. O dia nasce, um raio de sol faz a poeira dançar por um instante. Reina um silêncio mortífero. Tiveram tanto medo de se perderem que se apertaram um contra o outro, no meio da noite. Dos seus corpos colados sobe um ligeiro vapor.

Quando regressara da praia, Louise fora diretamente meter-se na cama, incapaz de fazer outra coisa. Ao fim de uma hora ou duas, forçara-se a levantar-se, a voltar à costa, que estava a ficar escura. Fora tomada pelo mesmo tipo de angústia de quando se tinham apercebido do desaparecimento do *Jasão*, mas, desta vez, fora Ludovic que desaparecera. Aquela inquietação ocultava as recordações da luta e da cólera dela. A toda a pressa, escalara a colina das inscrições, mas, ao largo, só o oceano desenrolava o seu tapete cinzento-esverdeado. Ao voltar à casa, metera-se de novo na cama, para lutar contra o frio. Na ausência dele, ficar junto do fogo teria sido quase indecente. Comer, nem sequer pensava nisso. Ludovic estava algures na escuridão crescente. É claro que não tinha conseguido apanhar o navio. Ter-se-ia afogado? A sua pele já estaria inchada, já teria amolecido, já se teria transformado numa presa, em carne anónima? Estaria ele em algum lugar da costa? Ferido? A própria impotência atormentava-a. A espera era exasperante. Por fim, numa semi-inconsciência, ouvira passos cambaleantes na escada. Ele voltara.

Debaixo dos cobertores, estão imersos na humidade morna das roupas que não chegaram a tirar. Ao longo das costas, do pescoço e da cabeça, sentem o frio exterior, repugnante, agressivo. Ontem aconteceu tudo tão depressa. Ainda se sentem exaustos, no corpo e no espírito. O tempo passa, ou não passa, já nem sabem. Emergem do torpor desencontrados um do outro e deixam-se voltar a mergulhar nele. Lá fora é tudo demasiado frio, demasiado difícil.

Por fim, Louise começa a mexer-se. Reage com dificuldade. Doem-lhe todos os músculos, como se lhe tivessem batido. Precisa de ar, do exterior, de respirar livremente. Ao sair, uma ligeira aragem áspera traz-lhe o primeiro apaziguamento. Gostava tanto, na montanha, daquele vento que

corta a cara! Obriga-se a andar, a pôr-se de novo em movimento. Percorre a praia de um lado para o outro, tentando esvaziar a mente: um passo, outro, mais outro. As algas secas estalam-lhe debaixo dos sapatos, as ondas sibilam, um alcatraz grasna. Ela deixa esses ruídos invadirem-lhe o cérebro. Ruídos íntimos da vida que segue o seu curso e de que ela faz parte. Concentra-se nas sensações das plantas dos pés. Os sapatos quase desfeitos falam-lhe do chão: areia seca e mole, areia dura molhada pela maré, seixos, o inchaço de uma concha. Calcanhar, ponta do pé, calcanhar, ponta, assim vai ela pondo os pés na terra, nesse pequeno planeta no meio do cosmos. O vento corta-lhe as mãos: *Homo sapiens*, mamífero omnívoro, homeotérmico. Ontem, rompeu-se um laço que a ligava ao mundo normal, o mundo do 15.^o *arrondissement*, das luzes da cidade, dos apartamentos aquecidos, da água corrente. Pensar nisso é doloroso, como um amor perdido, mas, se ela não fizer esse luto, não haverá lugar para outra coisa. Outra coisa? Mas o quê? Sente-se atirada de um lado para o outro pelos acontecimentos, à imagem da fina carapaça de crustáceo que cabriola ao seu lado, sob a força do vento. Recomeçar! Uma das palavras-chave do nosso desnorteado tempo. Recomeçar depois de um divórcio, apesar do desemprego ou da doença. Os jornais estavam cheios de exemplos de pessoas com uma fé quase mística no futuro, como fénix modernas a reinventarem um emprego, um teto, um lugar na sociedade. O que ela está a sentir deve ser parecido com o que passam os afegãos perdidos nas cidades europeias: um desespero incrédulo, uma impotência irremediável.

Nunca teve instintos suicidas. Aliás, nem sequer consegue imaginá-lo. Um bocado de sucata ferrugenta com que cortar as veias? Uma corda fria à volta do pescoço? Só pensar nisso dá-lhe arrepios e provoca nela um sobressalto animal. As idas e vindas cavaram um trilho fino na praia. Ela está ali, ainda viva; é preciso continuar, até ao fim.

Ao regressar ao «número 40», está de novo quase tranquilizada. Quando entra no quarto, atinge-a o cheiro a fumo frio. Ludovic não se mexeu. Puxou o cobertor para cima da cabeça, formando assim apenas uma protuberância inerte na cama.

– Ludovic? Ludo? Estás a ouvir, querido?

Senta-se na cama, puxa o cobertor para trás e pega-lhe na cara com as mãos. As lágrimas deixaram riscos mais claros na sujidade da cara dele. Conversam durante muito tempo. Primeiro, é só ela que fala, mas pouco a

pouco ele vai ensaiando ruídos soluçantes, depois sílabas. Já não acredita em nada. Está acabado, tramado, eles os dois não prestam para nada, vão morrer ali e já pouco importa. É tudo culpa dele, a viagem, a ilha, o passeio, o Cruise Ship, e pede-lhe perdão por isso. E ei-la transformada em consoladora, dando à voz, sem acreditar nisso, um tom animado, refutando, encorajando, estimulando, como o faria uma mãe. Não sente cólera, nem piedade, nem ternura, só quer que ele se levante para não a deixar sozinha.

Por fim, ele sente fome.

Para Louise, é uma sensação nova. Até agora, infiltrou-se nos interstícios da vida dos outros, dos companheiros de escalada, dos colegas, de Ludovic. Ser «a pequena» implica dar educadamente a sua opinião, se esta lhe for pedida. Louise é sensata e toda a gente gosta de lhe pedir conselho. Ela responde e pronto. Os seus sonhos de infância voltam-lhe à memória. Nas histórias que inventava, era ela quem tinha o papel principal, era ela a heroína, admirada ou contestada, mas sempre a conduzir a própria vida. Por que razão tinha abandonado esses sonhos? Quando admitira que era melhor não vir a ser guia nas montanhas? Que cobardia a fizera renunciar aos seus desejos e contentar-se em ir escalar algumas horas por semana? Na verdadeira vida, achava-se frequentemente incompetente e preferia ver os outros a decidirem por ela. Agora, já não tem escolha.

Ludovic arrasta os pés. Alguma coisa se quebrou no mais fundo de si mesmo. Uma espécie de pêndulo descontrolado fá-lo oscilar entre o otimismo e o pessimismo e o seu humor é tão mutável como as nuvens que percorrem, iluminam ou ensombrecem a baía. Por momentos, vê-se a triunfar, a regressar à civilização depois de provações homéricas. No instante seguinte, tudo isso lhe parece vão. Ele não vale nada. Se pudesse, deixava-se ficar aninhado debaixo dos cobertores sujos. Permanecer ali, devanear, evadir-se a dormir, esperar. Erguer-se é um sofrimento. Reencontrar a luz pardacenta, a humidade, as mil feridas que lhe atormentam o corpo enfraquecido, tudo isso se torna insuportável. Mas faz um esforço e levanta-se.

Louise compreende-o. Sentados nas vértebras de baleia, diante da fogueira que ela põe a rugir e a flamejar, falam em voz baixa, como se estivessem a engendrar um plano secreto. Ela tenta tudo por tudo:

— Vamos construir um barco, ou consertar o baleeiro que está ali no estaleiro, em sítio seco. Não se encontra assim em tão mau estado.

– És doida, estamos a 2500 milhas da África do Sul e a 800 das Malvinas.

– E então, a 2 nós de média, é possível. As Malvinas ficam contra o vento, mas conseguimos chegar à África do Sul num mês, mês e meio. Lembra-te de Shackleton e da travessia que fez, vindo da Antártida.

– Tudo bem, mas nós não somos Shackleton. E a comida? E a água?

– Ouve, temos tempo. Fazemos o trabalho todo durante o inverno, juntamos víveres. Temos de nos mexer, Ludo.

Está animada. Descreve-lhe o barco, os flancos arredondados, a pequena cabina, um mastro e velas que hão de fabricar. Vai ser o *Jasão 2*, a segunda oportunidade deles.

Ele revê-a no TGV, da primeira vez. Os olhos dela estavam semeados de estrelas, como agora. A ele, repugna-lhe decidir seja o que for. Mas ela é teimosa e esforça-se como um bom soldado. Está com um aspeto deplorável, com o blusão cuja cor azul-clara já não passa de uma recordação, o cabelo colado com a porcaria, as mãos cheias de cicatrizes de cortes, pronta para se lançar ao assalto como um militar da Primeira Guerra Mundial. Apresenta argumentos que são tanto para se tranquilizar a si mesma como para o convencer. Ludovic deixa-se ceder, por impotência, com um restinho de fascínio por aquela rapariga magricelas que tem uma energia infinita. Tomar uma decisão é um alívio.

Lembra-se das imagens religiosas que a avó lhe mostrava. Uma bifurcação com duas vias: o caminho do paraíso começava com um matagal, mas ia-se suavizando pouco a pouco, enquanto o caminho que parecia mais seguro ao primeiro olhar conduzia ao inferno. Parvoíces judaico-cristãs? Superstição sacrificial? Quem sabe?! No ponto em que eles estão...

O barco jaz no espaço aplanado do estaleiro, como um monstro adormecido. Um vento maligno atormentou-o até ficar com os suportes de lançamento à água destruídos. O lado de estibordo deformou-se mais de um metro quadrado quando o barco cedeu. Nove metros de comprimento, três de largura; os seus flancos, ainda guarnecidos com grossas cordas de cânhamo reforçadas a borracha, indicam que devia servir de barco-piloto. Acostava aos navios de pesca e guiava-os para o cais. Muitas tábuas estão soltas e escapam-se delas fitas de estopa enrugada que parecem punhados de vermes.

A madeira de carvalho foi ficando cinzenta com os anos e coberta de carreiros de ferrugem e de excrementos, mas ainda inspira confiança. Na ponte, a superestrutura da cabina está aberta aos quatro ventos. Na cavidade que servia de lugar de pilotagem, a barra já é apenas uma fina haste dourada pela ferrugem. Na parte da frente, a vida recuperou os seus direitos. Em cada interstício, germinaram festucas⁸, cobrindo a proa de uma cabeleira cor de palha. Os corvos-marinhos apoderaram-se delas, tricotando as suas folhas em ninhos elevados. Com os olhos de um azul real, realçados por um pompom cor de laranja vivo, perscrutam os intrusos com um ar inquieto e levantam voo contrariados. Louise aproveita para matar as crias, com vista à refeição da noite. O interior está destruído, cheio de água estagnada. Ainda se vê uma mesa e um banco solidamente aparafusados e armários periclitantes, todos pegajosos de humidade e escurecidos por cogumelos. Um bloco de ferrugem já não merece o nome de motor.

Estranhamente, o trabalho monumental necessário para fazer daquele destroço um barco capaz de enfrentar os mares do Sul anima Ludovic e ameniza a sua sensação de fracasso. O seu entusiasmo desapareceu, mas pelo menos consegue sinceramente pensar em pôr-se ao trabalho. Aquela atividade absorve-o e é nela que se refugia. De elemento passivo, desanimado, passa outra vez a homem de ação. Louise vigia-o como uma enfermeira a acompanhar os primeiros passos de convalescença do seu doente.

Durante uma semana, esforçam-se por levantar o navio e libertar a parte danificada. Introduzem enormes cunhas com a ajuda de maças, escoram-no com tábuas penosamente arrastadas. Cada milímetro ganho é uma vitória, um passo para a liberdade. O jeito deles para trabalhos manuais é mais do que limitado. Habitualmente, o que se parte deita-se fora. A experiência de Ludovic reduz-se a construir casas nas árvores e a cuidar da bicicleta, a de Louise é nenhuma. Pregar tábuas por cima do buraco não é pera doce. Cada uma das ferramentas de que precisam exige já horas de trabalho. É preciso encontrá-la, voltar a pô-la em condições, raspá-la, tirar-lhe a ferrugem, afiá-la. Depois, usam-na mal, derrapam, desviam, torcem, partem. Às vezes, uma mancha de sangue escurece a madeira ou o ferro-velho. Desconcerta-os serem tão desajeitados. Ajustar duas tábuas e pregar um prego bem direito sempre lhes pareceu muito simples, uma daquelas coisas que se fazem por instinto, como andar de bicicleta. Agora estão a descobrir a sua complexidade, os imprevistos e as armadilhas desses trabalhos. Serão mesmo uma nulidade?

Os pioneiros e os heróis das suas leituras pareciam resolver o assunto num instante: «Construímos uma cabana», ou: «Com os destroços do barco, fizemos uma lancha.»

Louise lembra-se de que o pai, por questões de poupança, tinha construído ele próprio os armários da loja. Parecia óbvio e fácil. No final, as prateleiras estavam direitas, as portas fechavam e as gavetas deslizavam. Agora dá-se conta de que nem ela nem sequer os irmãos conseguiriam fazer metade daquilo. Incapazes de cortar um bisel² regular para ajustarem as tábuas, decidem prender a madeira pelo exterior do buraco que têm de tapar. Com plainas que foram desencantar à carpintaria, alisam grosseiramente algumas ripas de maneira, seguindo o contorno arredondado da cercadura. Mas as tábuas arrebitam, arrancam os pregos, racham-se com os esforços deles. Acabam então por utilizar cavilhas, mas o resultado é deplorável. O casco a estibordo exhibe um inchaço digno de uma cara atormentada por uma infeção dentária. O conjunto não vai ser de modo nenhum estanque e a ideia de o calafetar enche-os de perplexidade. Têm recordações demasiado vagas de histórias de fragatas que se tinham de carenar para conseguirem proceder a essa delicada operação, e ficam aborrecidos consigo mesmos por terem passado demasiado depressa por essas descrições que pareciam tão aborrecidas. O leme também lhes coloca

um problema insuperável. As ferragens enferrujadas acabaram por ficar como que soldadas umas por cima das outras e não vale a pena pensar em mover o pesado apêndice.

Eles poderiam ficar desencorajados. Na vida normal, já há muito teriam abandonado o trabalho e deixado outras pessoas mais competentes que eles fazerem-no em seu lugar. Mas trabalhar é uma forma de redenção. Voltam a encontrar a camaradagem que animara a viagem. Cá estão eles a lutar lado a lado. Regressam as brincadeiras. Timidamente, aceitam de novo trocar deles mesmos, da sua falta de jeito, das suas esperanças. De manhã vão «para o trabalho», como toda a gente. À noite, pelo meio das lascas e aparas aloiradas, com as costas em fogo do muito que transportaram e a cara sulcada de rugas de porcaria, fazem o balanço do dia e planificam o seguinte. Esse aparente regresso à normalidade, mais do que tudo, tranquiliza-os e liga-os de novo. Já não é raro, à noite, um deles deslizar a mão por baixo dos trapos do outro e deixarem-se levar, naquele corpo a corpo, para longe daquela casa húmida.

Os trabalhos avançam lentamente, pois eles continuam também a ter de correr atrás da comida.

O outono toma posse da ilha. De manhã, o frio corta-lhes a cara e as mãos. Quando param de se mexer, ficam a tremer nas roupas esfarrapadas. Deve ter começado o mês de março, aquela altura que, na vida parisiense, significava a renovação e que cheirava já a projetos de férias. Aqui, os dias ficam mais curtos e a paisagem afunda-se no cinzento. Não têm outra hipótese senão obrigar-se, dia após dia, faça vento ou caia chuva, a arranjar comida e a alimentar a louca esperança que os junta à volta do barco baleeiro.

Uma manhã em que chove a cântaros, concordam em fazer uma pausa, mas ao início da tarde o tempo piora e uma forte tempestade sacode a base. O vento ruge, geme, irrita-se. As chapas velhas parecem ganhar vida e, com o movimento das rajadas, rufam como tambores a responderem uns aos outros. De vez em quando, um longo estrondo indica que uma delas cedeu, destruindo assim um pouco mais daquela aldeia perdida. Fecham-se os dois no «número 40», tossicando no meio do fumo expelido pela lareira improvisada. A chuva é tão compacta que forma uma tela quase palpável diante da janela. O mundo desapareceu, o refúgio deles é uma ilha dentro de uma ilha, um fragmento de nuvem no seio do qual flutuam. Não existe mais

nada, nem terra, nem homens, nem plantas, nem animais, nem sequer o mar. Só existem eles os dois, no coração tonitruante da tempestade. Acabam por se enfiar na cama, deixando uma lamparina acesa para se protegerem da escuridão, como crianças. Quando se sente uma rajada mais violenta, as paredes vacilam. Por um instante, imaginam que os vidros se partem e que acabam por ficar entregues àquela fúria, sozinhos, desprotegidos. Invade-os um medo animal, um medo atroz e intenso que os absorve. No início, tentam falar: num murmúrio, contam um ao outro histórias de antes, do tempo em que a vida era normal. Mas, rapidamente, o esforço torna-se demasiado grande, por estarem tão concentrados no barulho exterior. Estão ali, prostrados como animais, de punhos cerrados, sobressaltando-se a cada sacudidela do vento. O dia passa lentamente e eles vão dormitando, de mãos dadas. A pouca luz estingue-se, já deve ser noite. Ludovic, com a cabeça debaixo do cobertor, apercebe-se de que tem lágrimas a correrem-lhe pela cara, sem saber muito bem porquê. Pergunta-se se chegará vivo ao fim daquela tempestade. Fugir da ilha? Eram doidos por pensarem sequer nisso. No mar, com aquele tempo, o velho barco remendado iria logo ao fundo, sem sequer deixar um círculo na superfície. Tem a impressão de a água lhe inundar a boca e os pulmões, como quando estava no bote, depois de ter ido atrás do Cruise Ship.

Louise também está a pensar no barco baleeiro. Como Ludovic, o medo de se afogar dança-lhe diante dos olhos. Chega à conclusão de que têm de ficar em terra. No fim de contas, aqui há vida, água potável, plantas, animais. Vão acabar por se adaptar. Lembra-se das histórias dos índios na Patagónia, que viviam nus ao frio do inverno, a caçarem na neve, a pescarem na água gelada. Aparentemente, falavam com ternura desta terra que assustava tanto os colonos. Serão eles dois menos capazes do que aqueles povos primitivos? Sem dúvida, pois os benefícios da sua civilização tão desenvolvida separaram-nos dessa compreensão milenar da natureza, desses conhecimentos ancestrais que permitiam aos homens viverem de quase nada. Ao civilizarem-se, ganharam em conforto e em longevidade, mas essa sofisticação fê-los esquecer algumas questões fundamentais da vida e é por isso que agora se encontram assim ali, sem recursos.

O dia seguinte é pouco melhor. Ainda o passam debaixo dos cobertores. Louise só se levanta para ir buscar um bocado de pinguim fumado, que mastigam sem vontade. Ao final da tarde, o vento lá acalma e solta os

últimos sopros. Durante essa noite, na base já só se ouve um ou outro estalido, como se fossem réplicas de um *tsunami*.

O dia renasce tranquilo, mas o céu límpido parece-lhes frágil. Instintivamente, procuram sinais precursores do regresso da tempestade. Por fim, respiram aliviados.

No estaleiro, o desastre é total. Os frágeis suportes cederam. O casco tombou de novo, espojado por cima das tábuas que eles tinham tão arduamente fixado e que se quebraram. Sem gritar, sem chorar, parados a alguns metros um do outro, contemplam a aniquilação de semanas de esforços. Já nem têm energia para sentir alguma coisa. Sentem-se ambos vazios, tão atordoados como um pugilista encostado às cordas, abatidos como no primeiro dia, quando o *Jasão* desapareceu. Mas, desta vez, tinham lutado e perderam.

O que os espera na baía James é ainda mais angustiante. Os pinguins desapareceram, deixando atrás de si um tapete de excrementos rosados e malcheirosos. Eles já tinham reparado que as crias estavam a começar a nadar desajeitadamente e que os pais estimulavam os filhos com bicadas, para os obrigarem a tornar-se autónomos. A natureza não é conciliadora e a vida só dispõe de alguns meses para ganhar raízes. O frio entorpece a terra. Azar para os que se atrasaram e para os fracotes, que não vão conseguir chegar a tempo à proteção do oceano. A tempestade acelerou-lhes a retirada. Das dezenas de milhar de animais, algumas centenas vagueiam ainda por aquele campo de batalha abandonado.

Nos três dias seguintes, atormentados pela urgência, esforçam-se por salvar o que podem, por capturar o maior número de pinguins possível. Com a rotina, já adquiriram uma grande destreza. As pedras já não lhes rolam debaixo dos pés quando descem a colina a correr, sabem antecipar os erráticos movimentos de fuga dos animais, desferem as pancadas apenas com a força do pulso necessária e não falham o alvo. Voltam ao «número 40» cada vez mais carregados com presas. Os caçadores de focas do século XIX haviam de os admitir facilmente na sua comunidade.

Ao quarto dia, o ânimo deles é travado pela neve. Logo que abriu os olhos, Ludovic reconheceu a luz mais azulada, o silêncio denso. Como quando era miúdo, fecha os olhos para saborear o dia que aí vem. Em Antony, a neve já não é muito frequente. Agora, transforma-se depressa numa papa acinzentada que se prende às solas, mas pelo menos há sempre

um dia de graça. Vai abrir a porta a esse mundo novamente virgem; será ele o seu explorador. Lembra-se do instante em que se imobilizava diante da página branca do jardim, em Antony, diante daquela paisagem familiar e ao mesmo tempo transfigurada. Lembra-se da pressa que tinha de devastar a neve, rolando por cima dela, de a possuir rindo às gargalhadas, de se esbojar nela para aí deixar a sua marca, com os braços e as pernas a formarem uma cruz.

Contudo, quando saem do «número 40», Ludovic não reencontra nada dessa alegria. A neve parou de cair, mas ainda deixa o céu inchado com um cinzento uniforme que absorve a luz. A humidade escureceu as madeiras e as ferragens, que furam em todos os sentidos aquela cobertura branca, dando às ruínas um ar ainda mais desolado. Sem contar com algumas pegadas tridáctilas de aves marinhas, não há nenhuma marca de vida. Longe de experimentar a sensação de um novo mundo, Ludovic tem a impressão de um abandono, de um adormecimento a antecipar a morte. Louise não é tão mórbida, mas faz contas de cabeça. O inverno está a chegar, o inverno está mesmo aí. Na cozinha, têm uns quarenta pinguins ressequidos e um resto de otária. E depois?

Descem até à praia de mão dada. Esta neve depois da tempestade assinala uma nova fase da sua vida na ilha. Deixam para trás das costas as atividades trapalhonas e desordenadas, os seus reflexos de resistência quotidiana. Aquele universo branco parece-lhes uma metáfora: vão recomeçar do zero. Mas, desta vez, não têm nada, nem alimentos, nem meios para saírem dali.

Sem falarem, seguem lentamente o limite da maré alta, onde a neve para bruscamente. O tempo está calmo, um mar cinzento sibila docemente na areia, fitas de nuvens mantêm-se imóveis a meia altura das falésias, o céu pesa como uma tampa. Seria preciso escrever naquela página branca uma nova história, achar uma ideia, encontrar um impulso. Mas é o cansaço que toma conta deles, um desalento irreprimível que os deixa sem forças e sem esperança.

⁸ Plantas herbáceas de porte baixo e muito resistentes que geralmente se aglomeram, formando pequenos tufos de verdura. [N. da R.]

⁹ Corte oblíquo feito no encontro de duas superfícies (como tábuas de madeira), de modo a eliminar as arestas ou quinas por elas formadas e a permitir a sua junção. [N. da R.]

Segundo as contas no livrinho de registos, devem estar no final de abril. O dia só nasce pelo meio da manhã. Acabaram-se as atividades regulares, a ginástica matinal, o plano de trabalho diário. Desde que os animais desapareceram e o barco baleeiro ficou desfeito, sentem-se em roda livre. A neve caiu esporadicamente nos últimos quinze dias e foi preciso desimpedir o caminho para chegarem ao riacho, que está frequentemente coberto por uma fina película de gelo.

O dia pesa-lhes. Gostariam de dormir, de dormir para esquecer, de dormir e, miraculosamente, acordar libertos daquele pesadelo que já dura há tanto tempo.

Decidiram limitar a ração diária a um pinguim por pessoa. Os melhores bocados são fritos em gordura de otária ao meio-dia, os outros são cozinhados durante horas numa mistura estranha na qual se juntam pedaços de carne, ossos esmagados e até as peles que antes punham de lado. De manhã e à noite, diluem o mais possível aquela sopa e a água quente que lhes enche a barriga dá-lhes uma breve sensação de saciedade. No resto do tempo, a fome causa-lhes dores de estômago, fá-los estremecer, põe-lhes a cabeça à roda, provoca-lhes tonturas súbitas e paralisa-lhes os movimentos, como se estivessem presos numa teia de aranha. A fome também lhes corrói o espírito, impede-os de pensar, de fazer planos, de imaginar sequer o dia de amanhã. Deixam-se levar nesse torpor causado pela inatividade. Partir tábuas para alimentar o lume e apanhar uma mão-cheia de marisco na maré baixa são as suas únicas ocupações, mas até essas os repugnam. O resto do tempo é passado junto ao lume.

Ludovic tem uma tosse cada vez mais cavernosa. Afirma que é um problema de garganta passageiro, mas Louise vê-o levar instintivamente a mão ao peito, tentando esconder uma careta. Emagreceu imenso e as suas articulações fazem protuberâncias pouco saudáveis debaixo da pele. Caminha com passos curtos, como um velho, e deslocar-se deixa-o esgotado. Apesar de tudo, faz esforços desesperados para reanimar a chama do seu lendário otimismo. Construiu dados e um dominó com bocadinhos

de madeira e poliu-os cuidadosamente, atento à sua estética e durabilidade. Louise aborrece-se ao vê-lo absorto naquele trabalho inútil, mas não há mais nada para fazer, por isso mais vale ele estar ocupado. Aborrece-a ainda mais vê-lo tentar fazer de conta que está tudo normal.

– Queres jogar uma partida? Vamos à desforra, tu foste boa demais na última! Desta vez, aposto a minha tigela de sopa de logo à noite.

– Deixa de ser parvo. Olha para ti, estás só pele e osso.

– Exatamente, uma tigela de água quente a mais ou a menos...

Louise não tem vontade de jogar. Não tem vontade de nada. A fase de soldadinho corajoso terminou. Já não consegue fazer esforço nenhum. Fê-los toda a vida e, vendo agora o resultado, foi tempo perdido. Ludovic irrita-a com aquele falso bom humor. Ela sabe que devia ter pena dele e tentar suavizar-lhe a vida, uma vez que é quem está em melhor forma dos dois, mas tem dentro de si uma indiferença que a faz sentir-se culpada. Por momentos, até sente por ele um ódio brutal, tão incontrollado como inexplicável. Sobem-lhe aos lábios respostas mordazes às brincadeiras dele, mas já não quer entrar em conflito, como costumavam fazer. Está a ficar obsessiva e põe-se a contar tudo: o número cada vez menor de pinguins, a quantidade de conchas que apanharam ou quantos pedaços de madeira puseram no fogo. No meio de acessos de raiva contra si mesma, apercebe-se de que o espírito lojista dos seus pais não morreu nela. Essa hereditariedade exaspera-a mais do que tudo o resto. Quando o tempo lho permite, prefere sair para não ver Ludovic a tossir na semiclaridade do quarto ou a jogar compulsivamente aos dados.

A neve deixou intransitável uma boa parte da base e o fundo do vale. Louise contenta-se com andar para trás e para a frente na praia, contando os passos desconsoladamente, mas sem poder impedir-se de o fazer. Caminhar acalma-a, mas faz-lhe ainda mais fome. Volta para casa.

– Querida, é Natal, olha! Consegui apanhar uma ratazana!

Ludovic segura pela cauda um animal de cuja garganta cortada ainda pinga sangue. Há dias que ele anda a experimentar diferentes tipos de laços ou de armadilhas, sem ligar à troça de Louise. Comer ratazana. Apetece-lhe mandá-lo passear, mas a saliva enche-lhe subitamente a boca. A vontade de sentir a carne no palato e os ossinhos a estalarem com a força dos dentes toma conta dela.

É impossível saber que horas são, a noite deve ir a meio. O silêncio é palpável. Louise não dorme; está tensa, atenta ao mínimo estalido ou toque que lhe digam que ainda pertence ao mundo dos vivos. Este silêncio é um não-ruído, como a não-existência em que eles vivem. Parece um pesadelo em que tudo desapareceu.

Acontece-lhe cada vez mais vezes acordar assim, desperta por um silêncio que é tudo menos tranquilidade. Habitualmente, enrosca-se em Ludovic, que dorme de lado; ela encosta-se a ele, poussa-lhe a mão no peito para se aperceber dos lentos batimentos do seu coração e concentra-se para lhe ouvir finalmente a respiração, que é agora um ruído. Nesses momentos, sente-se em paz com ele e aquele grande corpo abandonado comove-a de novo. É um sentimento mais maternal do que amoroso, mas apetece-lhe ver outra vez a despontar dele o sorriso desarmante. Então assume uma quantidade de boas resoluções para o dia seguinte: ser menos chata, mais tolerante. Sabe que não vai conseguir.

Nessa noite, porém, no momento de o abraçar, é atravessada por um sentimento fulgurante: tem de fugir! A ideia surge-lhe como uma evidência, ou, pior, como se uma parte do seu cérebro a tivesse amadurecido lentamente e por isso se lhe impusesse agora, aproveitando-se da sua fraqueza. Tudo se encadeia de um modo lógico no seu espírito, sem a afetar verdadeiramente. São só pensamentos, a chamarem-se uns aos outros. Eles vão morrer. Os dois. O inverno ainda está a começar e já quase não têm que comer. Ludovic está fisicamente doente, mas, acima de tudo, moralmente destruído. Já vem da altura do Cruise Ship. Contudo, foi a destruição do barco baleeiro que acabou com ele. Já não tem energia. Louise não se atreve a dizer «Ele não serve para nada», mas essa ideia já a invadiu. A única solução será ela partir e localizar sozinha a estação de pesquisa científica. Um lugar onde se encontrarão necessariamente alimentos armazenados e talvez um meio de comunicação. Tinham sido cobardes ao não quererem ir até lá. Agora, Ludovic está demasiado enfraquecido para fazer tal viagem.

É até muito provável que não sobreviva, aconteça o que acontecer. Louise sente-o, sabe-o. Ela tem de viver. Portanto tem de se ir embora. É tudo.

No instante seguinte, sente uma vergonha imensa. Vai-se embora sem ele? Não significaria isso deixá-lo para morrer? Está tão fraco. Não restará já nela nada do seu amor, ou ao menos um pouco de compaixão? Ter-se-á Louise transformado num monstro egoísta?

Volta a pensar nas suas fantasias de infância. Nos papéis de heroína que imaginou, nunca abandonaria a viúva ou o órfão. Pelo contrário, voaria em socorro do próximo, correndo risco de vida. E ei-la agora, pronta para ser culpada pelo abandono de uma pessoa em perigo. E não seria qualquer pessoa, mas o homem da sua vida. Aquela existência miserável e as privações não lhes abalaram apenas o estatuto social e a vida desafogada. O medo destruiu o que nela havia de mais essencial: os sentimentos, a humanidade. Ei-la nua, tendo por única obsessão a própria sobrevivência, igualzinha a qualquer um dos animais com que se cruza todos os dias.

As lágrimas correm-lhe pela cara. Ludovic deveria aperceber-se disso. Apetecia-lhe que ele se virasse, a abraçasse, lhe sussurrasse apenas uma palavra. Carícias não: só uma palavra, um ronco para lhe dizer que está ali, que também ele não desiste. Louise concentra-se nesta ideia, como faz às vezes, na esperança de poder influenciar o destino por mera ação da própria vontade.

Não acontece nada, Ludovic não se mexe um milímetro sequer. Podia estar morto. E, se morrer, não é ele a abandoná-la a ela? Que lhe acontecerá então? Louise vê-se a si mesma ainda mais enfraquecida do que agora, sozinha naquele casebre onde o lume acabará por se apagar e a ronda das ratazanas por se aproximar.

Respira lentamente para se acalmar. Devagarinho, devagarinho... É só uma hora má, a da noite profunda, da escuridão do céu e da alma, a hora em que tudo se desfaz. Louise conhece-a bem, já lutou muitas vezes contra ela. Desde criança, quantas vezes acordou assim, com a certeza de que não iria saber responder na aula, de que a mãe se esqueceria do seu aniversário, de que ia nevar muito na montanha, de que Ludovic não telefonaria... Obriga-se a pensar que é o seu cérebro emocional que está por trás de tudo aquilo, o seu lado de mulher das cavernas a ver o fogo a apagar-se a meio da noite e a duvidar de que o Sol se levante no dia seguinte.

Basta conseguir voltar a adormecer. Como uma criança, tem de se embalar com uma história bonita. Faz oó... Sonhos lindos... Minha pequenina...

Vira-se e aperta-se contra Ludovic. Fica agoniada. Ele cheira mal. Cheira a mendigo, a lixo, a suor e a urina fria, a roupas velhas que nunca tira e dentro das quais mortifica um corpo sujo. O cheiro sufoca-a; no entanto, ainda nunca tinha dado por ele. Ela pelo menos não deve cheirar tão mal. Continua a esforçar-se por se lavar minimamente todas as noites. Ludovic podia fazer o mesmo, quanto mais não fosse por delicadeza. E lá recomeça a cantilena: ele não faz nenhum esforço. Cai tudo em cima dela. Já não tem força para os segurar a ambos, nem vontade de partilhar as magras refeições, e já não está disposta a suportar aquele cheiro a derrota. O cheiro não mente, é o sentido mais instintivo. Pode-se mentir com gestos ou com palavras, ou até mesmo com o olhar. Não se pode mentir sobre o cheiro. Os animais sabem-no muito bem e usam-no e abusam para exprimir medo ou desejo. Se o ser humano desde sempre procurou afastá-lo, cobrindo-se de perfume, não terá sido unicamente por essa razão?

O cheiro não mente. O desta noite aconselha-a a fugir, a afastar-se imediatamente de Ludovic.

Nos grandes momentos, pensa Louise, o ser humano está sozinho. Perante a vida, a morte, as decisões supremas, o outro já não conta. Ela tem de o esquecer e simplesmente viver. É o seu direito mais absoluto, é um dever para consigo mesma.

A noite continua escura e calma. Só o olho vermelho da fogueira, que eles nunca apagam, é que continua aceso. É a vez dela de vigiar o fogo. Por isso, Ludovic não vai estranhar, durante o sono, que ela se levante e ande a remexer em coisas pelo quarto. Pega no blusão e nos sapatos, bem como numa das facas mais afiadas e hesita um segundo antes de pegar no isqueiro, mas acaba por metê-lo no bolso. Às apalpadelas, agarra no caderno, no estilete, na tinta e numa lamparina, que acende antes de pôr mais lenha no fogo.

Na oficina, garatuja uma mensagem:

«Vou procurar ajuda. Volto o mais tardar daqui a uma semana.»

Não sabe se esta última frase é verdadeira, embora gostasse de acreditar nisso, ou pelo menos de fazer de conta que sim.

Hesita e acrescenta:

«Cuida de ti. Amo-te.»

Nesse momento exato, não o ama. Até lhe é indiferente, mas tem pena dele. A sua partida vai deixá-lo de rastos. Aquela mensagem que lhe deixa é uma espécie de esmola.

Já não pensa em Ludovic, está concentrada noutras coisas: uma garrafa para servir de cantil, a mochila com os *piolets* e os *crampons*... No piso de baixo, desprende quatro pinguins, mas depois reconsidera e pega num quinto. Ficam quinze, ninguém a poderá acusar de nada. Mas quem a acusaria, e de quê?

Lá fora, o frio toma conta dela. Só de inspirar, fica logo com o nariz gelado. Durante um segundo, sente-se tentada a voltar a enroscar-se junto dele. Vá, já chega de hesitações! Basta imaginar que está a sair de um refúgio na montanha e que a espera uma bela caminhada.

Algumas nuvens arrastam-se diante de uma meia-lua que dá à neve um brilho azulado. É o suficiente para caminhar. Não há vento nem qualquer barulho na velha estação, que parece um cenário pintado. Lúgubre como um quadro de Buffet. Louise sempre detestou esse pintor francês. Vira-se rapidamente e começa a deixar um rasto na neve virgem que lhe chega à barriga das pernas. Recusa-se a pensar noutra coisa que não o caminho a fazer: subir o vale, virar à esquerda, depois procurar uma passagem através do primeiro glaciar, aquele que deu origem ao famoso lago agora seco. A partir daí, não sabe muito bem. Recorda-se de que os mapas mostravam uma série de baías separadas por outros glaciares. O seu objetivo encontra-se numa delas, mas em qual? Concentra-se no ligeiro estalido da película gelada, seguido do silvo da perna a atravessar a neve mole. Esse som hipnótico impede-a de refletir, de voltar a pensar no seu ato impulsivo. Apanha alguns bocados de madeira para acender um fogo quando chegar lá acima e uma vara comprida para sondar a neve.

O corpo de Louise está a aquecer. As articulações começam a funcionar como um bom mecanismo. Ao pôr um pé diante do outro, ela reencontra as sensações de antes e percorre-a um fluido vital, a impressão de ser imortal. Prudentemente, vai subindo o vale, atenta para não dar um passo em falso, o que seria catastrófico. Está sozinha, completamente sozinha, mas, sem saber porquê, agora essa ideia tranquiliza-a e excita-a.

O dia está a ficar claro quando Louise concede a si mesma uma primeira pausa. Avançou sem grandes dificuldades até ao glaciar, que sem dúvida

será o primeiro grande obstáculo. A baía, sempre calma, vai ganhando uma cor de vinho. A base mal se vê debaixo da neve. Não quer pensar em Ludovic. Não, não pode pensar. A esta hora, ele deve estar a sair do sono, talvez alertado pelo frio, uma vez que o fogo não tem sido alimentado. Deve ter tateado à sua volta, sentido o vazio do lugar frio, chamado, saltado da cama, chamado outra vez, tomado por uma súbita inquietação. Louise não consegue impedir-se de imaginar tudo isso. Ele ainda deve estar em choque. Oxalá vá reavivar a fogueira. Ainda tem de haver brasa, portanto, ele vai conseguir. Está à procura dela, pergunta-se porque é que ela saiu tão cedo sem o avisar. Olha para fora pela janela. Não, ela não está na areia, a apanhar marisco. Ludovic sai então do quarto e vê a mensagem de Louise. Corre lá para fora, a chamá-la. Nesta altura, ela percebe, algo confusa, que está a contar a si mesma a história que lhe dá jeito. Ludovic vai voltar para dentro, pensativo, aliviado por ela não lhe ter pedido uma opinião que ele não lhe poderia dar, confiante no seu regresso em breve, pegando na frigideira para fritar o pinguim do dia.

Não é altura de sonhar acordada. Tem de aproveitar ao máximo o dia tão curto. Sacudindo a cabeça, aperta melhor os *crampons* e avança pela encosta nevada.

Quantas vezes julgou morrer? Quantas vezes viu o próprio cadáver ressequido, a jazer na posição estranha em que a queda a deixou, com as roupas rasgadas e a carne nua remexida pelos petréis¹⁰? Já nem sabe, mas também não interessa. Agora já só importa a derradeira concentração a que tem de se entregar para pôr um pé diante do outro, para obrigar o corpo em sofrimento a mexer-se, mais uma vez, e outra ainda.

Não conta mais os dias: cinco, seis, talvez sete. Já não sabe há quanto tempo não come, quando é que acabou o último pinguim. A barriga ardia-lhe de fome, a cabeça pesava-lhe como uma bigorna. Depois sentiu-se leve, tão vazia como as conchas que reboam pela areia. Passou para lá da fome.

Pensa pouco e mal e o seu espírito vagueia, salta de recordação em recordação, misturando a vida de adolescente, o drama do naufrágio, o encontro com Ludovic. É também por causa da falta de sono. O frio glacial torturou-a desde a primeira noite. Nos pontos altos da ilha, o único refúgio é enterrar-se na neve e é aí, toda enroscada, que ela assiste impotente à congelação progressiva dos membros até já só lhe restar um pontinho morno no meio da barriga. Então, a meio da noite, quer haja vento, quer esteja a nevar, obriga-se a levantar-se, apenas para não morrer. Nas duas últimas noites, na tempestade, não dormiu mesmo nada. Manteve-se mais ou menos abrigada junto de uma falésia e andou de um lado para o outro até ser dia, convencida de que, como a cabra do senhor Seguin¹¹, iria morrer antes do amanhecer. Mas não. Não morreu. Agora está a descer lentamente uma encosta de neve abrupta e, lá em baixo, quase invisíveis por causa do nevoeiro e da sua vista desfocada, estão dois telhados vermelhos junto do mar.

Claro que nada aconteceu como no argumento que ela contruíra insensatamente ao partir. O glaciário revelou-se diabólico desde o primeiro dia. O gelo, quando pressionado, estala em mil bocados, em mil blocos, formando um caos intransponível. Por isso, decidiu contorná-lo pelo cimo. Foi difícil, tanto ao longo da grande fenda entre a rocha e a neve em movimento, como no emaranhado de brechas que, uma vez sim, outra não,

a conduziram a becos sem saída. Por vezes, meteu-se no meio de uma falha, mergulhando no interior do próprio glaciar, avançando por caminhos obscuros entre duas falésias frias e translúcidas. Depois, tinha de talhar a custo degraus para sair de lá. Na primeira noite, conseguiu acender um pequeno lume na própria rocha, rodeada pelo gelo a que a chama tremeluzente dava reflexos vermelhos e dourados, fazendo-o parecer vivo. Quase não conseguiu cozinhar o pinguim, mas a carne morna revelou-se reconfortante. Foi a única vez em que conseguiu fazer fogo.

No dia seguinte, levantou-se vento e choveu. Às cegas, Louise demorou o dia todo a subir o glaciar. Um amplo planalto surgiu à última luminosidade do dia. Foi aí que começou a enterrar-se na neve, quando já não havia luz suficiente para avançar. Naquele universo de gelo, de neve e de água, tornava-se impossível acender fosse o que fosse. Roeu a carne crua sem sequer se aperceber de que, algumas semanas antes, aquela carne meio apodrecida a teria feito vomitar.

Durante dias, vagueia pelo planalto no meio do nevoeiro. Sem bússola, é-lhe impossível manter-se em linha reta. Quando um sol fantasmagórico desponta do interior da bruma, tenta reorientar-se, mas acaba por voltar ao sítio por onde já passou. É terrível e apesar de tudo tranquilizador, pois o campo de neve imaculado dá-lhe vertigens. Nunca nenhum ser humano caminhou por ali. Este sentimento, que a faria rejubilar durante os seus passeios alpinos, mergulha-a agora num abismo de pavor. Onde estão os outros Homens de que precisa tão desesperadamente? Parecem ter-se evaporado para todo o sempre. Está sozinha no mundo. Mais tarde, ao pensar nisso, será incapaz de explicar como é que não morreu de frio, de fome, perdida lá no alto. Avança como um autómato. Cada passada é uma luta, os músculos das pernas ardem-lhe. É preciso tirar o pé da neve, transferir o peso devagarinho, para não se enterrar demasiado, puxar a outra perna e recomeçar. Mais uma vez, mais outra vez. Se não tivesse muita experiência e, sobretudo, uma vontade hipnótica de continuar, ter-se-ia deixado abater. Está tão exausta que a certa altura conta apenas quinze passos, imobiliza-se para respirar, e volta a contar quinze passos. Ao mesmo tempo, entoa cantilenas que lhe vêm à memória desde a infância. A certa altura, o Sol voltou a aparecer, desimpedindo a visibilidade. Louise conseguiu chegar à borda de uma falésia e, mais abaixo, ao longe, viu os

telhados, por uma espécie de milagre. Não sentiu nada; está fora dali, tão vazia de corpo como de espírito. Só pensa que tem de chegar até eles.

10 Aves marinhas que nidificam em ilhas isoladas. [*N. da R.*]

11 Referência a um famoso personagem dos contos de Alphonse Daudet, pastor cujas cabras se soltavam, uma após a outra, e iam para a montanha, onde eram invariavelmente comidas por lobos. [*N. da R.*]

A porta está bloqueada com uma pedra enorme e uma barra de madeira entre dois ganchos. Só range um pouco ao abrir. Num pequeno vestíbulo, há um banco num dos lados, que visivelmente servirá para as pessoas se descalçarem, dadas as botas que se acumulam por baixo, e em frente dele há cabides com vários casacos de oleado já gastos. A outra porta dá para uma ampla divisão escorada a madeira, uma sala de estar/sala de jantar/cozinha, como em casa: fogão a gás, frigorífico, lava-loiça, mesa comprida, cadeiras e até dois sofás diante de uma caixa coberta de revistas. Os objetos são velhos, a limpeza é discutível, mas está lá tudo. Um pouco por todo o lado, os ocupantes, como crianças, deixaram as suas descobertas espalhadas pelos móveis – penas, conchas ou pedras. Uma das paredes está coberta de fotografias pintalgadas de humidade, rostos jovens, sobretudo, sorrindo diante de uma boa refeição, a segurar um pássaro ferido ou com um indescritível equipamento científico. Louise ainda não abriu as portadas. Uma luz fraca é filtrada pelas de fora, que estão desconjuntadas, e faz dançar raios de poeira. Reina um grande silêncio. Ela avança e cai de joelhos no chão. Sente uma enorme vontade de vomitar, mas há muito tempo que não tem nada no estômago. Já não tem energia nenhuma, nem sequer para se erguer. Treme da cabeça aos pés. Conseguiu, o pesadelo acabou.

Com um último sobressalto de energia, abre os armários e engole, à sorte, uma mão-cheia de açúcar, massa crua, barras de cereais. Por fim, arrasta-se até ao sofá e deixa-se cair, meio desmaiada, meio a dormir. Não sabe quanto tempo dorme. Acorda e está noite, então volta a adormecer, e assim sucessivamente. Finalmente desperta. Já é dia.

Apesar da fome, desta vez tira cada coisa pausadamente dos armários, sentindo o contacto frio e liso da loiça, o peso da panela de fundo espesso, o roçar do esparguete quando sacode a caixa de cartão. Obriga-se a deixar cozer bem a massa, a aquecer o molho de tomate. Depois põe a mesa, sentindo a saliva a invadir-lhe a boca. Quando acaba de comer, volta a deitar-se numa cama verdadeira. Em dois quatinhos contíguos à grande

divisão há doze camas em beliches, com edredões sintéticos muito bem arrumados por cima. Ela adormece imediatamente num sono profundo, como que a tentar compensar os meses anteriores.

Nos dois primeiros dias, sente-se demasiado fraca para se arriscar a fazer a viagem de regresso. Já lhe custa ir buscar água e até isso lhe desagrada, como se, durante a sua ausência, aquele refúgio finalmente encontrado pudesse desaparecer com um toque de varinha mágica. Dorme muito. Fez demoradamente o inventário das reservas alimentares, mais maravilhada do que alguma vez na vida, mais até do que nos Natais da sua infância. Há de tudo, conservas, frutos secos, massas, arroz, vegetais desidratados. Quase pensou morrer de prazer ao engolir uma metade de pêssago em conserva e ao deixar o sumo xaroposo escorrer-lhe pela garganta. Lambeu até à tampa uma caixa de gomas.

Num recanto do seu espírito, sabe que Ludovic está onde o deixou, mas para já a distância parece-lhe intransponível. Está precisamente a pensar nele enquanto, algo animada, começa a explorar aquela propriedade. Descobre o espaço que faz as vezes de casa de banho, um recanto com uma banheira e um lavatório, que é preciso encher com um balde.

Por cima do lavatório coberto de marcas de mosca, um espelho fá-la sobressaltar-se. Aquilo é ela? Aquele cabelo todo colado que a faz parecer um crânio de pássaro? Aqueles olhos desmedidos enfiados em órbitas de cor púrpura? Aquela pele avermelhada, coberta de lascas enegrecidas de porcaria misturadas com queimaduras do frio? Uma cara de cadáver, sim, é a expressão que lhe sobe aos lábios. Percebe que chegou à beira do precipício, do esgotamento, da aniquilação. Primeiro tem de se proteger, antes de ir em socorro seja de quem for. Ela, Louise, tem de viver; depois logo se vê. Lembra-se do aviso de segurança nos aviões, que sempre a chocou, em que se explica que primeiro os adultos têm de pôr a própria máscara de oxigénio, antes de colocarem a das crianças. Agora percebe porque é que faz sentido.

Se voltar à base, vai morrer. Não há dúvida. Mesmo admitindo que consiga encontrar o caminho de regresso, não há na velha base comida que chegue até à primavera. Ela não consegue levar alimentos suficientes até lá, nem trazer Ludovic até este sítio onde está agora. Sente-se invadida por um egoísmo primitivo e animal, que tenta justificar. Um animal sacrifica-se por outro? Não. O sentido da vida é proteger-se, resguardar-se a si mesmo antes

de tratar dos outros. O altruísmo só funciona nas sociedades abastadas. No ponto de despojamento a que chegou, pensar primeiro em si mesma não é um recuo. É apenas voltar a pôr as prioridades no devido lugar.

Na realidade, Louise tem simplesmente medo. Sente um terror absoluto só de pensar em arriscar-se de novo a atravessar a montanha, e mais ainda em voltar à velha base e ao «número 40», que só simbolizam o fracasso e a morte. Pensar nisso contrai-lhe violentamente o estômago e deixa-a sufocada. Nada pode contrabalançar aquilo por que ela está a passar, nem sequer o destino daquele que lhe é mais caro.

Diz-se que os feridos graves segregam endorfinas que neutralizam a dor. Da mesma maneira, o espírito de Louise, sem ela se aperceber disso, vai cobrindo Ludovic, dia após dia, com uma cortina de esquecimento, que a poupa ao tormento da escolha. Instintivamente, pensa cada vez menos nele, como se a sua imagem se fosse dissolvendo na bruma circundante, como o rosto de um morto, cujos contornos acabamos por esquecer.

*

Os dias passam. Louise sai pouco. O sofá que puxou para junto do fogão a carvão serve-lhe de residência numa vida entre parêntesis. Lê e relê, sempre com o mesmo prazer, revistas desinteressantes e faz as palavras cruzadas. Sonha acordada, ouvindo o barulho da chuva a bater nas chapas do telhado e saboreando gulosamente o facto de estar num lugar seco.

Passa horas a aquecer água, a encher a banheira e a deixar-se flutuar, para apenas sair daquele semicoma quando o banho fica frio. Com o cabelo cortado às tesouradas, as unhas agora curtas e vestida com roupas demasiado grandes, mas confortáveis, luta sem grande convicção contra a bulimia que a leva a cozer massa ou arroz a toda a hora. Está a ganhar peso. Ludovic já só é uma sombra, uma recordação emparedada no fundo do seu espírito.

Alguns dias mais tarde, Louise sai da letargia para explorar a outra casinha. No início, deixou-a de lado ao verificar que era apenas um laboratório. Ali dentro não haveria nada para comer. Depois, a curiosidade e a ociosidade levam-na até lá e ela descobre um posto emissor e recetor. Comunicar, ficar ligada, falar com outros seres humanos, chamar por socorro – tudo isso lhe provoca calafrios. No *Jasão*, não tinham esse tipo de aparelho, preferindo um pequeno telefone por satélite. Mas ela havia visto,

distraidamente, alguns a funcionarem em refúgios de montanha, por serem mais baratos. Para começar, é preciso haver energia e, portanto, pôr o gerador no alpendre a funcionar.

Demora três dias até conseguir, um pouco ao acaso. Não há muita gasolina, mas há de chegar. Esta primeira vitória técnica enche-a de esperança. Não deve ser nada do outro mundo fazer o emissor funcionar. Roda os botões, liga os interruptores de forma aleatória e os números desfilam pelo mostrador, o altifalante assobia, ronca, estala. Louise barafusta por não encontrar nenhum manual de instruções. De vez em quando, ouve vozes estrangeiras e recupera a esperança, gritando ao microfone. Fica exasperada por ser tão lorpa na era da Internet e por não saber sequer pôr um rádio a funcionar. Hoje as coisas evoluem tão depressa que um aparelho com menos de vinte anos já é obsoleto ou então ninguém sabe usá-lo. O medo de ficar sem gasolina acaba por se concretizar. Louise chora, abalada pelo mesmo sentimento de impotência de quando o Cruise Ship desapareceu no nevoeiro. Depois resigna-se. Não vale a pena lutar. Essas falsas esperanças enfraquecem-lhe o moral. Mais vale esperar que chegue socorro por si mesmo, que a situação se resolva para melhor ou para pior. Agora o pior já não a assusta.

Louise está à espera. Confortavelmente à espera. Os dias vão embranquecendo junto à janela. Voltou a ter rituais. Levantar-se tarde, o sabor do chocolate misturado com o gosto ácido do leite em pó, farinha frita barrada com compota, água quente para uma *toilette* demorada, são estes pequenos prazeres que a ocupam parte da manhã. Ler, ir buscar carvão, pensar no almoço, cozinhar, comer, fazer a sesta, arrumar, separar maniacamente o conteúdo dos armários e a noite já está a chegar. É só preparar mais uma refeição e saboreá-la, contemplando a sombra a invadir a baía. Dorme muito. Há carvão e comida mais do que suficientes para ali passar o inverno sozinha. Depois há de vir a primavera e com ela um navio de pesquisa. Esta história toda vai ficar para trás. Teceu um casulo que a mantém viva, ou antes, entre duas vidas, a de antes e a de depois. Sente-se uma larva. Não há nada a fazer senão esperar pela transformação em borboleta. Não quer saber do que se passa no «número 40», nem sequer quer pensar nisso. Aqui, está protegida na sua fortaleza, uma fortaleza solitária.

Passam pelo menos três semanas, talvez quatro. A ilha está enterrada em pleno inverno, são metros de neve de altura até junto do mar. Nada se mexe, a não ser alguns pássaros perdidos a voar. Nesta terra sem árvores, o vento não tem nada para torturar. Contenta-se em roncar na esquina da casa e em fazer a chuva estalejar na janela. O mundo é a preto e branco, apenas um pouco esverdeado do lado do mar, mais acastanhado do lado da falésia. Reina uma impressão de eternidade.

Esta manhã, exceccionalmente, as nuvens dissiparam-se e um azul líquido invadiu o céu. Louise sente-se disposta a dar um passeio. Este bom tempo vem mesmo a calhar. Há algumas noites que dorme mal. Gostaria de o poder explicar com a falta de exercício. Nos sonhos, alguma coisa, ou antes, alguém, chama por ela.

Na parte abrigada da baía, o mar está gelado e a maré depositou grande quantidade de vidrinhos de gelo que brilham ao sol. Os pássaros remexem neles incansavelmente. Louise gostaria de se sentir como eles, totalmente absorta na vida quotidiana, alimentar-se, dormir, passar o inverno. Mas já não consegue entregar-se à rotina. Serão os remorsos a atormentá-la? Surgem-lhe no cérebro imagens súbitas: os antebraços dele cheios de manchas da exposição ao sol, a íris dos seus olhos, que fica verde quando ele se irrita, o estranho ruído da sua garganta depois do orgasmo. O ar vivificante daquela linda manhã dissipa o revestimento brumoso que lhe invadiu o cérebro, como o fez ao nevoeiro da baía. Quanto mais ela acelera o passo, mais as imagens lhe voltam à consciência. Não é o homem a sofrer desesperado que se lhe impõe, mas aquele que ela amou e seguiu até este fim do mundo, uma personagem alegre, enérgica, nos braços da qual sonha de novo lançar-se, um homem que quase conseguira esquecer e que agora lhe assalta de súbito a memória. Porquê agora? Será por ela estar já fisicamente recuperada?

Então chega a hora das dúvidas, depois a da ferida aberta. Percorre a praia, adequadamente equipada com roupa quente. Hoje o vento não se infiltra num blusão rasgado. Tem botas de solas grossas a protegerem-na dos seixos pontiagudos. De repente, fica com vergonha daquele conforto, mas irrita-se logo por ter tido vergonha. Sem saber bem porquê, desata a correr. Cansar-se, cansar o corpo para acalmar o espírito, para voltar a dormir sossegada. Para bruscamente. Dantes, estava sempre a troçar das pessoas com que se cruzava e que caminhavam velozes pelas alamedas do

parque Montsouris. E, agora, cá está ela também a desgastar em vão o corpo. Aquele esbanjamento de energia tem alguma coisa de obsceno quando há alguém ali tão perto a morrer de fome. E pronto, tudo aparece, tudo se lhe impõe outra vez. A pausa comatosa em que tem vivido desaparece de modo brusco. Louise lamenta-o profundamente, pois sabe que não voltará a ter paz. Acabaram-se os dias junto ao fogão.

Por mais dez longos dias, Louise procura escapatórias. Para quê voltar àquele covil malcheiroso? E talvez para dar com um cadáver roído pelas ratazanas e se confrontar com as consequências da sua deserção. Ainda fica horrorizada com a ideia. Mas detesta-se logo a si própria por abrir um saco de arroz ou por pôr açúcar no café. Como é que as pessoas fazem na guerra? Não se salvam a elas primeiro? Os heroísmos de que os romances estão cheios só levam a mais algumas mortes. É melhor viver-se sozinho ou serem dois a morrer?

São dez dias em que ela dorme mal e em que já não goza a sua vida tranquila. Dez dias com a repulsa a crescer. Uma manhã, parece-lhe que já não tem escolha.

Está tudo calmo, como quando ela partiu. A velha base também está a dormir debaixo da neve. Louise tem simultaneamente a impressão de voltar a casa, na familiaridade de um lugar, e, ao mesmo tempo, de estar a redescobrir com um novo olhar as cisternas rebentadas e as paredes escurecidas. O regresso só lhe demorou três dias. Foi ajudada por um tempo clemente e pela sua bem melhor forma física. Logo que tomou a decisão, aplicou toda a energia que os companheiros de alpinismo tanto admiravam e quanto mais avançava mais era invadida por uma sensação de urgência.

Nem a menor fita de fumo, nem uma marca de pés na neve. Mais uma vez, Louise teve vontade de fugir, mas era tarde demais. Ali estava o «número 40», a porta de madeira, as escadas de cimento, os passos dela a ressoarem. Chama docemente e depois mais alto. Uma ratazana desata a fugir por ali, algures. A porta do quarto range como de costume. Um cheiro fortíssimo, mistura de humidade, de urina e de excrementos, sufoca-a. A luz cinzenta realça a inutilidade dos velhos papéis a servirem de isolamento, a sujidade dos farrapos que cobrem a cama e a forma ao centro, como um qualquer monte, abandonada.

– Ludovic?

Louise não espera uma resposta. Mas, na forma oval que sai do cobertor, vê dois olhos muito abertos e as pálpebras a fecharem-se lentamente. Já não é Ludovic. A pele cinzenta afundou-se junto aos ossos, pondo em relevo a cana do nariz e dando-lhe um ar de ave de rapina. A barba hirsuta e os cabelos colados estão semeados de pelos brancos. É um velho que está a olhar para ela. No seu rosto, não mexe nem um músculo, não há o esboço de um sorriso, nem uma palavra, só as pálpebras.

Louise aproxima-se e chama-o docemente, com a voz a tremer:

– Ludovic? Ludo, estás a ouvir-me? Sou eu, a Louise.

O olhar fixa-a agora, mas sempre sem nenhum movimento a acompanhá-lo, sem nenhuma expressão, como se o ser à frente dela fosse apenas um espectador pouco interessado.

De joelhos junto da cama, Louise acaricia aquele rosto devastado. Debaixo do cobertor, sente um corpo de contornos pontiagudos, ossudos. Ela fala, chora, aperta-o nos braços. Ele não responde mais do que uma boneca de trapos. Se estivesse morto, seria para ela mais fácil aceitá-lo, pois já quase se convencera disso. Mas aquele olhar vazio deixa-a arrasada.

Reacende o fogo, prepara e aquece o leite que trouxe com ela e tenta introduzir-lho entre os lábios. Ele engole com dificuldade, com a maçã-de-adão a elevar-se à força. Parte do líquido escorre-lhe da boca entreaberta. Louise tem a impressão de estar a encher um odre inerte, e não a dar de beber a um ser humano.

Controlando a vontade de vomitar, tenta lavá-lo. Cada uma das articulações faz uma protuberância naquela pele enrugada, que parece uma peça de roupa demasiado grande. Tem as pernas cheias de pisaduras, de crostas, de marcas de excrementos. Que aconteceu? Terá tentado ir para a montanha? Ter-se-á magoado e voltado para aqui, desesperado, a esperá-la?

Não há outro colchão, por isso ela limita-se a pôr farrapos debaixo dele para o proteger da humidade.

Enquanto trata dele com muito cuidado, vê-o virar os olhos para ela e suspirar. Louise sente-se aliviada. Ludovic, o seu Ludo, vai ficar bem. Ela trouxe comida desidratada em quantidade suficiente para o pôr de novo em forma. Até está disposta a fazer outra vez o caminho todo para ir buscar mais. Depois ele há de compreender. Tem de compreender. Não é culpa dela. Estava tão fraca, tão cansada...

O anoitecer apanha-a de surpresa. Um raio brilha na base das nuvens e tinge o quarto de cor-de-rosa. Agora ela detesta tudo o que os dois andaram a acumular pacientemente. Nunca mais vai comer pinguim ou otária. Comportando-se como animais, quase morreram como animais. Aquela natureza selvagem, que tão arduamente procurou na montanha ou no mar, agora parece-lhe uma inimiga. Que disparate terem ido ali! Aprenderam uma lição terrível, mas vai correr tudo bem. Ludovic vai recuperar, alguém há de vir buscá-los e eles irão retomar a vida normal. Pela primeira vez desde há muito tempo, imagina-se a fazer amor, imagina-se grávida.

Fala em voz alta, como ouviu dizer que se deve fazer com pessoas em coma, para as ajudar a prenderem-se à vida. À luz de uma vela, tenta mais uma vez alimentá-lo e depois improvisa um colchão com jornais junto à cama e aconchega-se no grosso blusão impermeável. Não tem coragem para

se deitar junto dele. A cama fétida impregnada de urina e, mais ainda, aquele corpo frio e magro causam-lhe repulsa.

Diz a si mesma que ele dormirá melhor sozinho.

Acorda várias vezes de noite, com o frio. Ludovic está a dormir. De vez em quando, suspira profundamente e ela acha que ele está a sonhar.

O amanhecer não a apanhou de surpresa. É tão demorado, nestas latitudes. O dia recusa-se a nascer, arrasta-se por trás de uma nuvem, alonga-se em tons de cinzento e finalmente aceita difundir uma claridade azulada. Louise aproveitou para dormir. Foi aquele grande suspiro que a acordou? Agita-se num sobressalto. É Ludovic, deve estar com fome. Não, afinal não tem fome, nunca mais terá fome. Louise nunca tivera oportunidade de ver a morte à sua frente. Do fim dos avós só viu o pesado caixão de madeira, pois «não é coisa que as crianças devam ver». Porém, não hesita nem por um segundo em decifrar a fixidez do olhar dele. Ludovic já não é nada, nada, só um conjunto de células que nenhuma força de reconstituição consegue agora animar, que pouco a pouco entrará em fase de decomposição, de desagregação, de desaparecimento. Primeiro, Louise sente-se quase fascinada. Como é aquilo possível? Não viu nada, não ouviu nada. Estava ao lado dele durante toda a noite, quase a tocá-lo. E o impensável escapou-lhe. Trata-se de facto de algo impensável. Ludovic morreu. Articula esta frase em voz alta, para se convencer. O som rasga por um momento o silêncio e depois parece ser absorvido pelas paredes, pela neve, pelo oceano.

Vem-lhe ao espírito que ele esteve à espera dela, com esperança no seu regresso, e que foi a sua chegada que despoletou tudo. Foi o que o fez deixar de lutar, depois de a ver pela última vez. Que cruel seria isso! Não, ele não pode ter-lhe feito tal coisa!

Pousa a mão no ombro escondido pelo cobertor e sacode-o ligeiramente. Não acontece nada. Nem sente as lágrimas que lhe correm pela cara, lhe escorregam até ao pescoço e lhe molham a camisola polar.

Chora, esvazia-se pelos olhos, afoga não só o desgosto, mas também toda a impotência que tomara conta dela desde que aquela maldita viagem começou a correr mal. Sentada no chão, por cima dos tecidos cheios de lama, deixa-se ir abaixo. O combate acabou, a vida perdeu e com ela essa tensão, essa luta de cada dia, de cada instante para conseguir solucionar o impossível, para conseguir sobreviver no meio do nada, longe de tudo e de

todos. A natureza desapiedada fora mais forte, mas seria de esperar piedade dos elementos naturais? Aqui, todos os dias há animais que vivem e que morrem.

Louise soluça por estar sozinha, por não ter voltado mais cedo, por não saber o que fazer agora. Ao fim de um tempo infinito, ficou sem lágrimas. A água do seu corpo escorreu toda, um rio de desalento. Já só lhe restam os olhos martirizados e uma valente enxaqueca.

Ludovic já tem um olhar vidrado, ou antes, impercetivelmente velado. Alguma coisa nas suas pupilas está a solidificar e a fechar a porta para os outros seres.

Louise fica a olhar aturdida, durante longos momentos, um sol branco começa a crescer no quarto. O ar está tão frio que nem a poeira dança nos seus raios e há um enorme silêncio, o silêncio da neve lá fora, o daquela forma na cama, o que a submerge interiormente.

Acaba por se levantar, pega na mochila que ontem nem teve tempo de desfazer e sai do quarto.

Aqui

– A reunião é daqui a uma hora, tens a historinha? – A ruiva alta ergueu a cabeça acima da divisória do *open space* e desatou a rir. – Não estás lá com muito boa cara! Andaste na pândega ontem à noite ou quê?

Pierre-Yves resmunga. Sabia perfeitamente que era insensato convidar os amigos para verem o jogo de futebol numa terça-feira à noite, quando a reunião de redação era na quarta de manhã. Sobretudo não tendo, ao sair do escritório na noite anterior, a «historinha», o assunto que ia propor investigar na quinzena seguinte. Uma hora para o encontrar não é lá muito, mas não lamenta o tempo que passou, na semana anterior, com a dependência da Internet e as longas conversas com jovens imersos no mundo virtual. O tema fascinou-o. Sabe que, quando um tema o apaixona, o artigo vai ser bom, muito bom, até, e é por isso que trabalha num semanário que ainda resiste mais ou menos, no meio da crise da imprensa.

O Atual é um jornal de referência, nem de direita nem de esquerda, especialista em pontos de vista inesperados e em temas inconvenientes, que ainda lhe asseguram leitores. Marion, a ruiva, ocupa-se da cultura e tem ótimo faro, conseguindo descobrir um escritor do Mali ou um *happening* que se tornará em breve numa referência. Simon e ele estão na confortável secção de sociedade e dos *faits divers*: uma página de atualidades todas as semanas e uma grande reportagem de quinze em quinze dias. Até ontem à noite, tencionava traçar o retrato de um antigo empresário caído em desgraça, que agora se esforçava por criar um negócio de prestação de serviços direcionado para os sem-abrigo. Mas falara com ele ao telefone e o seu tom sentencioso acerca do esforço e da tenacidade deixara-o enfadado. Se ele não se divertia, o seu leitor também não iria divertir-se.

A intervenção de Marion teve o mérito de arrancar Pierre-Yves à apatia causada pela noitada bem bebida. Ele recosta-se na cadeira. Afinal de contas, adora trabalhar sob pressão, sentir a adrenalina a fazê-lo vibrar. Tem sessenta minutos para desencantar a boa ideia. Durante um quarto de hora, relê as notas que foi tirando apressadamente durante as conversas. Como não dá resultado, vai esquadrinhar os *sites* de informação anglo-saxónicos,

que em geral estão sempre um passo à frente. E é na Reuters que descobre a pérola. A informação da agência de notícias está datada dessa mesma manhã, e situada na rubrica «*Oddly enough*», de que ele gosta muito, pois está sempre cheia de histórias barrocas:

*

Stanley – ilhas Malvinas:

O navio de pesquisa científica Ernest Shackleton, do British Antarctic Survey, em missão na ilha de Stromness, afirmou ter descoberto uma mulher de nacionalidade francesa cujo veleiro terá afundado há oito meses. O companheiro morreu de inanição e ela sobreviveu alimentando-se de aves e de focas, antes de descobrir a estação de pesquisa e de aí se abrigar. Vai ser repatriada para Stanley o mais brevemente possível, para ser ouvida pelas autoridades.

*

Começa bem, um Robinson Crusoe de saias no século XXI: dois dramas, o naufrágio e a morte do companheiro, a sobrevivência num universo hostil. Corre o risco de ser uma história um bocado *trash*, mas também pode dar origem a um belo perfil, se levantar questões sobre o despojamento, a solidão, a perda de referências sociais. Evidentemente, tudo dependerá do que essa rapariga tiver para contar. Mas ele tem de se despachar e de assegurar a exclusividade do relato, pois este, já o adivinha, vai tornar-se um verdadeiro furo.

O sangue de Pierre-Yves começa a correr mais depressa. É delicioso.

Com a diferença horária, é demasiado cedo para ligar seja a quem for em Stanley. Segue-se uma rápida consulta à Wikipédia: Stromness é uma ilha austral inglesa, montanhosa e inteiramente considerada reserva natural. Só é habitada por investigadores na estação quente. Cinco a quinze graus no verão, cinco a quinze negativos no inverno. É conhecida pelas grandes colónias de pinguins reais: *Aptenodytes patagonicus*. Mais abaixo, fotografias de paisagens sublimes, icebergues, colónias de aves a perder de vista, picos nevados... Perfeito, não faltarão lindas imagens a ilustrar a reportagem.

O seu primeiro impulso é telefonar para o Ministério dos Negócios Estrangeiros. Já devem estar ao corrente. Ele tinha simpatizado com um chefe de missão quando fez um artigo sobre os franceses que trabalham nas plataformas petrolíferas da Sibéria. Passam a sua chamada para o serviço de pessoas desaparecidas:

– Sim, o Foreign Office transmitiu-nos a informação, claro. Ela chama-se Louise Flambart. Os pais dela e os do companheiro, Ludovic Delatreille, participaram o desaparecimento dos dois no mar, algures entre Ushuaia e a Cidade do Cabo. Foi emitido um alerta marítimo há oito meses. Segundo a informação dos ingleses, o comandante do navio descreve a jovem como estando em choque psicológico, mas fisicamente saudável. As autoridades de Stanley querem que ela preste depoimento, mas será repatriada logo que possível, a expensas do Ministério dos Negócios Estrangeiros. – O interlocutor acrescenta, suspirando: – Ainda ninguém nos perguntou nada sobre este assunto, mas não deve tardar muito.

Para obter o número do telefone do *Ernest Shackleton*, Pierre-Yves tem de argumentar um pouco. Por sorte, o homem gosta do *Atual*.

A hora de que dispunha já passou. Pierre-Yves gatafunha umas notas e entra na sala da redação.

– Bom-dia, Louise, como está?

Pierre-Yves sabe que tem de ir devagar, com cuidado, e além disso o comandante do *Ernest Shackleton* venceu esse ponto:

– Ela está melhor, mas ainda muito fraca. Fala pouco e chora muitas vezes.

Ele insistira vigorosamente com o comandante, apresentando-se como da parte do Ministério dos Negócios Estrangeiros, pois de outro modo não seria autorizado a falar com Louise.

– Quem é o senhor?

O tom é hesitante, rouco, bastante grave, a meio caminho entre o de uma mulher que chorou muito e o de uma cantora de *blues*. Não deixa de ter alguma força, aparenta estar cansada, mas determinada. Ele descobriu algumas fotos na conta de Facebook de Louise: a regressar de passeios na montanha, em comezainas com os colegas. Tem-nas diante dos olhos, aumentadas, e não consegue fazer coincidir essas imagens com o timbre daquela voz. A silhueta magra e o pequeno rosto triangular mais depressa corresponderiam a entoações agudas, quase a gorjeios.

– Chamo-me Pierre-Yves Tasdour e ouvi a sua história, que é fantástica. A Louise foi incrivelmente corajosa. Eu sou jornalista no *Atual*. Gostava de conversar um pouco consigo. Já está há muito tempo a bordo do *Ernest Shackleton*?

– Há três dias.

– Pode contar-me como foi quando eles chegaram? – Ele percebe do ofício, sabe como conduzir a conversa. Toda a gente gosta de falar de si. Não se pode deixar tempo para refletir, pois isso perturba a espontaneidade de que os leitores tanto gostam.

– Vi-os pela janela, uma manhã, quando estava a tomar café. O barco fundeou na baía.

– Estava a tomar café? – A voz dela não ganhara nenhuma entoação especial ao dizer: estava a tomar café. – Saiu de casa, chamou por eles?

– Não. Dali a pouco eles lançaram um bote à água e chegaram à estação de pesquisa.

Por um momento, Pierre-Yves sente-se abalado. Aquela rapariga vê chegar alguém que a vai salvar depois de meses de horror e continua tranquilamente a beber café! Estará a troçar dele? Já terá um discurso muito bem preparado para a deixarem em paz, ou terá ficado completamente doida?

– Não ficou impaciente? Eles iam salvá-la!

– Não sei. De qualquer modo, eu estava ali, eles iam ter de me encontrar.

*

Desde que fechou a porta do «número 40» e se deslocou de novo para a estação de pesquisa, Louise foi invadida por um profundo torpor. Pouco lhe importa que as horas passem umas a seguir às outras, ou os dias, ou as noites. Concentra-se na água a ferver para a massa. As bolhas ficam cada vez maiores e rebentam num rangido. Contempla a chuva que se acumula ao longo das janelas e que acaba por se infiltrar através do caixilho. Quando chega a primavera, fica fascinada com a dança nupcial dos albatrozes. Faça o tempo que fizer, sai sempre de casa, senta-se na erva húmida e observa os animais a bambolear-se com ar sério. Frente a frente, com as asas meio abertas, entregam-se a uma coreografia secreta, composta por passinhos, movimentos ritmados das asas, torções do pescoço, cruzamento de bicos, tudo acompanhado por vocalizos lamentosos e barulhos guturais. Os seus grandes corpos estão eivados da graciosidade da sedução. Louise tinha lido, há muito tempo, que cada casal se reconstituía de ano para ano, reconhecendo-se através de uma dança única. Não conseguiria dizer se aquele espetáculo lhe causava alegria, reconforto ou até interesse. Já não tem sentimentos. Ficaram no «número 40», no quarto frio. Não pode, não deve voltar a pensar no que lá deixou. O seu espírito está entorpecido, imobilizado, refrigerado, como a ilha debaixo da neve. Só o corpo é que se mexe e executa as tarefas necessárias à sobrevivência. Rebusca regularmente os armários para se alimentar. Enquanto o dia dura, mantém os olhos abertos. Quando a noite chega, fecha as pálpebras e dorme um sono sem sonhos.

Quando o barco apareceu, não sentiu nem alívio nem angústia. Sabia que iria acontecer um dia e pronto, foi hoje.

No início, conta a sua história ao telefone tal como fez aos oficiais do *Ernest Shackleton*. Sem refletir, dizendo uma palavra atrás da outra. A carapaça de indiferença que construiu para sobreviver não se desfaz de um dia para o outro. Gostaria simplesmente de apagar aqueles oito meses e que a deixassem em paz no seu confortável entorpecimento. Não veria grande inconveniente em continuar a contemplar o balé das bolhas na panela ou os pássaros no areal. Mas é preciso responder às perguntas. Nem que seja para a deixarem em paz.

– O meu companheiro? Sim, ficou na estação baleeira. Morreu. Já nem sei muito bem como. Uma manhã, já não estava vivo.

Claro que ela não se lembra do calmante que lhe deram para evitar que assistisse ao transporte para bordo de um volume comprido envolvido em cobertores de sobrevivência. Também não viu as marcas de vômito no casaco do oficial que encontrara o cadáver roído, ou antes, o que as ratazanas tinham deixado dele.

A conversa com Pierre-Yves prolonga-se e no fim a lucidez dela começa a revelar-se. Aquele tipo aborrece-a.

– Mas porque é que quer saber isso tudo? Que lhe interessa?

– Já lhe disse, sou jornalista.

Uma onda de desconfiança sacode Louise, como o primeiro sobressalto de um eletroencefalograma.

– Mas eu não quero que falem de mim. Deixe-me em paz.

Pierre-Yves está pensativo. No início, anotava conscienciosamente as frases, pois não se pode confiar só na gravação. Agora já só rabisca formas geométricas, enquanto observa as fotografias. Reparou nos lindos olhos dela, risonhos naquela altura. Essa constatação despertou nele um fundo de piedade. Deve ser bom sinal. Se houver empatia, mais facilmente encontrará as palavras para o artigo. Na verdade, é mais do que empatia, é fascínio o que desponta dentro dele. Aquela voz grave e calma descreve, como se nada disso tivesse importância, o medo, a fome, a morte. Por um segundo, pergunta-se o que sentiria se estivesse no lugar dela. E agora ela volta a ficar recalcitrante.

– Ouça, Louise, a sua história está a dar que falar por aqui, muito mesmo. – É o que se chama mentira por antecipação. Mas ele sabe que vai

ser efetivamente assim. – É bastante provável que vá ser muito procurada. Todos os meios de comunicação vão querer entrevistá-la. Vai ser complicado para si. Compreendo que esteja a precisar de descanso e de ir ter com a sua família. Não a chateio mais. Se for contactada por outros jornalistas, diga-lhes que falem comigo. Pierre-Yves Tasdour, do *Atual*, não se esquece?

Normalmente, não há hipótese nenhuma de uma proposta deste género funcionar. Mas Louise diz que sim. Diria que sim fosse a que fosse. Está farta, mesmo achando que ele parece simpático.

– Vou deixá-la agora, Louise. E irei recebê-la quando chegar a França. Fique bem. Um beijinho.

Porque é que terminou assim a chamada? É ridículo.

Agora só tem de se despachar a falar com Dion, o redator-chefe, para ele anular a primeira página idiota sobre um escândalo imobiliário e autorizar que apanhe o comboio para Grenoble, a fim de visitar os pais da sua heroína.

*

Pierre-Yves tem no telemóvel a fotografia do número 23 da rua Montvert, em Grenoble. Só de ver a casa imponente, sem estilo definido, por trás da muito bem delineada e espessa barreira de coníferas, já imagina a família burguesa um pouco empertigada. A realidade é caricatural. O pai é barrigudo, quase calvo, com grandes olheiras, mal-encarado; a mãe, um ratinho apagado, bem penteada, cuidada, sem uma ruga na blusa e, fisicamente, uma cópia da filha. Na sala de móveis encerados e com *naperons* e estatuetas no seu devido lugar, Pierre-Yves é apapricado com chávenas de chá com leite. Não se atreveu a pedir uma cerveja, pois isso seria demasiado atrevido.

É claro que os pais estão felizes, infinitamente felizes, por voltarem a ver a filha. Mas comportarem-se com demasiada efusão não faz o género desta família. Foi ali que Louise aprendeu a usar a entoação sempre igual? As mãos deles não largam os braços da poltrona, o olhar vagueia da janela para o aparador, o tom é educado, é aquele em que se fala a uma visita que não se quer acompanhar à porta.

Pierre-Yves pensa nos seus próprios pais. Pertenciam a uma geração em que era desadequado aborrecer os outros com assuntos particulares. Era

preciso disfarçar, manter «dignidade». As demonstrações sentimentais só se concebiam no seio do casal.

Acabou por se aperceber de uma certa irritação por parte do pai.

– Afinal de contas, ela tinha um bom emprego. Porque é que havia de querer partir à aventura dentro de um barco? Aqui para nós, Ludovic não era um rapaz muito atinado. Oh, bastante simpático, sim, mas com pouco juízo, não sei se está a perceber o que quero dizer.

Pierre-Yves adivinha a continuação daquela história. Deram-lhe uma boa educação, na esperança de que ela esquecesse aquela mania de ir para as montanhas. Estava em boa idade para ter um filho. Em vez disso, preferiu ir viajar. Ele e a mulher tiveram medo. Não se lhes ocorreria participar o desaparecimento, mas os pais de Ludovic tinham-nos alertado e encarregaram-se de tudo.

– Coitados! – A voz da mãe fica um pouco sufocada.

Pierre-Yves desiste de lhes pedir para tirar uma fotografia com eles a fazerem de conta que estão a falar ao telefone com a filha. Iam ser maus atores. Mas consegue que lhe arranjem, para o caso de vir a dar jeito, algumas fotos de Louise em criança e depois com Ludovic.

Na viagem de regresso, no TGV, observa-as demoradamente. Sente-se um autêntico detetive e o tempo urge. Este caso vai dar brado em França, pois tem todos os elementos necessários para isso. Habitualmente, uma grande reportagem exige-lhe entre duas a três semanas de investigação, mas desta vez concederam-lhe publicá-la no próximo número, com direito à primeira página e tudo. A redação apoia-o, ele é que tem de se mexer. Louise não vai contar muito mais, não agora, nem ao telefone. Está deprimida. Qualquer pessoa o estaria por muito menos. Com os pais dela, Pierre-Yves ficou dececionado. No que diz respeito aos de Ludovic, receia encontrar apenas uma família inconsolável. Ele quer compreender, tem de compreender, a descida aos infernos daquele jovem casal sorridente e anónimo que tem diante de si nas fotografias. Outros que não ele, menos escrupulosos, inventariam toda uma história, mas a ele sempre lhe interessou a credibilidade. Sempre achou que o trabalho do jornalista era mostrar verdades, ou mesmo *a* verdade.

Escrutina os rostos e as atitudes nas imagens:

– Ludovic é bem constituído, um rapaz bonito, com covinhas na cara e o lábio inferior carnudo, um pouco amuado, e de olhar azul e franco. Devia

ter confiança em si mesmo. Um homem de sucesso.

– Tem as roupas e o cabelo sempre desalinhados: sinal de à-vontade social de alguém que pode dar-se ao luxo de quebrar os códigos de conduta?

– Tem os braços sempre muito abertos, com as palmas das mãos afastadas. Ou então está a abraçar, a apertar, a tocar. Parece estar ininterruptamente em ação: um hiperativo? Um ursinho grande que precisa de festinhas? Seja como for, tem confiança em si mesmo e na vida. Generoso, sem dúvida.

– O sorriso vincado, o rosto liso: nunca sofreu.

*

– Louise está mais rígida, menos à vontade com o próprio corpo. Em muitas fotografias, aparece sentada com as pernas dobradas, os braços à volta dos joelhos, o queixo nas mãos, numa posição defensiva. Se Ludovic a abraça pelo pescoço, ela tem os braços pendentes, um pouco hirtos, como se estivesse constrangida.

– Tem um rosto franco e juvenil, como Ludovic. Grandes e bonitos olhos verdes, onde desponta um tudo-nada lunar, ou melancólico, lábios muitas vezes ligeiramente apertados: haverá nela alguma frustração? Terá medo de perder aquele belo Apolo?

– Um pouco mais baixa que a média. Magricelas? De maneira nenhuma.

Concentra-se nas fotografias. Não! Ela é musculada e isso, em comparação, faz parecer que as articulações dos pulsos e dos tornozelos, o pescoço e as ancas são muito finos. É simultaneamente forte e frágil.

Em todas as fotografias estão a olhar um para o outro. Pierre-Yves não hesita: amam-se. Gaba-se muitas vezes de saber reconhecer os olhares apaixonados. Apercebe-se de uma centelha de excitação, de um assombro, como se os dois estivessem sempre a descobrir-se um ao outro. Adivinha neles uma sensualidade plenamente realizada.

Chegado a Paris, Pierre-Yves não para. É obrigado a pedir ajuda a Simon. Os dois entregam-se a uma verdadeira investigação: a colegas de trabalho apanhados na rua, diante da repartição de finanças ou na Foyd & Partners; a Phil e a Sam, os companheiros de escalada; aos pais de Ludovic, claro, junto dos quais teve a decência de não insistir muito; a um cientista ligado aos territórios austrais e antárticos franceses, para uma descrição da

ilha; a um médico militar especialista em sobrevivência; a um nutricionista; a um psicólogo perito em situações de crise; a três antigos colegas da escola descobertos no Facebook.

Já tem o contexto. Quanto ao lado psicológico, não se enganou. Mas falta-lhe o essencial: o desenrolar exato dos factos, o acidente, a sobrevivência, a morte de Ludovic. Tentou voltar a ligar para o *Ernest Shackleton*, mas o comandante mandou-o dar uma curva.

A informação acabou por surgir na imprensa britânica e atravessou o Canal da Mancha no dia seguinte. Está aberta a época de caça, mas ele tem um avanço. Convidou o seu contacto no Ministério para almoçar, com o pretexto de falarem sobre o tratamento dos franceses em situação de perigo pelo mundo fora. Restaurante da moda, bom vinho, ótimo ambiente... Bingo, descobre que Louise vai deixar as Malvinas no dia seguinte, com destino a Londres. O consulado vai encarregar-se dela nessa noite e a viagem de avião para Paris será no dia a seguir. Vai acabar-se o segredo. Como a imprensa já começou a falar do caso, o Subsecretário de Estado dos Franceses no Estrangeiro tenciona ir recebê-la a Orly. O comunicado de imprensa irá sair em breve.

Pierre-Yves joga tudo por tudo.

O comunicado vai fazer referência à escala em Londres? Alguém o autorizará a estar no consulado para se encontrar com Louise? O interlocutor torce o nariz. Não é com ele... Se alguém descobre... Pierre-Yves insiste, entre o *carpaccio* de manga e o café. Ninguém vai saber. Negligentemente, sublinha que já conhece Louise, graças à amabilidade do interlocutor. Sem pensar, acrescenta:

– De resto, esta história toda fascina-me. Até tenciono fazer mais do que um artigo, quero escrever um livro com ela. Por isso, bem vê que é fundamental para mim encontrá-la antes de ela ser assediada por todos os lados. Preciso da sua autenticidade. Se o comunicado não referisse a escala em Londres...

Acabou de inventar a história do livro, mas, à medida que vai falando disso, não lhe parece nada má ideia.

Consegue que o outro ligue para o consulado. Nada de *e-mail*, para não deixar rasto.

No Eurostar, Pierre-Yves já sonha com as montras das livrarias.

Ao empurrar a porta do Kentucky Pub, Louise apercebe-se logo de que os ingleses não têm gosto nenhum. O balcão comprido quase a desabar com o peso dos troféus de futebol pode parecer caloroso, mas o resto é lúgubre. Os compartimentos estão mal iluminados e um papel de parede com flores castanhas exhibe os estigmas do tempo em que se podia fumar no estabelecimento. As mesas são de contraplacado a imitar madeira e os bancos em couro falso, todos esfolados. Apesar disso, há ali uma impressão de intimidade relaxada que lhe é bastante familiar. Louise sorri para dentro com estas reflexões. Aí está! Deve estar a voltar à vida, se já presta atenção a esses pormenores!

*

Desde o salvamento e até chegar às Malvinas, continuou na sua letargia mental. Os membros da tripulação do *Ernest Shackleton* cobriram-na de atenções, mas sentiam-se embaraçados com uma passageira assim. Se insistirem muito com ela, isso não lhe fará mal?

Então, decidiram deixá-la em paz, apenas lhe levaram as refeições à cabina, sorriram e falaram-lhe do bom tempo quando se cruzaram com ela nas coxias no navio. Estão todos ansiosos por deixar que sejam as autoridades competentes a tratar dela.

Desembarcar em Stanley, nas Malvinas, foi para Louise um primeiro choque. Casas muito arranjadinhas, jardins onde desabrocham tremoço, as tradicionais janelas de guilhotina com cortinas imaculadas – até neste fim do mundo reina o *english way of life*, todo ele conforto e comedimento. Depois de tanto ter sonhado com aquela normalidade, agora não consegue apreciá-la. Tudo lhe parece mesquinho, superficial. Já não conhece os códigos sociais. Refugiou-se no hotel, onde passa quase uma hora debaixo do duche, até o gerente lhe vir bater à porta, a perguntar se haveria uma fuga de água. Um duche quente! O do *Ernest Shackleton* funcionava no limite mínimo. Ali, pode deixar a água correr, dar-se conta de cada um dos seus músculos à medida que vai dirigindo para eles o jato de água. Tem a impressão de que se está a lavar tanto por dentro como por fora. Com a

água morna desaparecem o torpor, os sonhos maus, o desespero. Olha para as mãos, cuja pele vai ficando mole e embranquecida, inchando à volta dos calos e dos pequenos cortes aos quais já nem prestava atenção. É a alma dela que está a amolecer. As barreiras de insensibilidade que erguera dentro da cabeça para poder sobreviver desabam todas ao mesmo tempo. Devido à insistência do gerente, acabou por sair do duche e por se envolver na única toalha, rodeada do vapor na pequena casa de banho. Aí, toma bruscamente consciência do que em breve vai ter de enfrentar. A vida vai recomeçar, o trabalho, os amigos, talvez o número 40, o verdadeiro! Será possível? Terá forças suficientes?

Pensa com terror em Ludovic. Lembra-se de o comandante lhe dizer que tinham tratado dele. Ela não perguntou mais nada. Volta-lhe tudo à memória: a luz esverdeada, o cobertor esfarrapado e os olhos... Sobretudo os olhos! A fixidez, aquele ligeiro véu, a pupila imóvel. O homem que ela abandonou. Pela primeira vez desde que foi salva, concebe esta ideia devastadora. Nunca devia tê-lo deixado, deveria ter voltado mais cedo para o ir buscar. Apostou na própria vida, em detrimento da de Ludovic.

Estremece e limpa-se demoradamente. Com a vida normal, não voltou a encontrar só o duche quente, mas também outras realidades, menos agradáveis.

*

A seguir, foi o encontro com os idiotas dos inspetores. Na esquadra, os dois homens rechonchudos encarregues de registar o depoimento dela deixaram-na exasperada. Naquele país sem crime, onde os delitos se resumem a alguns excessos alcoólicos, estão a fazer-se de importantes. Começam a conversa com meia hora de sermão: Louise e Ludovic cometeram uma infração ao irem à ilha. Por isso, o processo podia ser passado ao procurador. Ainda que admitindo que foi por uma questão de sobrevivência que os náufragos atacaram espécies protegidas, como os pinguins e as otárias, pedem-lhe que descreva em pormenor os «estragos» que provocaram na estação baleeira.

– É património histórico, minha senhora, como compreenderá.

Enfim, dois perfeitos idiotas, pensa ela.

Num lampejo, quando chegam à morte de Ludovic, ela percebe que mais vale não complicar: tinham fome e frio, Ludovic foi enfraquecendo, ficou

doente depois de perseguir o Cruise Ship. Ela não pôde fazer nada. Ponto final.

A explicação parece ser mais do que suficiente para os dois bófiás, a quem pouco interessa como é que morreu exatamente aquele *frenchy*.

Louise sentiu-se aliviada por isso e, nesse dia, fixou na mente que nem todas as verdades são boas para se dizer. Nada trará Ludovic de volta, por isso pode evitar alongar-se em histórias emaranhadas e doentias. De resto, quem conseguiria verdadeiramente compreendê-la? Só quem tiver comido pinguim durante meses é que pode imaginar o que significa salvar a pele.

*

Não tem de esperar muito no *pub*, com o chá com leite à sua frente. Aquele tipo de *jeans* pretos e casaco axadrezado, com uma cara redonda e sorridente e olhos atentos por trás de óculos quadrados com uma armação verde, só pode ser ele. Só um jornalista parisiense é que teria aquele aspeto. Ele dirige-se a ela sem hesitar.

– Louise, estou muito contente por vê-la! Como está?

Encosta-se à mesa e pede uma cerveja num inglês excelente.

Ela é tal e qual como ele imaginava, ossuda, a flutuar numa camisola de cor malva que lhe devem ter dado nas Malvinas. Observa-lhe as mãos com as articulações protuberantes e os olhos, sobretudo aqueles olhos verdes que parecem ocupar-lhe a cara toda. Ou então é um resultado das olheiras que lhe marcam o rosto. Louise perdeu o ar ligeiramente infantil e ingénuo. Pierre-Yves está surpreendido. Ela tem agora o olhar daqueles migrantes que entrevistou a saírem de um barco improvisado, com um ar desnortado, ainda cheio de um passado trágico. Claro que ela não vai a seguir para um acampamento provisório, mas é como eles: tem a fragilidade dos seres divididos entre dois mundos.

O seu raciocínio acelera. Contrariamente aos pobres diabos que não despertam o interesse de ninguém, Louise é uma europeia branca, uma «mulher como as outras», com a qual os leitores poderão identificar-se. É horrível de se dizer, mas os migrantes ilegais formam uma massa indiferenciada, enquanto Louise é única. Pierre-Yves apercebe-se de que mal prestou atenção à resposta dela.

– Estou bem, obrigada. Quer dizer, estou melhor, mas está tudo a suceder tão depressa... Sinto-me um pouco perdida.

Louise tem medo. Está a aproximar-se perigosamente da zona em que vai ter de se controlar. A partir de amanhã, tem de tomar decisões. Quando ainda estava nas Malvinas, falou durante muito tempo ao telefone com os pais e recusou o convite para ir viver para casa deles. O número 40 seria sem dúvida melhor, mas tinham-no subalugado a amigos antes de partirem. Louise não teve coragem de lhes ligar. Além disso, angustia-a voltar ao apartamento sem Ludovic. O hotel vai corresponder melhor ao seu estado de flutuação, ainda que o ambiente impessoal a assuste.

– Compreendo perfeitamente – atalha Pierre-Yves. – Ouça, tenho muitas perguntas a fazer-lhe, e espero não a cansar, mas antes preciso de lhe dizer duas ou três coisas que a ajudarão.

Desta vez está a ser sincero. Quase lhe apetece tratá-la como a uma criança. Os colegas mais cínicos do jornal gozá-lo-iam, a dizer que ele se comporta como uma velhota diante de um gato abandonado. Mas é ao contrário. Aquela rapariga frágil toca-o mesmo. Vai ajudá-la. Vai ser o seu mentor, pois é disso que Louise vai precisar, mesmo muito.

Já está a avaliar tudo: a chusma de jornalistas que a esperará amanhã com o Subsecretário de Estado, as inúmeras solicitações, as entrevistas, os *talk-shows*, os transeuntes que a hão de reconhecer na rua, os editores, os realizadores... Não lhe vão deixar nem um pedacinho de tranquilidade. Mas ele percebeu muito bem que ela vai precisar de sossego. Ninguém sai de tal provação em poucos dias. Vai ajudá-la a gerir aquele circo todo e, se for preciso, arranjar-lhe um assessor de imprensa. Está a lembrar-se de Alice, uma velha conhecida, cinquentona robusta que já se ocupou de desportistas célebres envolvidos em loucuras. É uma mulher de tato. Domina na perfeição a gestão de crises.

Louise está aterrada. Não quer nada, não pediu nada, nem *talk-shows*, nem assessor de imprensa. Deixem-na em paz. O que lhe apetecia era ir para as montanhas, fazer escalada, cansar o corpo para depois conseguir dormir, concentrar-se na prensão e no apoio, num filão rochoso escurecido por um fio de água, no cheiro do magnésio na ponta dos dedos. Acalmar-se. Em vez disso, Pierre-Yves fala-lhe de som e de fúria.

– Mas a Louise não pode desaparecer! Está toda a gente à sua espera. A sua experiência é única. Ficar de repente sem nada, como os homens das cavernas, como é que conseguiu aguentar? Deve ter sido de doidos, resistir todos os dias! A França vai ficar apaixonada!

Esta perspectiva ultrapassa Louise. A ansiedade contorce-lhe o estômago. Aquele pesadelo nunca chegará ao fim? Põe as mãos na cabeça e treme como um animal perseguido. Não quer que lhe façam perguntas. Vai deixar-se ficar ali em Londres.

Pierre-Yves fica ligeiramente aborrecido, mas só o tamborilar dos dedos no copo o deixa transparecer. Tem de se controlar e continuar a falar cuidadosamente com ela. Ela não se apercebe, claro. Ainda está em choque. É certo que as solicitações poderão ser agressivas, e a curiosidade roçar o doentio, a falta de pudor. Mas pode-se escapar a isso? A vida de Louise tornou-se pública. É dever dela partilhar a sua experiência. Ao ver a sua perturbação, não se atreve a falar-lhe das consequências materiais e sonantes: ser uma heroína pode render bom dinheiro, que lhe permitirá depois ter uma boa vida na montanha, tanto quanto ela quiser. Para isso, é seguir as regras do jogo e saber jogar.

– Bom, vou levá-la a jantar, isto aqui é muito feio.

*

O Jamies's Kitchen é o oposto do Kentucky. É um restaurante caloroso, com as paredes revestidas a madeira envernizada e em tons pastel. Pierre-Yves frequenta-o sempre que está em Londres. A empregada é uma criatura de cabelo azul, exibindo dentes deslumbrantes e um sorriso contínuo. Num canto, uma fileira de plantas verdes amortece o barulho da sala. Foi precisamente essa mesa que Pierre-Yves reservou. Foi uma boa ideia. Pela primeira vez, Louise saboreia o bem-estar. Era com isso que sonhava: estar quentinha, comer boa comida, sentir a proximidade de outros seres humanos, ter liberdade de movimentos, levantar-se da mesa se lhe apetecer, abrir a porta, ver outros rostos...

Pierre-Yves retoma a conversa prudentemente. Conta-lhe alguns episódios mundanos a que ela não assistiu, o casamento espalhafatoso de um artista, um *blockbuster*, os mexericos dos últimos Jogos Olímpicos. Depois, volta devagarinho ao assunto:

– Não se preocupe, eu vou estar sempre ao seu lado. Encarregar-me-ei das solicitações que lhe fizerem e a Louise depois escolhe as que quiser. Mas agora estou ansioso por ouvi-la. Na verdade, tenho toneladas de perguntas.

Mais calma, ela aceita que Pierre-Yves lhe faça a entrevista. Nesse momento exato, se ele a tivesse deixado contar a história, ela ter-lhe-ia dito tudo, narrando simplesmente o que acontecera. Mas ele está com pressa. Tem a estrutura do artigo já bem preparada na cabeça. Durante a hora e meia do jantar, precisa de respostas precisas a perguntas concretas, para encher as oito páginas que prometeu. O que ele quer é matéria gorda, carne à volta daquele esqueleto já construído, detalhes que serão extraídos do artigo para atrair a atenção. Habitualmente fica mais à escuta, mas desta vez tem pouco tempo e, sobretudo, medo de ver Louise ir-se abaixo pelo caminho.

Ele faz as perguntas, ela responde docilmente:

– Que sentiu quando viu a baía vazia? Como era o «número 40» por dentro? A que sabe o pinguim? Como é que se caça uma otária? Quando é que Ludovic ficou doente? De que morreu, na sua opinião? Como é que descobriu a estação de pesquisa? Que lhe apetece fazer no futuro?

Louise explica tudo. Aquelas perguntas parecem-lhe um bocado idiotas, mas não vê como há de escapar-lhes. Interrompe-se frequentemente para saborear o caril de cordeiro e o *crumble* de legumes. Preferia fazer só isso, sentir as fibras da carne a deslizarem-lhe pelo palato, a textura granulada do *crumble*, o gosto dos temperos, aquela mistura de sabores picantes e adocicados.

Pouco a pouco, vai ficando mais loquaz. Contar liberta. Ao apelar às recordações, receava reavivar o pesadelo. Mas acontece o contrário. Se consegue contar é porque está ali, viva, naquele simpático restaurante londrino, com aquele tipo atencioso. Finalmente, triunfou.

Tudo seria perfeito se, de cada vez que o nome de Ludovic é articulado, ela não sentisse um tremor no fundo de si mesma. Ele já não está ali, a saborear o caril e o *crumble*. Quando fala dele, fala num sussurro, como se não quisesse ser ouvida. Esquiva-se e Pierre-Yves, por consideração, não insiste.

Não lhe fez perguntas sobre o percurso até à estação de pesquisa, que lhe parece um assunto secundário. Ela não clarifica que o fez duas vezes. Esse estranho e vergonhoso parêntesis não foi referido em nenhum momento. Louise não tem palavras para justificar esse pedaço da sua vida, nem sequer para o contar. Mais vale que ele fique lá, na ilha deserta, longe dos ouvidos humanos.

Louise quase se julga no quarto de um gigante. A cama daria para cinco pessoas dormirem. Diante dela, o ecrã da televisão tem mais de um metro de largura. Ao lado, uma pesada secretária poderia perfeitamente acolher uma reunião com oito pessoas. Aliás, se alguém quisesse fazer uma reunião, há uma segunda divisão com outra secretária, outro ecrã e sofás de couro à volta de uma gigantesca mesa baixa em vidro fumado. Um ramo de flores, igualmente desproporcionado, destaca-se junto de um cesto de fruta. Num cartão em formato A4, Pierre Ménégier, o gerente do Hilton Concorde, deseja-lhe:

«Boas-vindas e rápidas melhoras.»

Pela primeira vez desde há semanas, Louise ri-se. Sozinha naquela divisão enorme, deixa-se levar pela boa-disposição perante tanta incongruência. Já tivera vontade de o fazer ao chegar ao *hall* do hotel, quando o paquete lhe perguntou cerimoniosamente se queria que lhe levasse a bagagem até à *suite*. Entregou-lhe os dois ramos oferecidos no aeroporto e o saco de plástico com os artigos de higiene comprados nas Malvinas. Ele colocou-os em cima da cómoda um a um como se fossem o Santíssimo Sacramento. Louise ouviu o barulho surdo da porta a fechar-se e o silêncio a instalar-se. Então desatou a rir.

Tira a garrafa do balde de champanhe. Habitualmente, nunca lhe viria à ideia beber sozinha. Mas é um gesto compulsivo. Só para ouvir o barulho da rolha, encher o copo, esvaziá-lo no lavatório se lhe apetecer. Desperdiçar! Nunca mais andar a contar nada, nem fazer a gestão da miséria ou ficar angustiada ao pensar no amanhã, estar de volta à terra da abundância.

A casa de banho é tão grande como um quarto. Louise deita na banheira o conteúdo de todos os frascos de sais que estavam alinhados como soldadinhos à volta do lavatório e afunda-se em cinquenta centímetros de uma espuma com um intenso aroma a baunilha. A água está tão quente que a pele dela fica vermelha como um camarão. Não pensa em nada, quase adormecendo naquele líquido amniótico.

Deveria pôr ordem na cabeça, na sua vida, mas só algumas imagens fugidias das últimas horas lhe vêm à memória.

Recorda o tipo de fato que a cumprimenta flacidamente e que lhe oferece flores. Pierre-Yves sussurra-lhe que é o Subsecretário de Estado. O fotógrafo pede-lhe que sorria, mas sem abrir a boca, porque isso não ficaria muito bem na fotografia. Uma senhora estende-lhe um papel e uma esferográfica, sem Louise perceber para quê. Pierre-Yves, outra vez ele, sussurra-lhe: autógrafo... Antes da entrevista, no monitor da televisão vende-se uma comida para cães que tem um aspeto mais apetitoso do que aquilo que ela ingeria há algumas semanas. Enfrenta microfones, perguntas, mais microfones, mais perguntas. O que a surpreendeu realmente foram os infundáveis aplausos, quando entrou na sala VIP do aeroporto de Orly.

Parece-lhe ter chegado junto a um povo estranho, cujos costumes já não compreende.

Contudo, trata-se do mesmo mundo, dos mesmos seres humanos que deixou há menos de um ano.

*

O jantar em família que organizaram para ela foi um fracasso total. Só os seus pais, os dois irmãos e as cunhadas são admitidos no restaurante, cuja conta será paga pelo *Atual*. É uma grande cervejaria, perto do jornal, barulhenta e movimentada, o contrário daquilo de que Louise precisa. No burburinho das conversas, pelo meio do vai-e-vem dos empregados, a família tenta o reencontro. No *lounge*, claro que caíram todos nos braços uns dos outros, diante dos olhos indiscretos das câmaras. Mas a família Flambart está dividida. Os pais gostariam que aquele espalhafato todo acalmasse. Receiam as bisbilhotices dos vizinhos, as perguntas do homem do talho ou do padeiro. Os irmãos de Louise não levam o culto da discrição tão a sério. Estão muito aliviados por voltarem a ver a irmãzinha viva, a maninha, «a pequena», e sentem-se lisonjeados com aquela súbita notoriedade, que jorra em parte sobre eles.

Louise gostaria que aquele reencontro fosse mais simples. Mesmo depois de uma longa separação, com aqueles que nos são mais próximos é fácil retomar a conversa a partir do ponto onde a interrompemos. Somos movidos apenas pela cumplicidade e pela ternura. Mas entre eles sempre houve pouca comunicação e uma débil cumplicidade. Através dos

comentários dos outros, Louise percebe que é estranho que seja ela, «a pequena», a ocupar o lugar central. Quase parece que lhe vão pedir que se justifique, que peça desculpa por estar na origem daquela balbúrdia.

A maior parte das perguntas deles são sobre o naufrágio, a sobrevivência, o drama. Ela acha isso uma desconsideração. Gostaria de lhes falar também dos momentos felizes da viagem, dos meses maravilhosos de vagabundagem. Uma das cunhadas está sempre a voltar aos piores acontecimentos. Por um instante, imagina-a a pavonear-se no cabeleireiro:

– Sim, sim, a minha cunhada estrangulava pinguins com as próprias mãos e comia-os crus... Consegue imaginar?

Não sabe se essa imagem a faz rir ou se a perturba, como se estivesse a fazer dela um objeto em exibição. Não resta nada das suas relações além das críticas ou das tentativas de se apropriarem da celebridade? Louise censura-se a si mesma por ser insensível ao sofrimento deles. Nenhum pediu nada, nem tirou qualquer prazer da sua aventura. Ficaram angustiados quando ela desapareceu. Poderá criticá-los por não compreenderem nada?

O pai remata comentando:

– Seja como for, tinha-te dito que essa viagem não seria uma boa ideia.

Apetecia-lhe gritar: Foi, sim! Talvez tenha acabado mal, mas ela nunca tinha vivido nada tão rico, tão denso. Nunca apreciou tanto a vida como nessa viagem. Podia jurar que era isso que lhe censuravam. Percebe perfeitamente que não vai conseguir que a ouçam. Foi sempre diferente, incompreendida. Nada mudou. Mas a Louise de hoje já não é «a pequena», cresceu por força das provações. Eles ainda não se aperceberam disso e ela não sabe como lho transmitir. Derrotada, baixa a cabeça para o prato, como uma criança.

Quando a mãe lhe pergunta o que vai fazer agora, se pode retomar logo o trabalho e recuperar o apartamento subalugado, ela responde por monossílabos, só para ser minimamente educada. Ainda não sabe nada e isso não tem importância nenhuma.

Pelo menos uma coisa é certa: não quer que a família se meta na sua vida.

Felizmente, a tarde traz-lhe tranquilidade. A famosa Alice entrou em ação. É uma mulher bonita, uma loira oxigenada com um estilo chique casual, uma força da natureza, extrovertida, de riso fácil e contagioso. Trata Louise como se fosse uma velha amiga, deixando subentendido que toda aquela história é uma boa piada que ambas vão manobrar. Já negociou gratuitamente aquela semana no Hilton Concorde.

– Vais ver, é fantástico. E mereceste-o bem. A Kookaï e a Zara aceitaram vestir-te. Pensei que esse seria o teu estilo e tu vais precisar de roupas. Amanhã trato do cabeleireiro. E que dizes de uma massagem? Ou de um banho turco? É tão relaxante!

Louise deixa-se convencer. Não lhe pedem nada, oferecem-lhe tudo, mimam-na, adulam-na. Ao entrar e sair dos provadores, fica vagamente preocupada ao ouvir Alice a conferenciar ao telefone com revistas, rádios e televisões. Às vezes o assunto é dinheiro.

– Não te preocupes, eu é que faço a gestão e vou estar sempre contigo, para eles não te chatearem o juízo. Leva esse casaquinho curto, que te fica bem, mas a camisola verde não, não te favorece nada.

Alice desata a rir, borboleteia e tudo parece simples.

*

Louise acaba por sair do banho e envolver-se num roupão espesso. Atira-se então para a dupla fileira de almofadas dispostas por cima da cama. Aquele luxo ultrapassa de longe tudo o que já experimentou, mesmo sem falar do pardieiro da velha base, e produz nela um efeito lenitivo.

Uma hora mais tarde, o jantar transforma-se em conselho de guerra: Louise, Alice e Pierre-Yves. Subiram para jantar no quarto e Louise descobre o peso dos talheres de prata.

Depois da sessão de compras, Alice, que nunca se esquece de ser uma mulher de negócios, redigiu alguns contratos de imagem para ela assinar.

– Vamos acertar mesmo no alvo. Já tenho quase toda a gente na mão. As televisões esta noite, os jornais amanhã e, sobretudo, as oito páginas do *Atual* vão fazer subir o lanço.

Segue-se uma explicação detalhada dos meios de comunicação que Alice já tem debaixo de olho. Perde-se por entre explanações sobre as negociações secretas, as entrevistas que serão gratuitas, as que serão pagas e a que preço. Debita a ordem quase protocolar pela qual os jornalistas serão

considerados, o número de páginas a esperar de cada um, com ou sem fotografias, em direto ou em diferido.

Pierre-Yves apercebe-se de que Louise está a esfregar o braço da cadeira, como a mãe dela fez quando ele a foi visitar. O tique familiar volta a aparecer nos momentos de perturbação, quando o tabu da intimidade se vê atacado.

— Louise, agora és uma personagem pública. Se calhar não te apetece sê-lo, mas é assim mesmo, portanto mais vale aceitar o facto e ver as vantagens disso. Sou jornalista há quinze anos e sei que não se ouvem muitas vezes histórias como a tua. — Louise ergue o braço em protesto, mas sem convicção. — Repito: não podes fazer nada quanto a isso. O interesse da tua aventura é toda a gente poder projetar-se nela. Todos temos medo de perder tudo, de ficarmos pior na vida, no desemprego, de sermos vítimas de um atentado, de uma catástrofe nuclear, ou coisa do género. Mas tu lutaste e sobreviveste! Que inspiração! Quando eras pequena, não havia pessoas que admiravas e que te fizeram crescer, que te impeliram a ires mais longe? Pois bem, agora és tu que desempenhas esse papel. Não os deceções! — Pierre-Yves tem razão. As suas intuições foram boas desde o início. Esta noite, apelar à razão, ao altruísmo, ou seja ao que for, acerta em cheio. Contar a história de Louise ganha uma dimensão moral que atenua o seu lado exibicionista. — Vais ver, vão todos fazer-te as mesmas perguntas, por isso podes preparar já as respostas. O segredo é seres tu a conduzir o jogo. A Alice não vai contradizer-me. Mais tarde, para o livro, teremos tempo de aprofundar tudo. Confesso que até a mim me fascina o que te aconteceu.

Alice segura-lhe delicadamente no braço.

— Eu conheço de cor e salteado esses jornalistas, incluindo os do género do Pierre-Yves — acrescenta ela, soltando uma gargalhada. — Acredita em mim, vai correr tudo bem.

Nesse instante, rodeada pelos seus dois aliados, Louise sente-se mais tranquila, embora outra coisa lhe assombre o espírito desde que Pierre-Yves pronunciou a palavra «sobreviver»: ela tem um dever. A ideia vai fazendo caminho dentro do seu cérebro, clarificando-se aos bocadinhos, como acontecia nas tinas de revelação do clube de fotografia, no liceu. Primeiro só se viam manchas sombrias e indefinidas, depois iam-se afirmando os contornos, e por fim os pormenores, a granulação, as sombras, e, de súbito, ali estava a realidade, estendida no papel. Encontra finalmente palavras para

aquilo que vagueia de um modo confuso dentro de si, desde que o navio de pesquisa surgiu na baía: tem de ligar aos pais de Ludovic.

Tem de falar com eles, porque sobreviveu. Mas não tem certeza alguma do que poderá dizer-lhes.

– Serviço de pequeno-almoço, minha senhora!

Louise, que dormiu um sono muito pesado depois do champanhe e de dois copos de Chablis, levanta-se bruscamente ao ouvir bater à porta. Por um segundo, pergunta a si mesma onde está e que dia é. Depois lembra-se de tudo e apressa-se a vestir o roupão, embaraçada por ter feito esperar o empregado.

Tal como no dia anterior, acha o serviço afetado, mas cresce-lhe água na boca ao ver o cesto a transbordar de pequenos folhados, de pães estaladiços e de uma fileira de frasquinhos de compota. Até para o pequeno-almoço há uma gigantesca toalha bordada e uma coleção de talheres. Louise começa a compreender que riqueza rima com grandeza, com peso e com quantidade.

– Disseram-me para também lhe trazer os jornais. Um bom dia, minha senhora. Este estabelecimento tem muito orgulho em recebê-la.

Uma pilha de jornais cobre a mesa com rodas. Louise fica chocada. Está na primeira página de quase todos os diários. Fotografias muito parecidas, todas tiradas ontem no aeroporto, em que ela surge com um ar lastimável, metida na camisola malva demasiado grande. Os néones da sala do aeroporto de Orly acentuaram-lhe a tez pálida e realçaram-lhe as faces encovadas. O cabelo mal cortado pende-lhe de cada lado do rosto, tornando-o ainda mais comprido. Quase lhe dá vontade de rir, mas os títulos perturbam-na. São do género «Fugida do inferno», «A sobrevivente do frio», «Louise Flambart: frente a frente com a morte», e outras tantas variações. É demasiado! Tinha imaginado títulos um pouco enfáticos, mas aquilo ultrapassa todos os limites. Com exceção de dois artigos que se ficaram pelo registo factual, a maior parte exagera até ao infinito o frio, a fome, a morte de Ludovic, a solidão. Reconhece frases suas que aparecem entre aspas, mas a contextualização acentua o aspeto dramático. Apercebe-se, aborrecida, de que a descrevem sobretudo como desalentada, impotente, entregue aos elementos naturais. No entanto, também tinha contado em pormenor como eles dois se tinham organizado e reagido.

O título do *Atual* destoa dos outros e irrita-a: «Ela consegue sobreviver no fim do mundo.» Vê nele uma suspeita, quase uma acusação. E então, tem culpa por estar viva?

Durante um segundo, pergunta-se a si mesma se Pierre-Yves terá sabido da primeira viagem até à estação de pesquisa. Não se recorda de ter falado disso com ninguém.

Percorre-a um arrepio ao ver a totalidade da capa. Reconhece imediatamente a fotografia. Ludovic e ela estão abraçados, sorridentes. Ela ainda tem uma corda enrolada no ombro e ele ergue orgulhosamente o punho. Foi há cinco anos. Lembra-se como se estivesse lá, à saída de um trajeto fácil na agulha da Glière. Deve ser a segunda ou a terceira vez que ela o leva àquele pico e ele saiu-se bem. Ainda tem a cara vermelha do esforço e os caracóis todos colados do suor. A *T-shirt* muito justa ressaltava os músculos. Está irresistível. Acaba de chegar e ela dá-lhe os parabéns, aproveitando para se refugiar nos braços dele. Deve ter sido Sam, o eterno companheiro de escalada, quem tirou a fotografia. Ficou ligeiramente tremida, o que acentua a precipitação com que ambos se lançam um para o outro. Há ali uma tal força de despreocupação, de vitalidade, de vibrante ternura que Louise se vê subitamente diante do próprio luto.

Desde o desaparecimento de Ludovic, Louise concentrou-se nas imagens do «número 40». Aquele homem não lhe fazia falta. Além disso, ela estava demasiado preocupada consigo mesma. Sobreviver absorvia-lhe toda a energia, não deixava qualquer espaço para sentimentos ou para ternura. Agora, que está fisicamente protegida, o coração e o espírito recuperam os seus direitos. Diante daquela fotografia, estremece de desejo. Quere-os ali, aos seus olhos verdes, aos lábios carnudos, aos braços que às vezes a apertavam demasiado, ao seu sexo esfomeado. Invade-a um imenso vazio, que vai do peito à barriga e até ao interior das coxas. Sente-se inútil, corroída no interior por um ácido que só lhe deixaria os ossos. A última vez que chorou Ludovic foi no «número 40», diante do seu rosto descarnado. Lágrimas de impotência e de vergonha. Hoje, a amante sente-se desesperada, apiedando-se da própria perda.

O chá está a arrefecer e a chávena fica coberta com uma fina película de reflexos prateados. No grande quarto, os soluços vão-se espaçando pouco a pouco. Louise só quer dormir, ir-se embora, desaparecer.

Quase uma hora depois, quando Alice bate à porta, encontra-a ainda de roupão, com o rosto alterado. Repara nos jornais espalhados e no pequeno-almoço praticamente intacto. Põe um braço à volta dos ombros de Louise, como se estivesse a acalmar o desgosto de uma criança.

– Coragem, Louise! Imagino o que estás a sentir. Já perdi um irmão, que se suicidou há três anos. – Enquanto lhe acaricia mecanicamente o cabelo, Alice reprimiu o eterno sorriso e a sua voz enfraqueceu um pouco. – Nunca recuperamos verdadeiramente de uma coisa assim, mas podemos ultrapassá-la. Acredita em mim, a vida vai outra vez tomar conta de ti. O que é preciso é continuar e, sobretudo, estar com pessoas, fazer coisas. – À medida que vai falando, Alice recompõe-se e a sua voz volta a ganhar confiança. – Já mostraste como consegues ser forte, por isso também vais conseguir ultrapassar este desgosto. Vá, veste-te, que vamos ter as duas um dia muito cheio... Vai correr tudo bem – acrescenta ela, como se recitasse um mantra.

Louise deixa-se levar: água fria na cara, duche a escaldar, chá quente, roupas novas, táxi...

– Toma, comprei-te um telemóvel. Mas cuidado, não dês o número aos jornalistas, senão nunca mais vais ter sossego.

Louise nunca tinha imaginado que o regresso fosse tão difícil. Lá, na ilha, estava obcecada com a ideia de voltar, comer, estar quentinha, rever seres humanos. A vida de antes já seria assim complicada? Teria sido ela que se esquecera disso, ou idealizara o mundo dos homens? Se estivesse sozinha, voltaria a hibernar de boa vontade, como fizera na estação de pesquisa. Mas Alice está ali, a tratar de tudo e sem a largar por um minuto. Alice, de cujo ponto frágil se apercebeu há bocado e com quem quer ser simpática. Por isso, deixa-se guiar e tranquilizar por aquela mulher exuberante e maternal.

Os dias correm a toda a velocidade. Já foi há três semanas que a aplaudiram em Orly e, desde então, Louise tem a sensação de que ainda não deixou de ser aplaudida. Alice está sempre ali, o tempo todo, repetindo o mesmo refrão: «Não te preocupes, não te preocupes.»

Correm juntas dos estúdios de televisão para os de rádio, passando pelos bares dos grandes hotéis para se encontrarem com a imprensa. Chegaram até a ir a Genebra e a Bruxelas. No início, Louise deixou-se rebocar de um sítio para o outro, desde que não a abandonassem. Agora, confessa que ganhou gosto naquilo tudo. A televisão, sobretudo, diverte-a. Tanta gente para tão pobre resultado! Mas as pessoas são todas muito simpáticas. Tratam-na pelo nome. Gosta de se abandonar nas mãos das maquilhadoras; ela, que se limitava a pôr sombra nos olhos, fica encantada por ser embonecada por outras pessoas. As maquilhadoras concentram-se no seu rosto, com pequenas pinceladas, como se estivessem a pintar um quadro, vasculhando as caixas de lápis e os tubos de base. Soltam invariavelmente uma frase sobre a coragem de Louise, ou pedem-lhe autógrafos, o que agora já não a deixa desconcertada. Tem sempre um camarim à sua espera, com o nome na porta e cestos de guloseimas, que ela ingere como se ainda tivesse fome. Na brincadeira, confessa a Alice que deve ser mesmo fixe ser atriz e que adoraria experimentar. A outra desata a rir, como de costume, e depois fica de novo séria:

– Vendo bem, se te agrada, até podia ser proveitoso. Vou falar com dois ou três realizadores para prestares provas.

Alice é formidável, nada lhe resiste.

Na televisão, Louise aprecia sobretudo os amplos bastidores sombrios e as pessoas que parecem estar a falar sozinhas para o microfone. É um balé comandado ao milímetro. Cada pessoa fica no seu lugar, à espera, e de repente realiza uma tarefa aparentemente mínima e o *puzzle* completa-se. Louise gosta de estar ali, no meio daqueles bonecreiros, no reverso do cenário.

Subitamente, é empurrada para a luz.

— É a sua vez.

Ela entra, é aplaudida. Fazem-lhe as perguntas previstas. Ela responde, sempre a mesma coisa. Já identificou alguns detalhes ou piadas que experimentou para ver o efeito e que agora substitui rapidamente. À força de ser contada, a sua história tornou-se uma lenda. Louise trabalhou-lhe os pormenores, como na infância, quando contava histórias a si mesma. No início, censura-se por desviar complacentemente as atenções. Pouco a pouco, deixa de distinguir a realidade da narrativa. Não há realmente mentiras, só melhoramentos e omissões. Alice tinha razão, o que importa é que seja uma história bonita. Nunca ninguém poderá verificá-la. Alguns pormenores exigiriam demasiadas explicações. Como poderia contar que Ludovic e ela tinham batido um no outro na altura do Cruise Ship? Para quê explicar que às vezes lhe apetecia matá-lo por causa de uma colherada suplementar de um guisado horroroso? Que interesse pode haver em ela ter ido uma primeira vez até à estação de pesquisa e depois regressado? Nada disso tem importância no seio daquele grande jogo, naquela tranquilizadora futilidade.

*

Na noite do seu primeiro dia mediático, Louise não consegue adormecer, apesar do cansaço. Logo que apaga a luz, o silêncio do quarto perturba-a. Ou melhor, não, não é isso que lhe causa ansiedade, mas sim o telemóvel que Alice lhe deu. A partir do momento em que o segura na mão, já não tem desculpa para não ligar aos pais de Ludovic. Ficou aliviada por não os ter visto no aeroporto de Orly. Sente-se incapaz de os ir visitar, mas tem a obrigação de lhes telefonar, rezando para que isso seja suficiente.

Nunca tentou compreender porque é que se sentia sempre pouco à vontade junto deles. Acolheram-na com simpatia, mas com a condescendência de pais habituados a verem aparecer mais uma conquista do herdeiro. Embora se tivessem tornado mais calorosos com ela à medida que os meses passavam, Louise tinha a sensação de que a consideravam uma namorada temporária. Antes dela, houvera Charlotte, Fanny, Sandrine e não se sabe mais quem. Depois dela, a lista continuaria a desenrolar-se. Às vezes, pelos meandros de uma hesitação mínima, apercebia-se de que eles estavam a ter cuidado para não lhe trocarem o nome.

Também nunca confessara verdadeiramente a si mesma que tinha ciúmes. Sim, tinha ciúmes daqueles pais cultos e modernos. Quando as duas famílias se reuniam para um jantar, era um suplício para Louise. A sua mãe estava sempre demasiado arranjada, com o digno vestido dos anos 1980, o pai ridículo de fato e gravata. Hélène, a mãe de Ludovic, ficava espantosa com as calças elásticas pretas e uma simples *T-shirt* por baixo do casaco cor-de-rosa, e o marido, Jef, exibia negligentemente uma camisola de *rugby* da marca *Eden Park*. De um modo quase instintivo, Louise tomara o partido dos pais e censurara os de Ludovic por acentuarem a diferença.

No fundo, voltara a desempenhar o papel da «pequena», mas noutro sentido: a amiguinha, depois a namoradinha ainda mal polida, que não sabia preparar um *cocktail* nem fazia vela e que eles levavam às exposições de Jeff Koons para a educarem. Essas atenções humilhavam-na, embora a atitude dos pais de Ludovic nunca desse origem a qualquer crise. Eram muito corteses. No fundo, pouco se importavam que fosse ela ou outra qualquer.

Quando os dois decidiram fazer a viagem de barco, Hélène e Jef tinham aplaudido:

– Que ótima ideia! Aproveitem enquanto são jovens. Se calhar, nós até vamos ter com vocês à Cidade do Cabo. É um país magnífico e temos tão boas recordações de quando estivemos no Kruger Park!...

Para eles, tal como para Ludovic, a vida tinha de ser uma festa. Evidentemente, não eram os pais de Louise que passavam férias no Kruger Park.

Durante o almoço em família, quando regressara, Louise descobrira que tinham sido Hélène e Jef os primeiros a ficarem preocupados. Tinham-se habituado a receber um ou dois *e-mails* por semana e acharam estranho quando deixaram de ter respostas. Alertaram então todas as instâncias possíveis: a Polícia, o Ministério dos Negócios Estrangeiros, o Serviço de Socorros a Náufragos, os consulados na Argentina, no Chile e na África do Sul, as revistas de vela e os *sites* de viagens na Internet. Depois tinham localizado veleiros que estavam nessa região, mantendo com eles uma copiosa correspondência. Por intermédio de um conhecido, haviam até entrado em contacto com um célebre meteorologista, especialista na deteção de rotas na navegação ao largo, que investigou as tempestades

ocorridas entre Ushuaia e a Cidade do Cabo nos últimos seis meses. Mas nada. O seu único filho tinha-se volatilizado.

A mesa da sala já não servia para *cocktails* elegantes. Agora parecia a mesa de um estado-maior, coberta de mapas, de mensagens, de folhas de cálculo de uma possível deriva ao sabor das correntes marítimas. Ao que parecia, Hélène tinha começado a beber, dissera a mãe de Louise, que falara regularmente com ela ao telefone.

*

Louise sabe isso tudo. Durante o longo o dia, na companhia de Alice, foi adiando o momento de telefonar: estava demasiado barulho, não tinha assim muito tempo, não queria que o motorista do táxi a ouvisse, estava atrasada para ir mudar de roupa antes de jantar e, por fim, já era demasiado tarde. Agora, sente-se inquieta, sem conseguir adormecer. Amanhã, logo bem cedo, vai ter de ser, não pode escapar mais à obrigação. Era como os trabalhos de casa, que mais valia fazer no sábado ao fim da manhã, depois de vir do liceu, para não correr o risco de ficar com o resto do fim de semana estragado. Tem de falar com eles para encerrar o assunto.

Hélène atende logo ao primeiro toque, com uma voz mais dura e brusca do que Louise se lembrava.

– É a Louise.

– Oh, queridinha, já sei que voltou.

Começa mal, com a «queridinha» que faz ressurgir «a pequena». E aquele tom de crítica velada por não ter ligado mais cedo. Louise contém-se; aquela mulher perdeu o filho adorado. Nunca ninguém recupera de tal situação.

– Peça-lhe desculpa, Hélène, tem sido tudo tão confuso, nestes dois dias. Mas estou sempre a pensar em vocês os dois. – É verdade. Os pais de Louise perseguem-na. Os remorsos daquilo que não disse a ninguém consomem-na. Remoeu nisso toda a noite: conta-lhe ou não?

– Conte-me tudo, Louise, por favor. Vamos ver-nos em breve, no funeral, mas quero saber já.

O funeral! É certo que lhe disseram, nas Malvinas, que o corpo fora recuperado e que seria repatriado. Mas ela proibiu-se de pensar nisso. O corpo... As ratazanas... De repente, sente uma vontade enorme de vomitar. Murmura:

– Vão trazê-lo?

– Sim, não sei quando, porque é tudo muito complicado, mas vão fazê-lo, que é o mais importante. – Há uma determinação trágica na voz de Hélène.

Então Louise começa a falar. O incidente, a luta pela vida. E mente, por omissão, mas mente, sobre a famosa estadia na estação de pesquisa. De qualquer modo, a verdade não lhes vai trazer Ludovic de volta. Hélène iria ficar desesperada, a pensar que poderia ter havido uma alternativa. Na noite em que Louise decidiu ir-se embora, já havia compreendido que ele estava quase morto, destruído no interior. Mas isso é coisa que uma mãe não consegue ouvir.

A conversa durou três quartos de hora, entrecortada por soluços de ambos os lados. Choram Ludovic, choram a própria dor, choram o fim de uma forma de inocência.

Louise acaba por desligar afirmando que sim, que têm de a avisar logo que saibam da data do funeral.

Mas não há nada no mundo a que desejasse mais escapar.

Louise sente-se também manietada pela reorganização da sua vida. Nunca tinha prestado atenção à complexidade ordinária da existência. Tendo regressado das Malvinas sem nada além do irrisório saco de plástico com os artigos de higiene, agora precisa de documentos novos, de um cartão bancário, de comprar um computador e um telemóvel mesmo dela. Tem de resolver os problemas relativos ao seguro do barco que recusam pagar-lhe, com o argumento de eles terem naufragado junto a uma ilha cujo acesso lhes era proibido. Por isso, Louise corre de repartição em repartição, auxiliada pela súbita notoriedade que suaviza os funcionários dos serviços e dos bancos. Os amigos que estão a viver no seu apartamento dispuseram-se logo a sair, mas ela recusou. Aterroriza-a voltar ao palco da sua vida feliz. Depois da semana no Hilton, instalou-se num hotel modesto em Montrouge. Não consegue decidir-se a procurar um apartamento, como quando era solteira.

A repartição de finanças do *15.^o arrondissement* fez-lhe um acolhimento digno de um ministro. A diretora proferiu um discurso caloroso, os colegas aplaudiram-na e ofereceram-lhe um «*kit* de regresso à vida parisiense»: uma carteira, um chapéu, umas luvas e um guarda-chuva. Administrativamente, o ano de licença já expirou, pelo que em teoria ela já está fora das listas de pessoal, mas deixaram a sugestão de que o seu caso já fora apresentado superiormente e que abririam uma exceção. Louise não tem a certeza de esse processo chegar a bom termo e, como com o apartamento, tem pouca vontade de regressar ao antigo trabalho. A simples ideia de sair do emprego ao fim da tarde e de não voltar ao número 40, de não esperar pelo tilintar das chaves de Ludovic, de não pegar na carteira para irem jantar sozinhos, tudo isso fá-la sentir de novo aquele vazio insuportável, que a assaltou na primeira manhã no Hilton e que continua a atormentá-la regularmente.

O único episódio desagradável foi a convocatória para se apresentar na esquadra de polícia da zona.

– Lamentamos, minha senhora, mas somos obrigados a recolher o seu depoimento. Como compreende, um homem morreu.

Na realidade, meia esquadra organizou-se de maneira a passar por aquele gabinete e a inquirição foi uma desorganização total. O comissário-chefe, que se encarregou do processo, murmura-lhe as respostas à medida que vai fazendo as perguntas, oferecendo-lhe um café a cada três palavras. Louise nem se lembra verdadeiramente do que assinou. Rasgou o depoimento logo que saiu.

Quando não anda com Alice a correr de um meio de comunicação para outro, passa o tempo com Pierre-Yves. Fecham-se no quarto do hotel e encomendam cafés e águas minerais. Naquele espaço muito menor do que o do Hilton, ela instala-se na cama, amparada pelas almofadas, na sua eterna posição, com as pernas dobradas e os braços à volta dos joelhos. Ele senta-se na única cadeira, virado para ela e a escrever num caderno quadriculado. O verdadeiro instrumento de trabalho é o gravador, um velho *PCM* que arrasta atrás de si há séculos. O adiantamento que negociou com o editor permite-lhe pagar a uma estudante para lhe transcrever as gravações. Pierre-Yves só aponta o que lhe vem à mente à medida que Louise fala: perguntas para lhe voltar a fazer, exemplos ou referências para procurar, pessoas a contactar e, sobretudo, temas que irão estruturar o livro. Ele não pretende que seja uma simples história de aventuras. Desde o início que está convencido de que a história de Louise e Ludovic vai fazer eco em cada leitor. É como um espelho apresentado à sociedade sofisticada que nos rodeia, onde, contudo, o declínio e a penúria espreitam qualquer um. Faz algumas ligações a certas teorias sobre o regresso à natureza, forçado ou voluntário, que hoje estão a ressurgir. Na primeira página do caderno, anotou as ideias principais:

- Ficarem subitamente sós;
- Passar da sociedade da abundância à do nada;
- Acabar isolado na era das comunicações globais;
- Enfrentar uma natureza hostil;
- Reaprender intuições ou gestos ancestrais.

Quando se tenta pôr no lugar deles, é isto que lhe parece mais problemático. Tiveram várias sessões sobre a infância dela, a sua formação, o ambiente em que foi educada. Depois abordaram o porquê da viagem, os preparativos, o seu decurso. Ainda não sabe se tudo isso aparecerá no livro, mas precisa dessa informação para se impregnar das duas personagens.

Porém, mais do que isso, Pierre-Yves gostaria de explorar a relação entre aqueles dois seres abandonados. Depois de ter reunido uma rápida bibliografia sobre naufrágios, percebeu que o que está frequentemente em causa é o estado de espírito no seio do grupo, as hierarquias, as alianças que se estabelecem, os protagonistas que revelam ser anjos ou demónios, os que colapsam psicologicamente, longe de qualquer referência social. É essa matéria que ele quer trabalhar com Louise.

No fundo, o que verdadeiramente fascina Pierre-Yves é haver tanta gente a partilhar o sonho de Louise e de Ludovic: fugir desta sociedade opressiva e apressada, da poluição das grandes cidades, partir em direção à vastidão e à liberdade, reencontrar a natureza e as verdadeiras relações humanas. Ora, ali, essa utopia transformou-se num pesadelo. Gostaria de compreender. Foi por culpa deles? Não foram merecedores de atingir esse sonho, ou, dadas as suas origens, nunca tiveram hipóteses de o conseguir? A sociedade da abundância terá anulado neles alguns reflexos indispensáveis?

Por um instante, pergunta-se se não experimentaria também ser largado numa ilha deserta durante algum tempo, só para ver como seria. Mas o exemplo da mulher em sofrimento diante de si dissuade-o logo.

Para Louise, aquilo que parece um mero desabafo torna-se uma terapia. Pela primeira vez na vida, encontra-se no centro, como elemento essencial e não como uma peça adicional. Até agora, só Ludovic lhe tinha realmente prestado atenção. Através da mediatização, o olhar pousado nela é positivo, mas superficial. Ali, diante de Pierre-Yves, no confinamento daquele quarto austero que se assemelha ao consultório de um psicólogo, tem a sensação de existir de verdade. A vida dela vai decorrendo, vai sendo posta em perspetiva. Louise não encontra nela o sentido da aventura por que passou, mas pelo menos encontra a ordem, o encaixe das peças do *puzzle* que a conduziu até lá.

Pierre-Yves, à espreita, anota os temas que lhe alteram a voz, como no primeiro dia, quando falara com ela ao telefone a bordo do *Ernest Shackleton*. Esses são outros tantos temas sensíveis, aos quais tenciona voltar mais tarde. Não quer perturbá-la, muito menos magoá-la. Ela já teve a sua conta.

Questiona-se, cinicamente, se poderia envolver-se com ela de um modo romântico. Às vezes, Louise é comovente, frágil, toda encolhida em cima da cama, com os olhos verdes perdidos algures e um raio de sol de

novembro na franja escura a pôr em relevo a sua pele branca. Não, de maneira nenhuma. Sente-se sobretudo como um irmão mais velho. Se lhe apetece abraçá-la é para a consolar da perda de Ludovic, que ele bem sabe irreparável, para a preservar deste mundo cruel que provavelmente a porá de lado quando os programas do horário nobre se cansarem dela. Um pintor pode apaixonar-se pelo modelo que vai glorificar, mas ele, Pierre-Yves, quer acima de tudo dissecá-la, observar à lupa aqueles oito meses catastróficos para retirar daí algumas verdades intangíveis.

Louise não teve dificuldade em contar-lhe a briga entre os dois quando apareceu o Cruise Ship e todas as suas pequenas discórdias. Também lhe relatou as emoções partilhadas, os gestos de solidariedade mútuos, as conivências, e tudo isso faz contrapeso. Em suma, os dois viveram uma relação de casal normal, alternando bons e maus momentos, simplesmente exacerbada pela situação. O único episódio que continua sem poder referir é o da primeira viagem de ida e volta. Pierre-Yves farejou uma peripécia secreta ao vê-la torcer as mãos de modo pouco habitual, quando lhe explicou que se fora embora depois de ele morrer. O jornalista acabou por atribuir essa atitude ao sofrimento decorrente de recordar a agonia do companheiro. É tudo plausível: ficar no «número 40» era impensável depois desse falecimento e por isso ela parte numa aventura um pouco suicida, e encontra por acaso a estação de pesquisa. Então, porque é que ele anotou no caderno que vão ter de voltar a falar dessa viagem?

Louise não consegue explicar a si mesma por que razão passa em silêncio esse episódio, mesmo falando com um homem no qual deposita total confiança. Invade-a uma vergonha brutal que lhe paralisa o cérebro quando tenta pensar nisso. Teria de deixar registado que traíra o seu amor, que traíra os seus sonhos infantis de justiceira, que traíra a sua própria humanidade. Quanto mais fala da sua aventura sem mencionar esse episódio, mas indizível ele se torna. Revelá-lo agora seria catastrófico. Desde que regressou, tem vivido de todo um investimento de imagem e de simpatia que lhe serve de sustento para voltar a pôr a vida a funcionar. Ser tratada como uma heroína abre imensas portas. Mas uma heroína não tem o direito de cometer erros. Tem de ser pura, perfeita, inatacável. Voltar a esse episódio desestabilizará tudo o resto e semeará a dúvida.

Por momentos, à força de narrar uma realidade truncada, acaba por cair na negação. Como é que aquilo tudo aconteceu? Ficou assim tanto tempo na

estação de pesquisa, antes de voltar ao «número 40»? Vendo bem, não contou os dias. Ludovic não teria cometido alguma imprudência, sozinho, como o provavam as nódoas que tinha nas pernas? Não haveria ali culpa dele?

Muitas vezes, quando acham que já trabalharam demasiado, saem de braço dado para irem beber um copo. O barulho das máquinas de café e dos pratos a serem empilhados, os vidros embaciados a atenuarem a paisagem urbana, o cheiro dos casacos húmidos: Louise entrevê aí a vida que gostaria de ter. Com as cervejas à frente, parecem um qualquer casal que se encontra depois de um dia de trabalho.

É o que Louise queria: voltar a ser normal. Mas uma heroína não é normal.

Hélène telefona finalmente. Louise começava a ter esperança de que o telefonema nunca fosse acontecer. De que Ludovic ficaria nas Malvinas, no pequeno cemitério cheio de goivos que ela viu de relance. Mas afinal não, a trapalhada administrativa acabara por se resolver.

– O funeral vai ser na quinta-feira. Encontramo-nos em nossa casa às 10h00. Enviei-te uma lista das pessoas de que me lembrei e que sei onde vivem. Por este andar, vamos ser uns cem, mas se vires que me esqueci de alguém, acrescenta! Eu não conhecia os vossos amigos todos.

Hélène fala com uma voz átona. Dá a impressão de que pouco quer saber de possíveis convidados de Louise. É o filho dela que vai ser enterrado, não o companheiro de Louise. De qualquer modo, esta última não tem vontade nenhuma de se envolver no assunto.

Está bom tempo no cemitério. A luz branca do início do inverno faz reluzir as lajes de granito. Louise apercebe-se de que lhe sabe bem voltar a estar ao ar livre. Desde que regressou, fugiu de tudo o que pudesse lembrar-lhe a natureza, recusando até os convites de Pierre-Yves para passearem no parque Montsouris. Quando não estava nem com ele nem com Alice, ficava refastelada no quarto diante da televisão. Não queria voltar a sentir o vento, a chuva ou, sobretudo, o frio.

Estão todos ali, os próximos e os mais afastados, os colegas de escola que se lhe apresentam, pois ela nem sequer os conhece, uma fila inteira de ex-namoradas, Phil, Benoît e Sam, que vieram essa manhã dos Alpes, as famílias dos dois, Pierre-Yves, Alice... O ambiente, animado pelo sol, está no cruzamento entre um enterro, uma reunião mundana e um reencontro de velhos amigos. Há quem esconda uma lágrima, quem se abraça com força, mas há também exclamações por se encontrar este e aquele e há até risos ao evocar-se uma recordação comum.

Quando viu o caixão, Louise quase desmaiou. Só ela pode imaginar o que está lá dentro. Bem diferente do corpo de atleta que todos conhecem, devem ser agora só destroços e farrapos. Lembra-se repentinamente do episódio das ratazanas quando foram caçar pinguins à baía James e

sobressalta-se como se uma delas fosse fugir a sete pés de dentro do caixão, com o pelo húmido de sangue e de fluídos. O caixão foi selado para o transporte internacional, pelo que nem Jef nem Hélène tiveram o direito de o abrir.

No momento em que é descido para a cova, Louise dá por si a pensar com alívio: «Leva o meu segredo consigo para o túmulo.»

Pronto, acabou tudo, ele descansa em paz, segundo a fórmula consagrada, e agora também ela vai poder fazê-lo.

O ritual é rápido. Os pais de Ludovic, ateus convictos, não quiseram uma cerimónia religiosa, mas pediram aos participantes que no final fossem a casa deles, para um momento de recordação. Cada um preparou um poema, uma pequena história, a gravação de uma canção de que ele gostava, algumas fotografias.

Louise percebe então que a paz não é para ela. Cada evocação de Ludovic mortifica-a e ela chora tanto que os amigos de Ludovic ainda pensam interromper o memorial. Aquela torrente de amizade, de amor e de solicitude deixa-a aniquilada, quando devia consolá-la. Cada palavra que é pronunciada deprime-a ainda mais profundamente. Já só tem uma obsessão: não disse a verdade, traiu aqueles amigos. Se tivesse assassinado Ludovic com as próprias mãos, não se odiaria mais.

Alice e Pierre-Yves assistem inquietos à desagregação da sua protegida e decidem, de comum acordo, tirá-la de junto daquelas pessoas.

– Paciência para os pais, alpinistas e companhia. Se ela fica aqui, vai acabar amanhã no hospital psiquiátrico – determina Alice. – Vamos tomar um chá a minha casa e mudamos de assunto.

A casa de Alice, no 19.^o *arrondissement*, é um bonito apartamento decorado com bom gosto. Não muito grande, pois trabalhar como *freelance* não é nenhum tacho. Está repleto de objetos insólitos, desemparelhados, coleções de corujas de todos os tamanhos, filas de bonecas com trajes folclóricos, máscaras africanas, quadros, fotografias penduradas às três pancadas com fita-cola ou pioneses. É difícil ver a cor do papel de parede debaixo da avalanche de prateleiras e de móveis, mas é exatamente daí que ressalta, visível, a vitalidade na sua proprietária. Aquela barafunda permite a Alice desfiar história após história acerca de cada objeto. Pierre-Yves fica preocupado, a pensar se não será precisa uma semana inteira para tudo ser comentado, mas o rosto inchado de Louise incita-o a subir a parada. Por sua

vez, ele lá conta as desilusões dos seus primeiros tempos no jornal, os tiques dos colegas, os escândalos da famosa Marion, a ruiva encarregue das páginas de cultura.

O chá de jasmim está perfeito, os *macarons* da casa Ladurée são excelentes. Dir-se-ia um fim de tarde entre amigos, para afastar para longe o anoitecer rabugento do inverno e, sobretudo, a terra remexida do cemitério de Antony.

– Menti-lhes.

Louise articulou a frase em voz baixa, aproveitando uma pausa na conversa. Seguiu-se um silêncio embaraçado. Os outros dois tentam fazer de conta que não ouviram nada.

– Menti, menti-lhes a todos. Não foi assim que aconteceu. – A voz dela fica muito aguda, como uma criança a querer que os adultos a oiçam.

A mão de Alice imobiliza-se no ar, sem levar a chávena à boca, e ela faz uma careta. Aquele tom de voz não augura nada de bom. Pierre-Yves é o primeiro a reagir. É essa a sua profissão. Por pouco não pegou no caderno quadriculado.

– Que estás a dizer, Louise? Quando é que mentiste? Sobre quê?

Louise baixa o rosto. Não pode olhar para eles. Eram seus amigos. Agora vão odiá-la. Não conseguiu resistir, foi mais forte do que ela. Naquele apartamento simpático, com aquelas duas pessoas que a apoiam desde que regressou, devia sentir-se mais protegida do que nunca. A página sobre Ludovic acabou de ser virada e não haveria mais nada que pudesse vir a atormentá-la. É justamente o fim da ameaça que a faz enfrentar a situação: enquanto carregar sozinha aquele fardo, nunca há de conseguir recompor-se.

«O olho no túmulo olhava Caim»¹², tinha ela balbuciado na escola.

O olhar que a persegue agora é o que provinha daquele monte de farrapos, há já tantos meses, e que ainda a assombra. Não pode esquecer aquele rosto infinitamente cansado, surpreendido e aliviado por vê-la, mas sobretudo um rosto de uma indizível tristeza. Louise não saberia dizer se era resultado do abatimento da morte ou da traição. Não consegue ficar sozinha com esse olhar.

E então desabafa tudo. Sem tentar explicar o inexplicável, articulando apenas as palavras umas atrás das outras, tentando reproduzir o encadeamento dos factos em bruto.

Segue-se um longo silêncio, seja por os outros dois esperarem mais revelações, seja por estarem a refletir, vendo a escuridão tomar conta das janelas.

É Alice que quebra aquela prostração. Levanta-se, vai sentar-se junto de Louise e passa-lhe o braço pelos ombros, como gosta de fazer.

— Minha querida, é isso que te tortura? Mas fizeste bem, Louise. — Espera alguns segundos para ter a certeza de que foi compreendida. — Sim, fizeste muitíssimo bem, sem dúvida nenhuma. Tudo o que disseste de Ludovic desde o início vai nesse sentido. A certa altura, ele desistiu, deixou de lutar. Nesse dia, ficou doente e, quer te tivesses ido embora quer não, o destino dele estava traçado. É horrível de se dizer, mas tu não tiveste nada a ver com isso. — Respira profundamente antes de continuar: — Já te disse que um dos meus irmãos se suicidou. Há anos que andava mal. Depois de uma história nojenta de assédio no trabalho, já não vivia, já não lutava. O meu outro irmão, a minha mãe e eu fizemos tudo o que pudemos. Levámo-lo de férias, acompanhámo-lo durante os tratamentos, apresentámo-lhe amigas. Até fui viver para casa dele durante algumas semanas, para o distrair, para falar com ele, para lhe implorar. Não serviu de nada. Tu fizeste o que era preciso, salvaste-te a ti.

Pierre-Yves apercebe-se então de que aquele é o elemento de que andava à procura desde o início, aquilo que tinha farejado. Ali está: o confronto primitivo com a vida, o confronto que leva alguém a agir para lá de qualquer código e de quaisquer regras, e mesmo para lá dos próprios sentimentos. Aquela confissão de Louise torna-se a viga-mestra da sua obra. Com aquilo, a história dela ganha uma dimensão universal.

Louise desata a chorar. Encolheu-se toda em posição fetal no sofá. É impossível saber se ouviu, e ainda menos se compreendeu, as palavras tranquilizadoras de Alice. Os soluços atropelam-se tanto que ela quase fica sem respirar. Soluça, geme, sufoca, como se a garganta não fosse suficientemente grande para deixar sair aquela torrente de tensão, misturada com medo e desgosto. Os outros dois ficam desconcertados com tanta violência. Alice pausa-lhe de novo a mão no ombro, com um impotente «Pronto... pronto... pronto...».

Pierre-Yves murmura:

— Bem, parece-me que ela tem de ir descansar. Podes tomar conta dela esta noite? Está incapaz de regressar ao hotel. Tens sítio para ela dormir?

Coitada! E pensar que andou a guardar isto tudo na consciência desde o início.

Alice dormiu no sofá. Conseguiu despir Louise, que se abandonou como uma boneca de trapos e adormeceu profundamente, tanto por efeito do medicamento que lhe deu como por causa da exaustão nervosa. Amanhã bem cedo, Alice vai telefonar a Valère, o psicólogo a que já recorreu antes para gerir as crises dos clientes.

*

São quase dez da manhã. Louise acaba de acordar, muito inchada. Tomou duas aspirinas e outros tantos cafés e está agora a morder um *croissant*. Pierre-Yves chegou, com flores na mão. Traz o mesmo casaco de xadrez que usava no primeiro encontro em Londres. Essa visão sobressalta Louise, fazendo-a voltar à realidade. Durante alguns momentos, conversam prudentemente sobre a cor das flores que Pierre-Yves trouxe e sobre o tempo horroroso que ensombra o céu. Estão todos a esquivar-se às revelações da véspera, com receio de despoletar uma nova crise, mas não pensam noutra coisa.

Finalmente, Alice começa:

– Como te sentes, Louise? Esta manhã, liguei a um amigo meu, o doutor Valère. É uma pessoa impecável, um psicólogo. Está disposto a receber-te quando quiseres, para te ajudar. Ou, se preferires, uma amiga minha tem uma casa na região do Luberon e empresta-nos a chave. – Louise suspira, o que Alice interpreta como sendo um sinal de concordância. Por isso, continua: – Repito-te o que já disse ontem: fizeste bem. Qualquer pessoa sensata faria o mesmo que tu...

Não tem tempo de prosseguir. Pierre-Yves aproveita a ocasião:

– A casa no Luberon é uma ótima ideia! Eu vou com vocês. Vamos estar lá os três sossegados e poderemos recomeçar o livro a partir do zero. – Passou grande parte da noite a trabalhar e sente-se entusiasmadíssimo, como raramente lhe acontece. Agora já sabe que a primeira viagem de ida e volta de Louise é o clímax, o *crux*, como dizem os alpinistas, da história. Voltou a olhar para as anotações todas e verificou que tudo se encadeava até chegar àquele episódio. Está pronto para explicar as tentações e as repressões que se confrontaram na cabeça daquela mulher abandonada e

impotente. De um lado, o amor e o humanismo, do outro, o instinto de sobrevivência.

– Não nos chateies com o teu livro. A Louise precisa de férias e de se afastar.

Pierre-Yves tenta ser conciliador:

– Muito bem, nada de preocupações. Vamos dar uns passeios, a Lourmarin, a Gordes, a Bonnieux. Conheço restaurantes excelentes nessa zona e nesta altura do ano vamos estar sossegados como reis. Não te preocupes, mãe-galinha, não vou dar cabo do teu pintainho com trabalho. Mas temos de entregar a primeira versão daqui a um mês. Não podemos adiar muito a publicação e agora, que tem de ser tudo revisto, não nos vai faltar que fazer. Eu posso encarregar-me da maior parte, mas ainda preciso da Louise para me explicar alguns pontos. E temos de ver os três como se há de tratar do anúncio.

– Qual anúncio?

– Quando repusermos a verdade dos factos. Acho que é melhor fazê-lo antes da saída do livro.

– «Repor a verdade dos factos»! – Alice lança-lhe um olhar furioso. – Mas tu achas que és o Procurador-Geral da República? Estás no tribunal? A Louise contou-nos uma coisa porque tem confiança em nós, não é para a apregoar aos quatro ventos.

– Talvez, mas agora que o sabemos não podemos fazer de conta que não é nada. Vou ter de falar disso no livro.

É uma questão tão evidente para Pierre-Yves que a reação de Alice o apanha desprevenido.

– O teu livro que se lixe! – Alice endireitou-se no sofá, como se fosse atacá-lo. Louise, que sempre a vira sorridente e com um ar descontraído, fica perturbada ao ver-lhe os olhos brilhantes e as faces coradas. – Não me digas que tencionas denegri-la! E com que direito? Sabes o que acontece, se o contares? Apunhalas a Louise pelas costas! Sabes perfeitamente como é esta gente da imprensa. Fazes parte dela e eu também. Vivemos disso todos os dias, destas histórias, destes segredos revelados.

– Mas vai acabar por haver fugas de informação! – protesta Pierre-Yves. – A Louise contou-nos agora, mais tarde pode contá-lo a outras pessoas. Ao contrário do que dizes, compete-nos organizarmo-nos para tudo correr pelo melhor. Estamos em vantagem, podemos aproveitar.

– «Correr pelo melhor»? Estás a gozar comigo! Vai ser o anúncio da ruína da Louise, sabes isso perfeitamente! Quanto mais a adularam, tanto mais a vão destruir. E ainda mais maldosamente, pois vão todos achar que andaram a engolir patranhas. Ela não vai ter nem um minuto de descanso. Vão contactar os pais do Ludovic para os apoiarem e ela vai ser acusada de omissão de auxílio a pessoa em perigo. É isso que queres? Diz-lhe, Louise!

Louise emudeceu. Voltou a encolher-se no meio das almofadas e ouve-os a discutir. Ontem, sentira-se aliviada por confessar tudo. Esta manhã, abre-se diante dela um novo abismo. Vai ter de pagar. A solução de Alice não a tranquilizou. Irão de facto persegui-la? Lá se vão as amabilidades da padeira, dos animadores televisivos indulgentes, de pessoas que se desfazem em atenções para a ajudar. Num segundo, vêm-lhe ao espírito capas de revista a chamarem-na «traidora», «mentirosa», «mitómana», juntamente com a mais horrível das fotografias, na qual ela aparecerá com um olhar esquivo. Percebe agora que não tinha medido bem a amplitude das consequências. Sente-se tomada pela vulnerabilidade. O seu destino já não depende dela, mas daqueles dois seres, supostamente seus amigos, que estão já a discutir. Por isso, fica calada, alisando obstinadamente o braço do sofá.

Alice compadece-se daquele silêncio e acalma-se um pouco. Também não tem vontade nenhuma de entrar em conflito com Pierre-Yves. Respeita-o. Ele deu-lhe aquele trabalho. Por isso, muda de estratégia.

– Ouve, daqui a um mês faço-te gratuitamente o plano de comunicação para preparares o teu livro, está bem? Já falei com todas as cadeias francófonas e anglófonas, da *Télérama* à *Voici*, da France Culture à BFM. A Louise é uma heroína, toda a gente a conhece, toda a gente gosta dela, e eu não me admiraria se ela figurasse na próxima lista da Legião de Honra. Lutou imenso, fez coisas incríveis. Nem eu nem tu faríamos sequer um terço disso, pois não? E agora queres estragar tudo por causa de um pormenor de que ela não falou e que, aliás, não muda nada na história. Sabes perfeitamente que essas pessoas todas que estavam a ver televisão enquanto ela morria de fome vão achar-se no direito de fazer comentários, de a julgar. E vai ser mesmo nojento, pois elas nunca percebem nada. Twitter, Facebook, os frustrados todos da Terra vão ter uma opinião e é tão bom destruir alguém que já adorámos! – Alice esforça-se agora por recuperar o tom mais leve e profissional que a caracteriza. – Na próxima

semana, a Louise tem uma entrevista para fazer uma audição com Miromont. Se correr bem, pode vir a ter um primeiro pequeno papel. Tenho a certeza de que vai correr bem... talvez ele fique interessado em fazer a adaptação do teu livro. Que achas? Mas atenção, ele não vai fazer nada por uma rapariga que passe por falsa ou por mentirosa.

Pierre-Yves pensa de outra maneira. «Falsa», «mentirosa», são apenas palavras. A ele, o que o entusiasmo é o confronto com a realidade.

– Bom – diz Pierre-Yves, num tom falsamente ponderado –, parece que não estamos no mesmo comprimento de onda. Eu penso de outra maneira. O que a Louise nos disse tem uma força incrível e isso ainda vai interessar mais o público. Não me parece de modo nenhum que a vão demolir. – Finge estar à procura das palavras certas. – Tu trabalhas em comunicação, eu trabalho em jornalismo. Tenho uma informação, compete-me transmiti-la. Não te preocupes, eu sei pôr as coisas em perspetiva e, acima de tudo, não quero fazer mal à Louise. Sabes isso, não sabes, Louise? – diz ele, interpelando-a por sua vez e também sem obter resposta. – Para ser sincero, desde o início que pressentia alguma coisa estranha nessa história. Tenho bastante faro – acrescenta, baixando modestamente a voz. – Por isso, agora vamos recomeçar do princípio. Louise, continuamos a ser uma equipa, mas peço-te que nunca mais me escondas nada!

– Faro! Perspetiva! – Alice explode de novo. – És como os outros, um tipo que só pensa em si mesmo. O teu fantástico faro consiste em atacar uma rapariga que não pode defender-se. Metes-me nojo! E ainda por cima insinuas que ela também te mentiu sobre outros factos? Porque não assassinar discretamente o namorado e afundar o barco, já que estamos aí?

– Eu não sei nada do que aconteceu, só a Louise é que sabe.

– Filho da mãe!

Pierre-Yves levanta-se de um salto.

– Vá, chega de chamarmos nomes um ao outro. Estamos todos a precisar de calma. Louise, eu ligo-te amanhã para falarmos melhor, e não te preocupes, não vai haver nenhuma consequência infeliz para ti.

Pega rapidamente no casaco e sai, deixando as duas mulheres desconcertadas no sofá. Alice puxa outra vez Louise para si.

– Minha pobre querida, não precisavas de ouvir isto. Aquele imbecil não percebe nada. Já te disse, não é o primeiro episódio deste género por que passo. Continuo a ser perseguida pela ideia de que podia ter impedido o

meu irmão de se matar. Mas todos os psiquiatras sabem que o instinto da vida não se transmite. Tu e eu temos esse instinto, eles não. É terrível, mas é verdade. Ouve, amanhã tens de dizer a esse jornalista de pacotilha que te enganaste, ou que disseste uma coisa qualquer porque não te estavas a sentir bem depois do funeral, que te culpabilizavas por não teres salvado o Ludovic e que inventaste tudo. De qualquer modo, ele não pode provar nada e também não lhe interessa fazer a menor alusão seja ao que for, pois pode vir a ser alvo de uma queixa por difamação. Não vai correr esse risco e, se for preciso, eu testemunho a teu favor e tu ganhas. Aconselho-te verdadeiramente a desistir do seu célebre livro; eu ajudo-te a conseguires anular os contratos. – Respira profundamente e abre-se de novo num sorriso. – Tens de me prometer que nunca mais vais falar dessa história com ninguém. Ou então só a um psicólogo, se te ajudar. Já te disse que tens um à disposição e aí podes contar com o sigilo profissional. Vá, promete.

Segura o queixo de Louise com a mão e ergue-lhe a cabeça, como se costuma fazer com as crianças para as levar a prometer alguma coisa. Por um segundo, fica angustiada ao ver o olhar vazio dela, as pupilas ausentes, absortas num sofrimento íntimo.

Conhece esse olhar. Cruzou-se com ele muitas vezes, há três anos. Era o olhar do irmão.

¹² Verso de Victor Hugo que a generalidade dos alunos franceses conhece. [*N. da T.*]

Louise deu cabo de tudo, estragou tudo, perdeu tudo. Ludovic morreu e ela não tem emprego, nem casa. Os seus dois melhores amigos neste momento acabaram de se zangar por culpa dela. Tem o futuro em frangalhos. Vai ter de dizer adeus ao cinema. A terra inteira vai erguer-se contra ela e até levá-la a tribunal. A solução de Alice não resolve nada, pois o que ela lhes contou foi a verdade, a verdade que a atormenta há meses. Sabe perfeitamente que nunca mais a calará.

Ainda não é meio-dia quando chega ao hotel. Despe-se, toma dois comprimidos para dormir, observa a caixa dos medicamentos durante um longo momento e depois vai-se deitar, com a televisão acesa. É a sua maneira de não pensar.

A manhã seguinte abre-se magnífica. Um bom vento do norte afastou as nuvens. Louise observa a janela durante muito tempo, sem saber muito bem onde está, nem que horas são. E então volta tudo. Não se mexe, está à espera não sabe de quê. Passam dois pássaros, que lhe parecem patos-bravos, pouco habituais no céu de Paris, a caminho de alguma obscura migração ditada pelo instinto. Uma luz insinua-se-lhe no espírito. Vai imitá-los: partir, ou antes, fugir, deixar para trás aquele labirinto indestrinçável, desaparecer, desta vez para sempre.

Tomada por uma súbita urgência, levanta-se sem perder tempo a tomar banho, deixa as roupas no armário, pega apenas no computador e no telemóvel e desce para pagar a conta.

Já está na rua, a correr para o metro: Montrouge, Montparnasse, o autocarro da Air France em direção a Roissy, como se fosse uma viajante normal a caminho de um verdadeiro destino. Ao chegar ao *hall* do aeroporto, consulta o enorme quadro das partidas nas próximas horas. Sempre adorou aquela sensação de ter o mundo ali, ao alcance da mão: Lima? Esteve para ir lá de férias, mas o grupo de amigos acabou por achar que o bilhete era demasiado caro... Porque não? Já Auckland é mesmo no fim do mundo, tudo aquilo de que ela precisa! Mas os dois voos estão completos. Tenta também Vancouver e o Taiti, mas sem resultado. Vira-se

para Glasgow. Menos extremo, mas ela tem pressa e quer partir já. Recordasse de uma escapadinha ao Ben Nevis, o ponto mais alto da Escócia, com os inseparáveis Phil, Benoît e Sam, da charneca que cheirava tão bem e, lá do alto, de olhar para o maravilhoso emaranhado das ilhas. No início do inverno não deve haver por lá vivalma.

Num último impulso, para tranquilizar a consciência, envia uma mensagem coletiva, misturando os pais, Pierre-Yves, Alice e os amigos do número 40:

«Estou a precisar de férias. Vou estar fora durante umas semanas, num sítio provavelmente sem Internet nem rede de telemóvel. Não se preocupem, estou bem. Beijinhos. Louise.»

Espera que seja suficiente, mas acrescenta um SMS especial para Alice:
«Estou MUITO bem.»

*

Não há lugar mais lúgubre do que Glasgow em dezembro. Só as decorações de Natal é que põem alguns reflexos amarelados nas fachadas austeras. Não se demora, fica só o tempo necessário para arranjar um saco e algumas roupas nos armazéns Debenhams, antes de procurar um hotel, um alojamento, qualquer coisa, desde que num destino muito sossegado. Aldraba o funcionário do posto de turismo: escrever um livro, necessidade de concentração, de isolamento.

– Ah, sim, claro – responde ele. – Temos a ilha de Mull ou de Skye, com aldeias muito bonitas, acessíveis por *ferry* todos os dias... Ou então Islay, a pátria do *whisky*... Pode ajudar à inspiração – arrisca o funcionário, muito sério. – Mais longe? Mais desterrado? – O rapaz pergunta-se que romance *noir* precisará de tal ambiente. – Talvez Jura, duzentos habitantes, só um hotel, mas tenho de verificar se está aberto nesta altura do ano... Não tem Internet, mas há rede de telemóvel, claro... Falésias diante do Atlântico, a corrente mais forte da Europa, a fazer ferver o mar, é espetacular... – O empregado está finalmente a fazer o seu trabalho. – É uma hora e meia de comboio até Clachan, depois tem de apanhar dois *ferries*, um a seguir ao outro, o primeiro para Islay e o outro para Feolin, o pontão da ilha de Jura.

Perfeito! Louise lança-se à aventura com a sensação de estar em plena perseguição policial: autocarro até à estação, comboio, *ferries*, quanto mais irregular se torna o trajeto e mais rasteira e deserta fica a paisagem, melhor

ela se sente. Quando o último barco acosta num velho cais de betão, já respira mais à vontade.

O dono do hotel, Mr. Terence, um homem vermelhusco e de pernas curtas, perfeitamente adaptado ao forte vento local, vem buscá-la a Feolin num 4x4 que já viu melhores dias. Chove a potes e o carro baloiça sob a força das rajadas. O condutor, imperturbável, comenta os meandros da única e má estrada, quase invisível através do para-brisas embaciado, da cortina de chuva e da noite que está a cair.

O quarto com papel de parede amarelecido, a manta de croché, a pequena secretária de fórmica a imitar madeira, tudo cheira a uma humidade que nunca há de desaparecer. Como acontece muitas vezes nos países do Norte, lá dentro está quentinho. Louise abre o saco, como se fosse um marinheiro a regressar ao porto.

Dá uma última olhadela às mensagens do telemóvel. Pierre-Yves deve estar irritado. Deixou-lhe uma grande quantidade de mensagens, tal como os seus pais, que ele deve ter contactado para tentar descobrir onde está ela. Louise desliga o telemóvel sem ler nada, arruma-o juntamente com o computador no armário antigo e mete-se na cama. Sem o ter premeditado, inicia uma cura de sono. Fá-lo espontaneamente, como uma maneira de eliminar por fim a tensão desumana que não a largou desde aquele dia, há já tanto tempo, em que ela e Ludovic foram em busca de um lago seco numa ilha perdida.

Forneceu aos seus hospedeiros a mesma história de uma escritora a precisar de tranquilidade. Levanta-se às nove da manhã, engole as torradas pinceladas com compota de mirtilos caseira, uma pratada de ovos com *bacon* e feijões cobertos por um molho de tomate insípido e, no fim, com a desculpa da inspiração, volta para o quarto. A cama atrai-a fisicamente; aconchega-se toda e sente verdadeiro prazer ao puxar o edredão até ao queixo, soltando sonoros suspiros de contentamento. Mesmo depois de uma boa noite de sono, adormece de novo profundamente, como se continuasse a sentir um cansaço lancinante. O sono produz nela o mesmo efeito terapêutico que num estado gripal. Enquanto dorme, parece-lhe que se estabelecem conexões misteriosas e benéficas, que vão sarando pouco a pouco as feridas que tem na alma.

Volta a aparecer à uma da tarde, fingindo ter trabalhado muito, para comer um prato de carnes frias com maionese. Depois, enfia a *parka* que

comprou em Glasgow e sai durante três horas, e passa a fazer isso todos os dias, faça o tempo que fizer. Agora já não tem medo do frio e do vento. Podem enfurecer-se quanto quiserem, deixá-la encharcada, embriagá-la, sacudi-la. Quando estiver farta, os Terence estarão ali, com «*tea and scones*», que a senhora faz tão bem. Louise regressa então ao quarto aquecido, à cama, à sua toca, para fazer uma sesta até ao jantar, se assim lhe apetecer. Já não tem medo de nada.

Nas duas primeiras semanas, conforme faça chuva ou faça sol, dependendo de se sentir turbulenta ou tranquila, passeia pela costa a favor ou contra o vento. As pequenas árvores sem folhas e as ervas ressequidas pelo inverno parecem-lhe refletir a sua própria disposição interior. Também ela aguarda a primavera.

Caminha depressa, deixando os fetos e o tojo do caminho molharem-lhe as calças. Para regularmente para observar um corvo-marinho imóvel a secar as asas, como se tivesse a eternidade diante de si, ou um barco de pesca a zaragatear na espuma. O ar fresco inebria-a e relaxa-a, desprendendo as coisas emudecidas no mais fundo de si. Agora já deixa vir à tona até as visões mais mórbidas, pois, ali onde está, já não tem receio delas. Pode gritar ao vento, que ninguém que pudesse fazer mau uso das suas palavras a ouvirá.

Vai caminhando e a mecânica física parece voltar a pôr a funcionar a mecânica mental. Nesta terra simples, de charneca e de borrascas, Louise recupera aquela sensação que experimentara tantas vezes na montanha: o corpo e o espírito a formarem um só. Cada passo ganho na lama dos caminhos, cada respiração conquistada contra o vento estimulam nela, quase sem que se aperceba, novas reflexões. Vai ficando mentalmente desenferrujada e compara-se àquelas ferramentas abandonadas que ela e Ludovic tinham recuperado a custo e com árduo esforço para consertarem o barco baleeiro. Refletir assim, livremente, é coisa que não se pode fazer na imobilidade de um quarto. É ao ritmo dos músculos que os seus neurónios se purificam.

Deixar de lutar contra os próprios pensamentos é um alívio infinito. Louise regressa ao hotel saciada, com os olhos a brilharem do vento e o coração cada vez mais em paz, pouco a pouco.

Um dia, aproveitando uma aberta, quis ir até à extremidade da ilha. Mr. Terence transportou-a amavelmente ao longo dos trinta e cinco quilómetros

que separam a aldeia de Craighouse do célebre Corryvreckan, a estreita passagem entre as ilhas de Jura e Scarba, mais a norte.

– Continue por esse caminho durante uns quarenta e cinco minutos e vai ter à velha quinta de Barnhill; depois, atravessa pela charneca para norte. Atenção às rajadas de vento, que a podem atirar da falésia abaixo. Eu tenho coisas para fazer, mas venho buscá-la por volta das quatro da tarde.

Aberta às ondas do Atlântico de um lado, recolhendo o escoamento dos grandes *lochs* costeiros do outro, a passagem é constantemente atingida por correntes furiosas, que podem atingir até nove nós. Para complicar a conjectura, uma ilhota precisamente no meio torna a passagem ainda mais estreita e agressiva. Mesmo com tempo calmo, parece que há ali marmitas gigantescas a ferver. O funcionário do posto de turismo não tinha mentido.

Naquele dia, o vento de oeste ainda é forte e a corrente que desce vai em sentido contrário. Ambos se combatem sem dar tréguas. O mar enlouquece sem saber a qual dos senhores obedecer: o vento ou a corrente. As ondas rebentam em todos os sentidos, elevam-se como géiseres e voltam a cair em cima do rochedo solitário ao centro, submergindo os seus trinta metros como se estivessem a saltar ao eixo. O oceano sacolejado vai do cinzento ao verde translúcido e arrasta pedaços de espuma amarelada. Quando o sol espreita entre as nuvens, aparecem dezenas de arcos-íris, ao sabor das neblinas. Reina uma sensação de ferocidade primordial, um poder bruto exercido por algum grupo de demónios. Mais terríveis ainda são o barulho, o rugido furioso, os assobios, o bramido daquelas águas que espumam de cólera, como se estivessem atrasadas para algum encontro.

Louise tem momentos de quase recolhimento perante aquele estrondo. A natureza, mais uma vez, como em Stromness, é sempre a mais forte. Nas contracorrentes ao longo da falésia, vê ramagens e folhas aglomeradas a formarem pequenas ilhotas maltratadas pelas ondas. Estão a dançar, deixando-se atirar para todas as direções. Logo que parecem finalmente ir encalhar algures, uma onda pega nelas e volta a atirá-las para a batalha. Louise quase vê nisso tudo uma alegoria dos últimos meses. Ela foi essa coisa insignificante, sacudida ao sabor das circunstâncias, incapaz de acostar. Sonhava voltar às águas calmas, a uma corrente tranquila que a levasse, como aos seus semelhantes, para um quotidiano monótono. E, subitamente, desata a rir, perante a banalidade da comparação. Ri-se de si mesma, sem segundas intenções, o que não lhe acontecia desde a primeira

noite no Hilton. Fora já há tanto tempo! De resto, não é o mesmo riso. O outro era nervoso, tenso, contrafeito; o de hoje parece-lhe mais livre, mais aliviado, pois agora, precisamente, ela já não está no centro da batalha. Está na margem, abrigada, e tudo aquilo é apenas um espetáculo.

*

As suas quinze horas de sono diárias vão-se encurtando. Para se ocupar, vai à sala buscar livros de bolso com a lombada esfarrapada, *Jane Eyre*, *A Ilha Misteriosa*, o que lhe vem parar às mãos dentro da escassa oferta do hotel. Começa também a desenhar a lápis, como gostava de fazer na adolescência, e percorre a charneca com um caderno de má qualidade que Mr. Terence descobriu na arrecadação. Aqui, vive-se do que se tem ou então improvisa-se até chegar o barco com as encomendas de Islay e do continente.

Este despojamento contribui para a sua redenção. Não vale a pena massacrar a cabeça, basta pegar no que aparece e abandonar-se ao dia a dia.

Louise tagarela cada vez mais com Mrs. Terence, que aquece o reumatismo junto do aquecedor elétrico, tão vermelhusco como uma fogueira falsa. A boa senhora tem muito orgulho no facto de George Orwell ali se ter alojado para escrever *1984*. Antes de comprar a quinta de Barnhill, passou algumas semanas no hotel, que pertencia à mãe e ao padrasto dela. Lembra-se daquele homem sombrio, da sua figura alta e magra e dos seus olhos tristes. Não sorria nem sequer para ela, uma menina ainda muito pequena. Não admira que tenha escrito aquele livro tão terrível, que lhe provocara pesadelos quando chegara à idade de o ler.

– Um pobre viúvo – conta o que dizia a sua mãe. – Inconsolável!

Louise sente empatia por esse ser magoado que viera para ali em busca de uma forma de paz, tal como ela.

Mrs. Terence claramente já tem uma opinião sobre Louise. Vai fazendo algumas alusões:

– Tem filhos?... E, no Natal, vai para junto da família?

Convenceu-se de que a jovem está a sofrer um desgosto de amor.

É verdade, o Natal está a chegar. Louise passa-o no hotel e, como é a única hóspede, partilha com eles o assado de ganso-bravo, delicioso, e o *pudding*, que não o é tanto assim. Entre o Natal e o Ano Novo, neva muito.

Ela continua as caminhadas com umas grandes botas, mais uma vez fornecidas por Mr. Terence.

– São da minha nora. Diga-se de passagem que os nossos filhos nunca cá vêm no inverno. Preferem as Baleares!

A única animação naquela aldeia perdida acontece pelas 17h00, quando alguns empregados da destilaria, localizada em frente do hotel, vêm beber um copo depois do trabalho. São sempre homens, uns quantos solteiros, e, à sexta, dois contramestres mais velhos e um contabilista. Louise inveja-lhes a convivialidade simples, que poderia ser considerada monótona. Uma cerveja, depois duas, comentários sobre o trabalho do dia, algumas histórias da aldeia, recriminações contra «os de Londres», promessas de votos independentistas, tudo isto com um sotaque que absorve metade das palavras. Como é frequentemente a essa hora que Louise regressa dos passeios, convidam-na a juntar-se à conversa.

– Então, menina, o seu livro está a andar? Da próxima vez que estiver bom tempo, devia ir para os lados do cabo Fenearah, veem-se veados por ali...

Ninguém lhe pergunta mais nada; ela já ocupou um lugar na paisagem, o de «escritora francesa». Ninguém quer saber de onde vem, nem o que viveu, nem o que escreve.

Um dos rapazes, Ed, olhou para ela com interesse. Estendeu-lhe uma mão amiga, convidando-a a dar uma volta de moto no sábado até às destilarias de Islay. Mas Louise ainda não está pronta para iniciar uma relação, nem que seja superficial. Também está em convalescença a esse respeito. Na outra noite, antes de adormecer, pousou uma mão nos seios e a outra esgueirou-se entre as coxas, suave e timidamente, e por fim sentiu prazer. Era um momento puramente sexual, mas ela sentiu-se tranquilizada com aquela forma de naturalidade reencontrada.

Uma noite, Louise descobriu um exemplar de *1984* e foi lê-lo para a cama. Lembrava-se de algumas passagens. A cena de tortura com a ratazana, que já a deixara impressionada, causa-lhe desta vez particular horror, agora que experimentou a rapacidade desses animais. Mas alguma coisa lhe chama a atenção, como um fulgor, algo que ela relê três vezes. No romance, o herói, Winston, encontra um livro escrito por um certo Emmanuel Goldstein, presumivelmente o líder da conspiração contra o Big Brother. Nos seus textos, o dissidente desvenda os métodos do totalitarismo

e, no capítulo sobre a informação, uma frase gela-lhe o sangue: «Aquele que controla o passado consegue controlar o futuro. Aquele que controla o presente consegue controlar o passado.»

Esta frase emociona-a. Nunca sentira que a literatura se dirigisse diretamente a si, ou que pudesse ajudá-la a ver-se claramente a si mesma. Os romances eram histórias, mas agora descobre que podem interferir na realidade.

Orwell ia desenvolvendo o seu raciocínio. A sociedade assentava no facto de o Big Brother ser infalível. Por isso, adaptar o passado ao presente era indispensável para evitar qualquer análise histórica, qualquer comparação ou questionamento. No estalinismo, retocavam-se as antigas fotografias do Politburo para apagar os elementos que tinham acabado no *gulag*. Os membros do partido deviam, portanto, acreditar perpetuamente que o preto é branco e vice-versa, aquilo a que Orwell chama «duplipensar».

Foi exatamente isso que Louise quase fez: mascarar o seu passado. A reescrita da história não deixava de ter vantagens, mas a culpa fora mais forte. Tal como Orwell, ela tinha fugido. Nomear o mal é uma libertação, o ponto culminante do amadurecimento que sente acontecer em si desde que está em Jura. Trazia duas verdades dentro de si e uma estava a mais. Ver as coisas assim é agora tão simples.

Levanta-se, abre a janela e uma aragem gelada invade o quarto. Depois da chuva daquele dia, o céu, sob a luz da lua, readquiriu uma pureza de cristal. Cada bosquezinho, cada árvore, cada ramo destacam-se no fundo nevado com uma nitidez surrealista. É isso que ela quer: o puro, o verdadeiro.

Fica exaltada: nunca se deixará despojar do passado, como os cidadãos de Oceânia. Nunca acabará por dizer, como o pobre Wilson de Orwell, que não tem opinião sobre quanto é dois mais dois. Perante essa ideia fica com a sensação de ser uma resistente.

Algum dia descortinará as razões da sua atitude em Stromness? Para quê debater acerca de um impulso? A introspeção não vai mudar nada, a não ser afundá-la em remorsos. Em criança sonhava ser uma heroína. Mas a vida ri-se dos sonhos. A sua dimensão de sombra fê-la crescer. Já não é «a pequena».

Louise começa a tremer sob a brisa. Obstina-se, para que o seu corpo se lembre tanto como o espírito dessa hora singular. Mais um pouco e partiria a meio da noite, em peregrinação até à casa das portadas azuis onde, setenta anos antes, um homem pareceu estender-lhe a mão.

Inspira profundamente e o ar gelado queima-lhe a garganta. Louise imagina que isso a limpa totalmente desde o interior.

No dia seguinte, o vento sopra com muita força. Logo que acalma, Louise parte para uma luta de cinco horas seguidas até atingir o Beinn an Òir, o cume da ilha, a 785 metros.

Começa por seguir a orla da floresta, onde a neve é menos densa. Atinge rapidamente a zona de prados e perde o caminho de vista. Quanto mais a encosta se eleva, mais difícil lhe é encontrar uma passagem. Insiste, pouisa os punhos no tapete espesso para se apoiar, levanta os joelhos até ao queixo, empurra até com a barriga. A neve enche-lhe as botas e sobe-lhe pelas mangas acima. O sangue que lhe bate nas têmporas provoca-lhe tonturas. Não se preocupa com isso. O combate diverte-a. Quanto mais cansada se sente, mais lhe parece que está a voltar a ter uma energia vital. Esse vigor é a sua marca registada, aquilo que lhe permitiu aguentar desde sempre, acreditar em si mesma quando era uma adolescente obscura, encontrar um caminho na vida, sobreviver quando tudo parecia perdido. Os erros dos meses anteriores tinham ocultado essa força, mas ela reencontra-a com uma inefável felicidade. Alice tem razão, não pode fazer nada, ela é mesmo assim.

Na noite passada, liquidou uma conta antiga. A vida continua. Haverá sempre dor, tristeza e um morto. Ela vai ter sempre uma cicatriz com o nome de Ludovic. Acima de tudo, não quer voltar a esquecer.

À medida que sobe, saboreia a vista que se vai desvendando. Finalmente, desemboca na última curva e a ilha inteira estende-se a seus pés. Lá do alto, a vista é grandiosa e transmite uma sensação de poder. De um lado, ilhas a perder de vista, fileiras de fiordes e os contrafortes violáceos do velho maciço caledónico; do outro, o Atlântico Norte, de um cinzento esverdeado pintalgado com o branco da rebentação eterna.

Louise apercebe-se de que já não precisa deste modesto refúgio na ilha de Jura. Até tem pressa de partir, como os convalescentes quando se sentem irritados por terem de ficar de cama. Vai voltar para a frente, arranjar um emprego, amigos, amores.

Acocorada no alto da montanha, diante das ilhas que começam a ficar banhadas de cor-de-rosa e de cinzento, Louise olha em frente, fixamente. O suor ao longo das suas costas arrefece. Agita maquinalmente os braços para se aquecer. Vai ter de voltar para baixo. É o último passeio que dá na ilha.

O seu futuro não se vai construir à volta de um filme ou de um livro. A roda da atualidade gira muito depressa. Daqui a poucos meses, já ninguém vai reconhecê-la; daqui a uns anos, a sua aventura estará esquecida.

E daqui até lá? Vai perder-se nas brumas escocesas? Tem um diploma que lhe pode ser útil, fala bem inglês. Deve haver emprego para contabilistas, entre o petróleo, o turismo e as minas. Está pronta para fazer seja o que for: tradutora, guia de grupos em Glasgow, Oban, Aberdeen. A sensação de estar diante de uma página em branco é simultaneamente vertiginosa e excitante.

Ainda não são 16h00, a luz empalidece depressa. Abandonando o rasto que fez ao subir, Louise precipita-se encantada pela neve virgem abaixo.

Há um ano, exatamente, o *Jasão* penetrava no canal de Beagle, conduzindo dois miúdos inebriados de felicidade para uma ilha promissora.

Isabelle Autissier